

THE WINDS OF WINTER

CAPÍTULOS TRADUZIDOS

Olá! Este documento é uma compilação de onze capítulos de *The Winds of Winter* traduzidos para o português. Oito deles estão completos, disponibilizados por George R. R. Martin em seu site e app oficiais, ou lidos pelo autor em eventos. Os outros três estão incompletos ou são resumos (porque não existem transcrições completas das leituras).

As traduções foram feitas pela equipe do portal [Gelo & Fogo](#), para quem não lê em inglês também poder sentir um pouquinho dos ventos de inverno. No início de cada capítulo, colocamos as fontes dos textos originais. O documento foi elaborado com carinho, e é disponibilizado gratuitamente (como o próprio Martin fez), mas deu trabalho. Se for copiar ou divulgar, por favor, dê os créditos.

Boa leitura!

Valar dohaeris.

Equipe [Gelo & Fogo](#)



Sumário

- I. [THEON](#)
- II. [VICTARION](#)
- III. [TYRION](#)
- IV. [ARIANNE](#)
- V. [BARRISTAN](#)
- VI. [BARRISTAN](#)
- VII. [TYRION](#)
- VIII. [MERCY](#)
- IX. [ALAYNE](#)
- X. [ARIANNE](#)
- XI. [O ABANDONADO](#)



Excertos de *The Winds of Winter*, por George R. R. Martin. Divulgados publicamente pelo autor, traduzidos para o português pelo portal [Gelo](#)

[& Fogo](#). Contato para sugestões e correções:
bini@geloefogo.com anacarol@geloefogo.com

Theon

(Capítulo completo. Originalmente disponibilizado em georgerrmartin.com, em dezembro de 2011.)

A voz do rei estava engasgada de raiva. “Você é um pirata pior do que Salladhor Saan.”

Theon Greyjoy abriu os olhos. Seus ombros queimavam e ele não conseguia mexer as mãos. Por meia batida de coração ele temeu estar de volta a sua velha cela sob o Forte do Pavor, e que a confusão de memórias em sua cabeça não fosse mais do que o resíduo de algum sonho febril. *Eu estava dormindo*, percebeu. Isso, ou desmaiado de dor. Quando tentou se mexer, balançou de um lado para outro, suas costas roçando contra pedra. Ele estava pendurado a uma parede dentro de uma torre, os pulsos acorrentados a um par de argolas de ferro enferrujadas.

O ar fedia a turfa queimada. O chão era de terra batida. Degraus de madeira subiam em espiral na parede em direção ao teto. Não viu janelas. A torre era úmida, escura e desconfortável, seus únicos móveis uma cadeira de encosto alto e uma mesa arranhada repousando em três suportes. Nenhuma latrina estava visível, mas Theon viu um penico em uma alcova obscurecida. A única luz vinha das velas sobre a mesa. Seus pés balançavam a quase dois metros do chão.

“As dívidas de meu irmão,” murmurou o rei. “As de Joffrey também, apesar de aquela abominação bastarda não ser meu parente.” Theon se retorceu em suas correntes. Ele conhecia aquela voz. *Stannis*.

Theon Greyjoy deu uma risadinha. Uma pontada de dor subiu por seus braços, dos ombros aos pulsos. Tudo o que ele fizera, tudo que sofrera, Fosso Cailin e Vila Acidentada e Winterfell, Abel e suas lavadeiras, Papa-corvos e seus Umbers, a caminhada pela neve, tudo isso só havia servido para trocar um algoz por outro.

“Vossa Graça,” uma segunda voz disse suavemente. “Perdão, mas sua tinta congelou.” *O bravosiano*, Theon soube. Qual era o nome dele? *Tycho... Tycho alguma coisa...* “Talvez um pouco de calor...?”

“Conheço um método mais rápido.” Stannis sacou sua adaga. Por um instante, Theon pensou que ele pretendia esfaquear o banqueiro. *Você nunca vai conseguir uma gota de sangue*

desse aí, meu senhor, poderia ter-lhe dito. O rei repousou a lâmina da faca contra a ponta de seu polegar esquerdo, e cortou. “Aí está. Assinarei com meu próprio sangue. Isso deve deixar seus mestres contentes.”

“Se satisfaz Vossa Graça, satisfará o Banco de Ferro.”

Stannis molhou uma pena no sangue que vertia de seu polegar e rabiscou seu nome ao longo do pedaço de pergaminho. “Você partirá hoje. Lorde Bolton pode estar sobre nós em breve. Não permitirei que você fique preso pela batalha.”

“Essa seria minha preferência também.” O bravosiano escorregou o rolo de pergaminho para dentro de um tubo de madeira. “Espero ter a honra de tratar com Vossa Graça novamente quando estiver sentado em seu Trono de Ferro.”

“Espera ter seu ouro, quer dizer. Guarde suas cordialidades. É dinheiro que preciso de Braavos, não cortesia vazia. Diga ao guarda do lado de fora que preciso de Justin Massey.”

“Será um prazer. O Banco de Ferro sempre está contente em ser útil.” O banqueiro fez uma reverência.

Quando ele que saiu, outro entrou; um cavaleiro. Os cavaleiros do rei haviam entrado e saído a noite toda, Theon se lembrou vagamente. Este parecia ser próximo do rei. Esguio, de cabelos escuros, olhos duros, com o rosto marcado por bexigas e antigas cicatrizes, ele vestia uma sobrecasaca desbotada e bordada com três mariposas. “Senhor,” ele anunciou, “o mestre está lá fora. E Lorde Arnolf comunica que ficaria muito feliz em quebrar o jejum com o senhor.”

“O filho também?”

“E os netos. Lorde Wull solicita audiência também. Ele quer...”

“Sei o que ele quer.” O rei indicou Theon. “Ele. Wull o quer morto. Flint, Norrey... todos eles o querem morto. Pelos meninos que ele matou. Vingança pelo precioso Ned deles.”

“Irá atendê-los?”

“Neste momento, o vira-casacas me é mais útil vivo. Ele tem conhecimentos de que podemos precisar. Mande entrar esse mestre.” O rei apanhou um pergaminho da mesa e apertou os olhos sobre ele. *Uma carta*, sabia Theon. O selo quebrado era de cera negra, dura e

brilhante. *Sei o que diz ali*, pensou, dando um risinho.

Stannis olhou para cima. “O vira-casacas se mexe.”

“Theon. Meu nome é Theon.” Ele tinha que se lembrar de seu nome.

“Sei seu nome. Sei o que fez.”

“Eu a salvei.” A muralha externa de Winterfell tinha vinte e cinco metros de altura, mas embaixo do ponto em que ele pulara, a neve se amontoara até uma altura de mais de doze. *Uma fria almofada branca*. A menina havia sofrido o pior. *Jeyne, o nome dela é Jeyne, mas ela nunca dirá a eles*. Theon caíra em cima dela e quebrara algumas de suas costelas. “Salvei a menina,” disse ele. “Nós fugimos.”

Stannis fungou. “Você caiu. Umber a salvou. Se Mors Papa-corvos e seus homens não estivessem do lado de fora do castelo, Bolton teria vocês dois de volta em instantes.”

Papa-corvos. Theon se lembrou. Um velho, enorme e poderoso, com um rosto rosado e uma barba branca desgrenhada. Ele estivera montado em um garrano, vestido com a pele de um gigantesco urso-das-neves, cuja cabeça era o capuz. Por baixo usava um tapa-olho branco e manchado que lembrou Theon de seu tio Euron. Ele quisera arrancá-lo do rosto de Umber, para ter certeza de que por baixo só havia um buraco vazio, não um olho negro brilhando com malícia. Ao invés disso, choramingara por entre os dentes quebrados e dissera, “Sou...”

“... um vira-casacas e fraticida,” Papa-corvos terminara. “Você segurará essa língua mentirosa, ou a perderá.”

Mas Umber observara a menina de perto, apertando seu único olho bom. “Você é a filha mais nova?”

E Jeyne assentira. “Arya. Meu nome é *Arya*.”

“Arya de Winterfell, é. Da última vez que estive dentro daquelas muralhas, seu cozinheiro nos serviu uma torta de bife e rim. Feita com cerveja, acredito, a melhor que já provei. Qual era o nome dele, daquele cozinheiro?”

“Gage,” disse Jeyne imediatamente. “Era um bom cozinheiro. Fazia tortas de limão para Sansa sempre que tínhamos limões.”

Papa-corvos dedilhara a barba. “Morto agora, suponho. Aquele seu ferreiro também.

Um homem que conhecia bem o aço. Qual era o nome dele?”

Jeyne hesitara. *Mikken*, pensou Theon. *O nome dele era Mikken*. O ferreiro do castelo nunca fizera nenhuma torta de limão para Sansa, o que fizera dele muito menos importante que o cozinheiro do castelo no mundinho doce que ela compartilhava com a amiga Jeyne Poole. *Lembre-se, maldita. Seu pai era o intendente, ele tomava conta de toda a criadagem. O nome do ferreiro era Mikken, Mikken, Mikken. Coloquei-o para morrer na minha frente!*

“Mikken”, disse Jeyne.

Mors Umber grunhira. “É.” O que ele poderia ter dito ou feito depois Theon nunca descobriu, porque foi então que o menino chegou correndo, agarrando uma lança e gritando que o rastrilho do portão principal de Winterfell estava se erguendo. *E como Papa-corvos sorria à menção daquilo.*

Theon se contorceu nas correntes, e pestanejou em direção ao rei abaixo. “Papa-corvos nos encontrou, sim, ele nos mandou até aqui, a você, mas fui eu quem a salvou. Pergunte a ela você mesmo.” Ela diria a ele. “*Você me salvou,*” Jeyne sussurrara, enquanto ele a carregava pela neve. Ela estava pálida de dor, mas passara uma mão sobre sua bochecha e sorria. “*Salvei a Senhora Arya,*” Theon sussurrou de volta. E, de repente, as lanças de Mors Umber estavam todas ao redor deles. “Isso é meu agradecimento?” perguntou a Stannis, chutando fracamente contra a parede. Seus ombros agonizavam. Seu próprio peso os arrancava de seus buracos. Há quanto tempo estaria pendurado aqui? Ainda era noite lá fora? A torre não tinha janelas, ele não tinha como saber.

“Desacorrente-me, e eu lhe servirei.”

“Como serviu a Roose Bolton e Robb Stark?” fungou Stannis. “Penso que não. Temos um fim mais quente em mente para você, vira-casacas. Mas não até que estejamos terminados com você.”

Ele pretende me matar. A ideia era estranhamente reconfortante. A morte não assustava Theon Greyjoy. A morte significaria um fim ao sofrimento. “Termine logo comigo, então,” ele incitou o rei. “Arranque minha cabeça e a espete numa lança. Matei os filhos de Lorde Eddard, devo morrer. Mas faça isso rápido. *Ele está vindo.*”

“Quem está vindo? Bolton?”

“Lorde Ramsay,” sibilou Theon. “O filho, não o pai. Você não pode deixar que ele lhe pegue. Roose... Roose está seguro dentro das muralhas de Winterfell com sua nova esposa gorda. *Ramsay* está vindo.”

“Ramsay Snow, você quer dizer. O Bastardo.”

“*Nunca o chame assim!*” Saliva esguichou dos lábios de Theon. “Ramsay *Bolton*, não Ramsay Snow, nunca Snow, nunca, você tem que se lembrar do *nome* dele, ou ele o machucará.”

“Ele pode tentar. Com qualquer nome que use.”

A porta se abriu com uma rajada de vento escuro gelado e um redemoinho de neve. O cavaleiro das mariposas retornara com o mestre que o rei pedira, seu manto cinza escondido por baixo de uma pesada pele de urso. Atrás deles vinham dois outros cavaleiros, cada um carregando um corvo em uma gaiola. Um deles era o homem que estivera com Asha quando o banqueiro o entregara a ela, um homem corpulento com um porco alado em sua sobrecasaca. O outro era mais alto, de ombros largos e musculoso. A placa de peito do homem grande era de aço prateado ornado com nielo; embora arranhada e amassada, ainda brilhava à luz da vela. A capa que vestia sobre ela estava presa com um coração flamejante.

“Mestre Tybald,” anunciou o cavaleiro das mariposas.

O mestre caiu de joelhos. Ele tinha cabelos vermelhos e ombros redondos, com olhos juntos que a todo momento relanceavam em direção a Theon pendurado na parede. “Vossa Graça. Como posso servir?”

Stannis não respondeu imediatamente. Ele estudou o homem diante de si, com a sobrancelha franzida. “Levante-se.” O mestre se levantou. “Você é mestre no Forte do Pavor. Como é que está aqui conosco?”

“Lorde Arnolf me trouxe para cuidar de seus feridos.”

“De seus feridos? Ou de seus corvos?”

“Ambos, Vossa Graça.”

“Ambos.” Stannis estalou a palavra. “Um corvo de mestre voa para um lugar, e apenas para um lugar. Correto?”

O mestre enxugou suor de sua testa com a manga. “N-não inteiramente, Vossa Graça. A maioria, sim. Alguns podem ser ensinados a voar entre dois castelos. Tais aves são muito valorizadas. E muito de vez em quando, encontramos um corvo que pode aprender os nomes de três ou quatro ou cinco castelos, e voar para cada um quando ordenado. Passáros tão espertos como esses só aparecem uma vez a cada cem anos.”

Stannis acenou em direção aos pássaros pretos nas gaiolas. “Esses dois não são tão espertos, presumo.”

“Não, Vossa Graça. Quem dera fossem.”

“Diga-me, então. Para onde esses dois foram treinados a voar?”

Meistre Tybald não respondeu. Theon Greyjoy pontapeou fracamente, e riu baixinho. *Pego!*

“Responda-me. Se soltássemos essas aves, elas retornariam ao Forte do Pavor?” O rei curvou-se para frente. “Ou elas poderiam voar para Winterfell, ao invés disso?”

Meistre Tybald mijou no manto. Theon não podia ver a mancha escura se espalhando de onde estava pendurado, mas o cheiro de mijo era forte e penetrante.

“Meistre Tybald perdeu a língua,” Stannis observou para seus cavaleiros. “Godry, quantas gaiolas encontrou?”

“Três, Vossa Graça,” disse o cavaleiro grande da placa de peito revestida de prata. “Uma estava vazia.”

“V-Vossa Graça, minha ordem é jurada a servir, nós...”

“Sei tudo sobre seus juramentos. O que quero saber é o que havia na carta que enviou a Winterfell. Pode, por acaso, ter dito a Lorde Bolton onde nos encontrar?”

“S-senhor.” Tybald ombros redondos se ergueu orgulhosamente. “As regras de minha ordem me proibem de divulgar o conteúdo das cartas de Lorde Arnolf.”

“Seus votos são mais fortes que sua bexiga, ao que parece.”

“Vossa graça deve entender...”

“*Devo?*” O rei deu de ombros. “Se você diz. É um homem do saber, afinal. Tive um

meistre em Pedra do Dragão que foi quase um pai para mim. Tenho grande respeito por sua ordem e seus votos. Sor Clayton não compartilha de meus sentimentos, porém. Ele aprendeu tudo o que sabe nas vielas da Baixada das Pulgas. Se eu colocasse você aos cuidados dele, ele poderia estrangulá-lo com sua própria corrente ou arrancar seu olho com uma colher.”

“Só um, Vossa Graça,” se voluntariou o cavaleiro quase careca, o do porco alado. “Eu deixaria o ôtro.”

“De quantos olhos um meistre precisa para ler uma carta?” perguntou Stannis. “Um deve ser suficiente, penso eu. Não gostaria de deixá-lo incapaz de cumprir seus deveres para com seu senhor. Os homens de Roose Bolton podem estar a caminho de nos atacar neste exato momento, porém, então *você* deve entender se eu reduzir certas cortesias. Perguntarei mais uma vez. O que havia na mensagem que enviou a Winterfell?”

O meistre estremeceu. “Um m-mapa, Vossa Graça.”

O rei se inclinou para trás na cadeira. “Tirem-no daqui,” ordenou. “Deixem os corvos.” Uma veia latejava em seu pescoço. “Confinem esse desgraçado cinza em uma das cabanas até que eu decida o que deve ser feito com ele.”

“Assim será feito,” declarou o cavaleiro grande. O meistre desapareceu em outro sopro de frio e neve. Apenas o cavaleiro das três mariposas permaneceu.

Stannis olhou ameaçadoramente para Theon onde pendia. “Você não é o único vira-casacas aqui, ao que parece. Quem dera se todos os lordes dos Sete Reinos tivessem um só pescoço...” Virou-se para seu cavaleiro. “Sor Richard, enquanto faço meu desjejum com Lorde Arnolf, você desarmará os homens dele e os colocará sob custódia. A maioria estará dormindo. Não faça mal a eles, a não ser que resistam. Pode ser que eles não soubessem. Interrogue alguns a esse respeito... mas suavemente. Se eles não tiveram conhecimento dessa traição, terão a chance de provar sua lealdade.” Estalou uma mão em sinal de dispensa. “Mande Justin Massey entrar.”

Outro cavaleiro, soube Theon, quando Massey entrou. Este era bonito, com uma barba loura bem aparada e cabelo liso espesso, tão claro que mais parecia branco do que dourado. Sua túnica ostentava a espiral tripla, um emblema antigo de uma Casa antiga. “Foi-me dito que Vossa Graça necessita de mim,” disse ele, sobre um joelho.

Stannis assentiu. “Você escoltará o banqueiro bravosiano de volta à Muralha. Escolha

seis bons homens e leve doze cavalos.”

“Para montar ou comer?”

O rei não se divertiu. “Quero que tenha partido antes do meio-dia, sor. Lorde Bolton pode estar sobre nós a qualquer momento, e é imperativo que o banqueiro retorne a Braavos. Deverá acompanhá-lo para além mar estreito.”

“Se haverá uma batalha, meu lugar é aqui com o senhor.”

“Seu lugar é onde digo que é. Tenho quinhentos espadachins tão bons quanto você, ou melhores, mas você tem um jeito simpático e uma língua loquaz, que me serão mais úteis em Braavos do que aqui. O Banco de Ferro abriu seus cofres para mim. Você recolherá o dinheiro deles e contratará navios e mercenários. Uma companhia de boa reputação, se puder encontrar uma. A Companhia Dourada seria minha primeira escolha, se já não estiverem sob contrato. Procure por eles nas Terras Disputadas, se necessário. Mas primeiro contrate o máximo de espadachins que puder em Braavos, e os envie a mim por Atalaiaeste. Arqueiros também, precisamos de mais arcos.”

O cabelo de Sor Justin havia caído por sobre um olho. Ele o puxou para trás e disse, “Os capitães das companhias livres se juntarão mais facilmente a um lorde do que a um mero cavaleiro, Vossa Graça. Não tenho terras nem título, por que eles venderiam suas espadas a mim?”

“Vá até eles com os dois punhos cheios de dragões de ouro,” disse o rei, em tom ácido. “Isso pode se mostrar persuasivo. Vinte mil homens devem ser suficientes. Não retorne com menos.”

“Senhor, posso falar livremente?”

“Desde que fale rápido.”

“Vossa Graça deveria ir a Braavos com o banqueiro.”

“É esse seu conselho? Que eu fuja?” O rosto do rei escureceu. “Esse foi seu conselho na Água Negra também, se bem me lembro. Quando a batalha se virou contra nós, deixei você e Horpe me arrastarem de volta a Pedra do Dragão como um cachorro açoitado.”

“O dia estava perdido, Vossa Graça.”

“Sim, foi o que você disse. ‘*O dia está perdido, senhor. Recue agora, para que possa lutar novamente.*’ E agora me sugere sair correndo para além do mar estreito...”

“...para levantar um exército, sim. Como Açamargo fez depois da Batalha do Campo do Capim Vermelho, onde Daemon Blackfyre caiu.”

“Não venha tagarelar sobre história para mim, sor. Daemon Blackfyre era um rebelde e usurpador, Açamargo um bastardo. Quando fugiu, ele jurou que retornaria para colocar um filho de Daemon no Trono de Ferro. Nunca o fez. Palavras são vento, e o vento que sopra exilados para além do mar estreito raramente os sopra de volta. Aquele menino Viserys Targaryen também falava em voltar. Ele escapou por entre meus dedos em Pedra do Dragão, para passar a vida bajulando mercenários. ‘O Rei Pedinte’, era assim que o chamavam nas Cidades Livres. Bem, eu não mendigo, nem vou fugir novamente. Sou o herdeiro de Robert, o rei por direito de Westeros. Meu lugar é com meus homens. O seu é em Braavos. Vá com o banqueiro, e faça como ordenei.”

“Como ordenar,” disse Sor Justin.

“Pode ser que percamos esta batalha,” disse o rei sombriamente. “Em Braavos você pode ouvir que morri. Pode até ser verdade. Não obstante, você deve encontrar meus mercenários.”

O cavaleiro hesitou. “Vossa Graça, se o senhor estiver morto...”

“... você vingará minha morte, e sentará minha filha no Trono de Ferro. Ou morrerá tentando.”

Sor Justin pousou uma mão no punho da espada. “Por minha honra como cavaleiro, o senhor tem minha palavra.”

“Oh, e leve a menina Stark com você. Entregue-a ao Senhor Comandante Snow no caminho a Atalaialeste.” Stannis tocou o pergaminho que repousava diante si. “Um verdadeiro rei paga suas dívidas.”

Pagar, sim, pensou Theon. *Pagar com dinheiro falso.* Jon Snow perceberia a impostura imediatamente. O bastardo taciturno de Lorde Stark conhecera Jeyne Poole, e sempre fora afeiçoado à pequena meia-irmã Arya.

“Os irmãos negros o acompanharão até Castelo Negro,” prosseguiu o rei. “Os

homens-de-ferro devem permanecer aqui, supostamente para lutar por nós. Outro presente de Tycho Nestoris. E além disso, eles só o atrasariam. Homens-de-ferro foram feitos para navios, não cavalos. A Senhora Arya deve ter uma companheira mulher também. Leve Alysanne Mormont.”

Sor Justin jogou o cabelo para trás novamente. “E a Senhora Asha?”

O rei considerou isso por um momento. “Não.”

“Um dia Vossa Graça precisará tomar as Ilhas de Ferro. Será bem mais fácil com a filha de Balon Greyjoy como bode expiatório, com um de seus próprios homens leais como o senhor marido dela.”

“Você?” O rei franziu o cenho. “A mulher é casada, Justin.”

“Um casamento por procuração, nunca consumado. Facilmente anulado. O noivo é velho, além disso. Provavelmente morrerá em breve.”

De uma espada na barriga se depender de você, sor verme. Theon sabia como esses cavaleiros pensavam.

Stannis comprimiu os lábios. “Sirva-me bem nessa questão dos mercenários, e poderá ter o que deseja. Até então, a mulher deve permanecer minha cativa.”

Sor Justin assentiu com a cabeça. “Entendo.”

Isso pareceu apenas irritar o rei. “Seu entendimento não é necessário. Apenas sua obediência. Tome seu caminho, sor.”

Desta vez, quando o cavaleiro saiu, o mundo além da porta pareceu mais branco do que negro.

Stannis Baratheon passou pelo pavimento. A torre era pequena, úmida e apertada. Poucos passos trouxeram o rei até Theon. “Quantos homens Bolton tem em Winterfell?”

“Cinco mil. Seis. Mais.” Ele deu ao rei um sorriso sinistro, todo de dentes quebrados e lascas. “Mais que você.”

“Quantos desses é provável que ele envie contra nós?”

“Não mais do que metade.” Isso era uma suposição, reconhecidamente, mas

pareceu-lhe certa. Roose Bolton não era homem de tropeçar às cegas pela neve, com mapa ou sem. Ele reteria sua força principal na reserva, manteria seus melhores homens consigo, confiaria na maciça muralha dupla de Winterfell. “O castelo estava abarrotado. Homens estavam às gargantas uns dos outros, os Manderly e os Frey especialmente. São eles que sua senhoria enviou contra você, aqueles de quem é melhor que ele se veja livre.”

“Wyman Manderly.” A boca do rei se contorceu com desdém. “Lorde Gordo-Demais-Para-Montar-a-Cavalo. Gordo demais para vir a mim, mas vai a Winterfell. Gordo demais para dobrar o joelho e juramentar sua espada a mim, mas agora ele empunha essa espada por Bolton. Enviei meu Lorde das Cebolas para tratar com ele, e o Lorde Gordo-Demais o chacinou e fincou a cabeça e as mãos dele nas muralhas de Porto Branco para o gozijo dos Freys. E os Freys... o Casamento Vermelho foi esquecido?”

“O Norte se lembra. O Casamento Vermelho, os dedos da Senhora Hornwood, o saque de Winterfell, Bosque Profundo e Praça de Torrhen, eles se lembram de tudo.” *Bran e Rickon. Eram só meninos do moleiro.* “Frey e Manderly nunca combinarão suas forças. Eles virão até você, mas separadamente. Lorde Ramsay não estará muito atrás deles. Ele quer a noiva de volta. Ele quer o Fedor dele.” A risada de Theon foi metade lamúria, metade silêncio. “Lorde Ramsay é quem Vossa Graça deveria temer.”

Stannis ficou eriçado ao ouvir isso. “Derrotei seu tio Victarion e sua Frota de Ferro na costa de Ilha Bela, na primeira vez em que seu pai se coroou. Segurei Ponta Tempestade contra o poder da Campina por um ano, e tomei Pedra do Dragão dos Targaryen. Esmaguei Mance Rayder na Muralha, embora ele tivesse vinte vezes meus números. Diga-me, vira-casacas, que batalhas o Bastardo de Bolton já venceu para que eu devesse temê-lo?”

Você não deve chamá-lo assim! Uma onda de dor passou por Theon Greyjoy. Ele fechou os olhos e fez uma careta. Quando os abriu de novo, disse, “Você não o conhece.”

“Não mais do que ele me conhece.”

“*Me conhece*”, gemeu um dos corvos que o mestre havia deixado. Ele bateu as grandes asas negras contra as barras da gaiola.

“*Conhece*”, gemeu novamente.

Stannis se virou. “Pare com esse barulho.”

Atrás dele, a porta se abriu. Os Karstarks haviam chegado.

Curvado e retorcido, o castelão de Karhold se apoiou pesadamente em sua bengala ao se dirigir à mesa. A capa de Lorde Arnolf era de fina lã cinza, bordada com zibelina preta e afivelada com um sol radiante prateado. *Uma vestimenta rico*, pensou Theon, *em uma desculpa esfarrapada de homem*. Ele vira essa capa antes, sabia, assim como vira o homem que a vestira. *No Forte do Pavor. Eu me lembro. Ele se sentou e ceiou com Lorde Ramsay e Umber Terror das Rameiras, na noite em que tiraram Fedor de sua cela*.

O homem ao lado só podia ser seu filho. Cinquenta anos, julgou Theon, com um redondo rosto macio como o do pai, se Lorde Arnolf ficasse gordo. Atrás dele vinham três homens mais novos. *Os netos*, presumiu. Um vestia um lorigão de cota de malha. O resto estava vestido para o desjejum, não para a batalha. *Tolos*.

“Vossa Graça.” Arnolf Kastark inclinou sua cabeça. “Uma honra.” Ele procurou um assento. Ao invés disso, seus olhos encontraram Theon. “E quem é esse?” O reconhecimento veio um instante depois. Lorde Arnolf empalideceu.

O filho estúpido permaneceu ignorante. “Não há cadeiras,” o idiota observou. Um dos corvos gritou dentro de sua gaiola.

“Só a minha.” Rei Stannis se sentou nela. “Não é um Trono de Ferro, mas aqui e agora serve.” Uma dúzia de homens haviam entrado em fila pela porta da torre, liderados pelo cavaleiro das mariposas e o homem grande na placa de peito revestida de prata. “Vocês são homens mortos, entendam isso,” o rei prosseguiu. “Apenas a maneira de sua execução ainda está para ser determinada. Eu os aconselharia a não desperdiçar meu tempo com negativas. Confessem, e terão o mesmo fim rápido que o Jovem Lobo deu a Lorde Rickard. Mintam, e queimarão. Escolham.”

“Escolho isto.” Um dos netos agarrou o punho da espada, e fez menção de desembainhá-la.

Provou-se uma escolha ruim. A lâmina do neto sequer deixara a bainha antes que dois dos cavaleiros do rei estivessem sobre ele. Terminou com o antebraço dele caindo no chão e sangue jorrando do cepo, e um dos irmãos vacilando em direção às escadas, segurando um ferimento na barriga. Cambaleou por seis degraus antes de cair, e desmoronou de volta ao assoalho.

Nem Arnolf Karstark nem seu filho haviam se mexido.

“Levem-nos,” ordenou o rei. “A vista deles azeda meu estômago.” Em instantes, os cinco homens haviam sido presos e retirados. O que perdera o braço da espada desmaiara pela perda de sangue, mas o irmão com o ferimento na barriga gritava alto o suficiente para os dois. “É assim que lido com traição, vira-casacas,” Stannis informou Theon.

“Meu nome é *Theon*.”

“Como quiser. Diga-me, *Theon*, quantos homens Mors Umer tinha consigo em Winterfell?”

“Nenhum. Nenhum homem.” Ele deu um sorriso largo por sua própria esperteza. “Ele tinha garotos. Eu os vi.” A não ser por um punhado de sargentos meio-aleijados, os guerreiros que Papa-corvos trouxera de Última Lareira quase não eram velhos o bastante para se barbear. “As lanças e os machados eram mais velhos que as mãos que os seguravam. Era Umer Terror das Rameiras quem tinha os homens, dentro do castelo. Eu os vi também. Velhos, todos eles.” Theon deu uma risadinha. “Mors pegou os meninos verdes e Hother pegou os barbas cinzentas. Todos os homens de verdade foram com o Grande-Jon e morreram no Casamento Vermelho. É isso o que queria saber, Vossa Graça?”

Stannis ignorou a zombaria. “Meninos,” foi tudo o que disse, enojado. “Meninos não vão segurar Lorde Bolton por muito tempo.”

“Não por muito tempo,” Theon concordou. “Não por muito tempo mesmo.”

“*Muito tempo*,” gemeu o corvo de sua gaiola.

O rei deu à ave um olhar irritado. “Aquele banqueiro bravosiano afirmou que Sor Aenys Frey está morto. Algum menino fez isso?”

“Vinte meninos verdes, com pás,” Theon contou a ele. “A neve caiu pesadamente por dias. Tão pesadamente que não se podia ver as muralhas do castelo a dez jardas, não mais do que os homens nas ameias conseguiam ver o que acontecia além daquelas muralhas. Então Papa-corvos pôs seus meninos a cavar fossos do lado de fora dos portões do castelo, e soou seu berrante para atrair Lorde Bolton. Ao invés disso, ele recebeu os Freys. A neve havia coberto os fossos, de modo que eles cavalgaram direto dentro deles. Aenys quebrou o pescoço, ouvi dizer, mas Sor Hosteen só perdeu um cavalo, uma pena. Ele estará com raiva agora.”

Estranhamente, Stannis sorriu. “Inimigos raivosos não me importam. A raiva faz dos homens estúpidos, e Hosteen Frey já começou estúpido, se metade do que ouvi dizer sobre ele for verdade. Deixe-o vir.”

“Ele virá.”

“Bolton tropeçou,” declarou o rei. “Tudo o que ele precisava fazer era ficar sentado dentro de seu castelo enquanto morríamos de fome. Ao invés disso, mandou uma porção de suas forças para nos dar batalha. Os cavaleiros dele estarão a cavalo, os nossos devem lutar a pé. Os homens dele estarão bem nutridos, os nossos vão à batalha com barrigas vazias. Não importa. Sor Estúpido, Lorde Gordo-Demais, o Bastardo, deixe-os vir. Temos o terreno, e pretendo usar isso a nosso favor.”

“Que terreno?” disse Theon. “Que terreno? Aqui? Essa torre miserável? Essa vilinha desgraçada? Você não tem terreno elevado aqui, ou muralhas atrás das quais se esconder, nenhuma defesa natural.”

“Ainda.”

“*Ainda,*” os dois corvos gritaram em uníssono. Então um crocitou, e o outro murmurou, “*Árvore, árvore, árvore.*”

A porta se abriu. Além, o mundo estava branco. O cavaleiro das três mariposas entrou, as pernas cobertas de neve. Ele bateu os pés no chão para sacudi-la e disse, “Vossa Graça, os Karstarks estão presos. Alguns resistiram, e morreram por isso. A maioria estava muito confusa, e se rendeu tranquilamente. Levamos todos ao salão e os confinamos lá.”

“Muito bem.”

“Disseram que não sabiam. Os que interrogamos.”

“Eles diriam isso.”

“Poderíamos interrogá-los de forma mais áspera...”

“Não. Acredito neles. Karstark jamais poderia esperar manter a traição em segredo se compartilhasse os planos com qualquer zé bastardo a seu serviço. Algum lanceiro bêbado iria deixar isso escapar alguma noite, deitado com alguma puta. Eles não precisavam saber. São homens de Karhold. Quando chegasse o momento, eles teriam obedecido seus senhores, como

fizeram por todas as suas vidas.”

“Como disser, Senhor.”

“E quanto a nossas perdas?”

“Um dos homens de Lorde Peasebury foi morto, e dois dos meus feridos. Se apetece a Vossa Graça, porém, os homens estão ficando ansiosos. Há centenas deles reunidos ao redor da torre, se perguntando o que aconteceu. Conversas sobre traição estão em todas as bocas. Ninguém sabe em quem confiar, ou quem pode ser o próximo a ser preso. Os nortenhos especialmente...”

“Preciso falar com eles. Wull ainda está esperando?”

“Ele e Artos Flint. O senhor os verá?”

“Em breve. A lula gigante primeiro.”

“Como ordenar.” O cavaleiro saiu.

Minha irmã, Theon pensou, *minha querida irmã*. Embora tivesse perdido toda a sensibilidade nos braços, sentiu o retorcer em sua barriga, o mesmo que sentira quando aquele banqueiro braavosiano sem sangue o apresentara a Asha como um ‘presente’. A memória ainda não cicatrizara. O cavaleiro corpulento e meio careca que estivera com ela não perdera tempo gritando por ajuda, então eles não tiveram mais do que alguns momentos antes de Theon ser arrastado à presença do rei. *Aquilo fora demorado o bastante*. Ele odiara o olhar no rosto de Asha quando ela percebera quem ele era; o choque em seus olhos, a pena na voz, a forma como a boca dela se retorcia com repugnância. Ao invés de correr para abraçá-lo, ela dera meio passo atrás. “O Bastardo fez isso a você?” ela perguntara.

“Você não o chame assim.” Então as palavras começaram a sair de Theon numa torrente. Ele tentou contar a ela tudo, sobre Fedor e o Forte do Pavor e Kyra e as chaves, como Lorde Ramsay nunca tirava nada a não ser pele, a menos que você implorasse. Contou a ela como ele salvara a menina, saltando da muralha do castelo neve adentro. “Nós fugimos. Que Abel faça uma canção sobre isso, nós *fugimos*.” Então ele tivera que dizer quem era Abel, e falar sobre as lavadeiras que não eram realmente lavadeiras. Àquela altura, Theon sabia o quão estranho e incoerente tudo aquilo soava, mas de alguma forma as palavras não paravam. Ele estava com frio e doente e cansado... e fraco, tão fraco, tão tão fraco.

Ela tem que entender. Ela é minha irmã. Ele nunca quis fazer nenhum mal a Bran ou Rickon. Fedor o fez matar aqueles meninos, não *ele* Fedor, o outro. “Não sou fraticida,” ele insistiu. Contou a ela como se deitara com as cadelas de Ramsay, alertou-a de que Winterfell estava cheio de fantasmas. “As espadas sumiram. Quatro, acredito, ou cinco. Não me lembro. Os reis de pedra estão com raiva.” Ele estava tremendo a essa altura, estremeendo como uma folha de outono. “A árvore-coração sabia meu nome. Os deuses antigos. *Theon*, os ouvi sussurrar. Não havia vento, mas as folhas se mexiam. *Theon*, disseram. Meu nome é Theon.” Era bom dizer o nome. Quanto mais ele dizia, menos era provável que esquecesse. “Você tem que saber seu nome,” ele dissera à irmã. “Você... você me disse que era Esgred, mas era mentira. Seu nome é *Asha*.”

“É,” sua irmã dissera, tão suavemente que ele temeu que ela fosse chorar. Theon odiou aquilo. Ele odiava mulheres chorando. Jeyne Poole chorara por todo o caminho de Winterfell até aqui, chorara até que o rosto ficar púrpura como uma beterraba e as lágrimas congelarem nas bochechas, e tudo porque ele dissera que ela devia ser Arya, do contrário os lobos poderiam mandá-los de volta. “Eles a treinaram em um bordel,” ele a lembrou, sussurrando em seu ouvido para que os outros não ouvissem. “Jeyne é a coisa mais próxima que existe de uma puta, você deve continuar sendo Arya.” Ele não queria lhe fazer mal. Era para o bem dela, e dele. *Ela tem que se lembrar de seu nome.* Quando a ponta do nariz dela ficou escura pelo congelamento, e um dos cavaleiros da Patrulha da Noite lhe dissera que ela poderia perder um pedaço dele, Jeyne chorara por isso também. “Ninguém vai se importar com a aparência de Arya, desde que ela seja herdeira de Winterfell,” ele garantiu. “Uma centena de homens quererá desposá-la. Um milhar.”

A memória deixou Theon se contorcendo nas correntes. “Deixe-me descer,” ele spulicou. “Só um pouquinho, depois pode me pendurar novamente.” Stannis Baratheon olhou para cima na direção dele, mas não respondeu. “*Árvore*”, um corvo gemeu. “*Árvore, árvore, árvore.*”

Então outro corvo disse, “*Theon*”, tão claro como o dia, e Asha veio a passos largos pela porta.

Qarl, o Donzel, estava com ela, e Tristifer Botley. Theon conhecera Botley desde que eram meninos, lá em Pyke. *Por que ela trouxe os bichinhos de estimação? Pretende me libertar?* Eles terminariam da mesma forma que os Karstark, se ela tentasse.

O rei ficou contrariado com a presença deles também. “Seus guardas podem esperar lá

fora. Se eu quisesse lhe fazer mal, dois homens não me dissuadiriam.”

Os nascidos-do-ferro fizeram uma reverência e se retiraram. Asha dobrou um joelho. “Vossa Graça. É preciso que meu irmão fique acorrentado dessa forma? Parece uma recompensa ruim por lhe ter trazido a menina Stark.”

A boca do rei se contraiu. “Tem uma língua ousada, minha senhora. Não diferente de seu irmão vira-casacas.”

“Obrigado, Vossa Graça.”

“Não foi um elogio.” Stannis lançou a Theon um longo olhar. “A vila não tem uma masmorra, e eu tenho mais prisioneiros do que previ quando paramos aqui.” Ele fez sinal para que Asha se pusesse de pé. “Pode se levantar.”

Ela ficou de pé. “O braavosiano resgatou sete de meus homens da Senhora Glover. Pagaria com prazer um resgate por meu irmão.”

“Não existe ouro suficiente em todas as suas Ilhas de Ferro. As mãos de seu irmão estão encharcadas de sangue. Farring insiste que eu o entregue a R’hllor.”

“Clayton Suggs também, não duvido.”

“Ele, Corliss Penny, todo o resto. Até Sor Richard aqui, que só ama o Senhor da Luz quando serve a seus propósitos.”

“O coro do deus vermelho só conhece uma canção.”

“Enquanto a canção agrada os ouvidos do deus, deixe-os cantar. Os homens de Lorde Bolton estarão aqui mais cedo do que desejaríamos. Só Mors Umber está entre nós, e seu irmão me diz que seus recrutas são todos meninos verdes. Os homens gostam de saber que seu deus está com eles quando vão à batalha.”

“Nem todos os seus homens adoram o mesmo deus.”

“Estou ciente disso. Não sou o tolo que meu irmão era.”

“Theon é o último filho sobrevivente de minha mãe. Quando os irmãos dele morreram, isso a despedaçou. A morte dele esmagará o que resta dela... mas eu não vim para lhe implorar pela vida dele.”

“Sábia. Sinto por sua mãe, mas não poupo as vidas de vira-casacas. Este aqui, especialmente. Ele matou dois filhos de Eddard Stark. Todo homem do Norte ao meu serviço me abandonaria se eu mostrasse qualquer clemência em relação a ele. Seu irmão deve morrer.”

“Então faça-o o senhor mesmo, Vossa Graça.” A frieza na voz de Asha fez Theon arrepiar em suas correntes. “Leve-o além do lago à ilhota onde há a árvore-coração, e arranque sua cabeça com aquela espada enfeitiçada que o senhor porta. É assim que Eddard Stark teria feito. Theon matou os filhos de Lorde Eddard. Dê-o aos deuses de Lorde Eddard. Os deuses antigos do Norte. Dê-o à árvore.”

E de repente uma batida selvagem começou, os corvos do mestre saltando e se debatendo dentro das gaiolas, as penas negras esvoaçando quando batiam contra as barras com crocitos altos e estridentes. “*A árvore*”, um grasnou, “*árvore, árvore, árvore,*” enquanto o segundo só gritava, “*Theon, Theon, Theon.*”

Theon Greyjoy sorriu. *Eles sabem meu nome,* pensou.

Victarion

(Capítulo incompleto e resumo do restante. Lido na TIFF Bell Lightbox, em março de 2012, e na Miscon, em junho de 2012. Primeira leitura disponível no [Youtube](#), transcrição por u/icedune21 no [reddit](#); notas sobre o restante por Bulldog em [A Forum of Ice and Fire](#).)

O *Nobre Senhora* era uma banheira de um navio, gordo e chafurdante como as senhoras nobres das terras verdes. Seus porões eram enormes, e Victarion os encheu de homens armados. Com o navio, navegariam os outros prêmios menores que a Frota de Ferro tinha tomado em sua longa jornada até a Baía dos Escravos, uma tosca variedade de cocas, cocas grandes, carracas e galés mercantes, salpicada aqui e ali por alguns barcos pesqueiros. Era uma frota gorda e fraca, que oferecia muito em forma de lã, vinhos e outros bens comerciais e pouco em forma de perigo. Victarion deu o comando dela para Wulf Uma-orelha.

“Os traficantes de escravos podem tremer quando virem suas velas surgindo no mar”, disse ele, “mas quando os virem direito vão rir de seus próprios medos. Mercadores e pescadores, é só isso que vocês são. Qualquer homem pode ver isso. Deixem-nos chegar tão perto quanto quiserem, mas mantenha seus homens escondidos no convés até que estejam prontos. Então, se aproximem e aborem-nos. Libertem os escravos e joguem os escravagistas ao mar, mas tomem os navios. Vamos precisar de cada casco para nos levar de volta para casa.”

“Casa.” Wulf sorriu. “Os homens vão gostar disso, Senhor Capitão. Primeiro os navios – depois quebramos esses yunkaítas. É.”

O *Vitória de Ferro* foi amarrado ao lado do *Nobre Senhora*, os dois navios apertados com correntes e ganchos, uma escada estendida entre eles. A grande coca era muito maior que o navio de guerra e erguia-se mais alta sobre a água. Por toda a extensão das amuradas os rostos dos nascidos do ferro olhavam para baixo, assistindo Victarion dar um tapa no ombro de Wulf Uma-orelha e o mandar escada acima. O mar estava calmo e parado, o céu brilhante de estrelas. Wulf ordenou que a escada fosse retirada e as correntes arrematadas. O navio de guerra e o barco de pesca se separaram. À distância, o resto da famosa frota de Victarion içava velas. Um grito áspero ecoou da tripulação do *Vitória de Ferro*, e foi respondido à altura pelos homens do *Nobre Senhora*.

Victarion havia dado a Wulf seus melhores guerreiros. Ele os invejava. Seriam os primeiros a golpear, os primeiros a ver o medo nos olhares dos inimigos. Enquanto estava na proa do *Vitória de Ferro* vendo os navios mercantes de Uma-orelha desaparecerem um a um ao

oeste, as faces dos primeiros inimigos que matara voltaram a Victarion Greyjoy. Ele pensou em seu primeiro navio, em sua primeira mulher. Havia uma inquietação nele, fome de alvorada e das coisas que este dia traria. *Morte ou glória, beberei das duas hoje.* A Cadeira de Pedra do Mar deveria ter sido sua quando Balon morreu, mas seu irmão Euron a roubara, assim como roubara sua esposa muitos anos antes. *Ele a roubou e maculou, mas deixou para mim o ato de matá-la.*

Tudo isso estava morto e enterrado agora, porém. Victarion finalmente cobraria sua dívida. *Tenho o berrante, e em breve terei a mulher. Uma mulher mais graciosa que a esposa que ele me fez matar.*

"Capitão." A voz pertencia a Longwater Pyke. "Os remadores aguardam seu comando."

Três deles, e fortes. "Mande-os a minha cabine. Quero o sacerdote também."

Os remadores eram todos grandes. Um deles era um menino, outro era um brutamontes, e outro um bastardo de um bastardo. O Menino remava há menos de um ano, o Brutamontes há vinte. Eles tinham nomes, mas Victarion não sabia quais eram. Um viera do *Lamentação*, o outro do *Pardal Falcão*, e o outro do *Beijo de Aranha*. Não se podia esperar que ele soubesse os nomes de cada servo que já houvesse puxado um remo na Frota de Ferro.

"Mostre-lhes o berrante", ele ordenou, quando os três haviam sido conduzidos a sua cabine.

Moqorro o trouxe à vista, e a mulher morena levantou uma lanterna para dar uma olhada neles. Sob luz vacilante da lanterna, o berrante infernal parecia se contorcer e girar nas mãos do sacerdote como uma serpente que lutava para se libertar. Moqorro era um homem de tamanho monstruoso – barrigudo, com ombros largos, alto como uma torre – mas mesmo em suas mãos o berrante parecia enorme.

"Meu irmão encontrou essa coisa em Valíria", disse Victarion aos servos. "Pensem no quão grande o dragão deve ter sido para ter dois desses na cabeça. Maior que Vhagar ou Meraxes, maior que Balerion, o Terror Negro." Ele tomou o chifre de Moqorro e percorreu a palma da mão ao longo de suas curvas. "Na Assembleia de Homens Livres, em Velha Wyk, um dos mudos de Euron tocou este berrante. Alguns de vocês se lembram. Foi um som que qualquer homem que o tenha ouvido jamais esquecerá."

“Dizem que ele morreu,” disse o menino, “o que tocou o chifre.”

“É. O chifre soltava fumaça depois. O mudo tinha bolhas nos lábios, e o pássaro tatuado no peito dele estava sangrando. Ele morreu no dia seguinte. Quando o abriram, os pulmões estavam negros.”

“O chifre é amaldiçoado,” disse o Bastardo do Bastardo.

“O chifre de um dragão de Valíria,” disse Victarion. “É, é amaldiçoado. Eu nunca disse que não era.” Ele passou a mão em uma das tiras de ouro vermelho e os glifos antigos pareceram cantar sob seus dedos. Por meia batida de coração, o que mais que foi só-lo ele mesmo. *Euron foi um tolo em me dar isso, é uma coisa preciosa, e poderosa. Com isso, vou ganhar a Cadeira de Pedra do Mar, e então o Trono de Ferro. Com isso, vou ganhar o mundo.*

“Claggorn tocou o berrante três vezes e morreu por isso. Ele era tão grande quanto qualquer um de vocês, e forte como eu. Tão forte que poderia torcer cabeça de um homem em seus próprios ombros só com as mãos, e ainda assim o chifre o matou.”

“Ele vai nos matar também, então,” disse o Menino.

Não era frequente que Victarion perdoasse um servo falando fora de hora, mas o Menino era jovem, não tinha mais de vinte anos, e logo morreria, além disso. Ele deixou passar.

“O mudo soou o berrante três vezes. Vocês três soarão apenas uma vez. Pode ser que morram, pode ser que não. Todos os homens morrem. A Frota de Ferro está navegando em direção à batalha. Muitos neste mesmo navio estarão mortos antes do sol se pôr – esfaqueados ou cortados, eviscerados, afogados, queimados vivos – só os deuses sabem quantos de nós ainda estarão aqui quando a manhã chegar. Toquem o berrante e vivam, e eu farei de vocês homens livres. Um, dois ou todos os três. Vou dar-lhes esposas, um pedaço de terra, um navio para navegar, servos próprios. Os homens vão saber seus nomes.”

“Até o senhor, Senhor Capitão?” perguntou o Bastardo do Bastardo.

“É.”

“Farei, então.”

“E eu também,” disse o Menino.

O Brutamontes cruzou os braços e assentiu com a cabeça.

Se acreditarem que têm uma escolha os faz mais corajosos, que se agarrem a isso. Victarion pouco se importava com o que eles acreditavam, eram apenas servos.

“Vocês navegarão comigo no *Vitória de Ferro*,” disse a eles, “mas não se estarão na batalha. Menino, você é o mais novo – tocará primeiro. Quando chegar a hora, você tocará por um bom tempo, e alto. Dizem que você é forte. Toque até que esteja fraco demais para ficar de pé, até que o último resto de fôlego tenha saído de você, até que seus pulmões queimem. Deixe os libertos ouvirem você em Meereen, os traficantes de escravos em Yunkai, os fantasmas em Astapor. Deixe os macacos se cagarem quando o som soar pela Ilha de Cedros. Em seguida, passe o berrante adiante, para o homem seguinte. Ouviu? Sabe o que fazer?”

O Menino e o Bastardo do Bastardo puxaram seus topetes, o Brutamontes poderia ter feito o mesmo, mas ele era careca.

“Podem tocar no berrante. E então ir embora.”

Deixaram-no um a um. Os três servos e, em seguida Moqorro. Victarion não o deixaria levar o berrante infernal.

“Ele ficará aqui, comigo, até que seja necessário.”

“Como preferir. Gostaria que eu o sangrasse?”

Victarion agarrou a mulher morena pelo pulso e a puxou para si. “Ela fará isso. Vá orar ao seu deus vermelho. Acenda seu fogo, e me diga o que vê.”

Os olhos escuros de Moqorro pareceram brilhar. “Vejo dragões.”

Notas sobre o restante do capítulo:

- ❖ A mulher morena sangra o braço de Victarion em uma bacia. Victarion esfrega o sangue no berrante, murmurando suavemente para ele “*Meu berrante... dragões...*”;
- ❖ Victarion masturba a mulher morena, não há penetração. Ele pensa que não gosta de transar antes da batalha;
- ❖ A mulher morena o ajuda a colocar a armadura, ele faz um discurso vibrante

para a tripulação, e eles velejam em direção a Meereen.

Tyrion

(Resumo de capítulo. Lido na Olympus Eastercon, em abril de 2012. Compilação de relatos disponíveis em [A Forum of Ice and Fire.](#))

Tyrion joga cyvasse com Ben Mulato Plumm, enquanto esperam o exército de Barristan se mover e tentar quebrar o cerco de Meereen. Tyrion blefa sobre estar ganhando o jogo. Os dois brincam com outros do pessoal de Ben sobre o que é a pior coisa da espera pelo começo da batalha, ouvindo o som dos trabucos arremessando mais cadáveres em Meereen. Tyrion diz que é possível saber qual trabuco está atirando por seu som. Merreca está viva, mas dormindo.

Ben Mulato reflete que os dois dragões são curingas que podem atacar qualquer coisa em ambos os lados durante a batalha. Plumm pensa em mudar de lado mais uma vez. Ele pensa que Daenerys voltará no terceiro dragão e eles pensam em resgatar um dos três reféns – Daario, Jhogo e Hero – e entregá-los a Meereen para, assim, mudar de lado uma segunda vez. O plano é afirmar que só fingiram mudar de lado antes, de modo a descobrir os planos yunkaítas. Ben está preocupado que Daenerys possa matá-lo, e também com a frota volante.

Tyrion pensa com ceticismo sobre isso, e se será compensado com gratidão por ter matado o inimigo mais perigoso de Daenerys: Tywin. Quando Tyrion está prestes a ganhar a partida de cyvasse, Jorah irrompe com notícias de velas negras dos homens de ferro na baía, ostentando estandartes de dragão.

Arianne

(Capítulo completo. Originalmente disponibilizado em georgerrmartin.com, em janeiro de 2013.)

Na manhã em que ela deixou os Jardins de Água, seu pai se levantou da cadeira para beijá-la nas duas bochechas. “O destino de Dorne vai com você, filha,” disse ele, enquanto apertava um pergaminho em sua mão. “Vá depressa, vá em segurança, seja meus olhos e ouvidos e voz... mas acima de tudo, *tenha cuidado*.”

“Terei, Pai.” Ela não derramou uma lágrima. Arianne Martell era uma princesa de Dorne, e dorneses não desperdiçavam água facilmente. Foi por pouco, porém. Não foram os beijos de seu pai nem suas palavras roucas que marejaram seus olhos, mas o esforço que o pôs de pé, as pernas tremendo sob ele, as juntas inchadas e inflamadas pela gota. Ficar em pé era um ato de amor. Ficar em pé era um ato de fé.

Ele acredita em mim. Não falharei com ele.

Sete deles saíram juntos em sete corcéis de areia dorneses. Um grupo pequeno viaja mais rápido que um grande, mas a herdeira de Dorne não cavalga sozinha. De Graçadivina veio Sor Daemon Sand, o bastardo; outrora escudeiro do Príncipe Oberyn, agora o escudo juramentado de Arianne. De Lançassolar, dois ousados jovens cavaleiros, Joss Hood e Garibald Shells, para juntar suas espadas à dele. Dos Jardins de Água, sete corvos e um rapaz jovem e alto para cuidar deles. O nome dele era Nate, mas ele trabalhava com os pássaros há tanto tempo que só era chamado de Penas. E uma vez que uma princesa deve ter algumas mulheres para servi-la, a companhia também incluía a bonita Jayne Ladybright e a selvagem Elia Sand, uma donzela de quatorze anos.

Eles seguiram para o norte pelo nordeste, através de terras secas e planícies ressecadas e areias sem cor em direção a Monte Espírito, a fortaleza da Casa Toland, onde o navio que os levaria através do Mar de Dorne aguardava. “Envie um corvo sempre que tiver notícias,” disse-lhe o Príncipe Doran, “mas reporte apenas o que souber ser verdade. Estamos perdidos na neblina aqui, cercados por rumores, falsidades e contos de viajantes. Não ouse agir até que saiba com certeza o que está acontecendo.”

Está acontecendo guerra, pensou Arianne, e desta vez Dorne não será poupado. “Ruína e morte estão chegando,” Ellaria Sand os alertara, antes de ela mesma deixar o Príncipe Doran.

“É o momento de minhas pequenas serpentes se espalharem, para sobreviverem melhor à carnificina.” Ellaria retornava à sede de seu pai em Toca do Inferno. Com ela ia sua filha Loreza, que acabara de completar sete anos. Dorea permaneceu nos Jardins de Água, uma criança em meio a uma centena. Obella seria despachada para Lançassolar, para servir como copeira da esposa do castelão, Manfrey Martell.

E Elia Sand, a mais velha das quatro garotas que Prince Oberyn tivera com Ellaria, cruzaria o Mar de Dorne com Arianne. “Como uma senhora, não uma lanceira,” sua mãe disse firmemente, mas como todas as Serpentes de Areia, Elia tinha suas próprias ideias.

Eles cruzaram as areias em dois longos dias e a maior parte de duas noites, parando três vezes para trocar os cavalos. Foi um período solitário para Arianne, cercada de tantos estranhos. Elia era sua prima, mas quase uma criança, e Daemon Sand... as coisas nunca haviam sido as mesmas entre ela e o Bastardo de Graçadivina depois que seu pai recusou a oferta dele por sua mão. *Ele era um garoto à época, e nascido bastardo, não era um consorte adequado para uma princesa de Dorne, ele deveria ter sabido. E foi a vontade de meu pai, não a minha.* O resto dos companheiros ela quase não conhecia.

Arianne sentia falta de seus amigos. Drey e Garin e sua doce Sylva Malhada haviam sido parte dela desde que era pequena, confidentes fiáveis que compartilhavam seus sonhos e segredos, a alegravam quando ela estava triste, a ajudavam a enfrentar seus medos. Um deles a traíra, mas ela sentia falta deles mesmo assim. *Foi culpa minha.* Arianne fizera deles integrantes de sua conspiração para escapular com Myrcella Baratheon e coroá-la rainha, um ato de rebelião para forçar seu pai a agir, mas a língua solta de alguém a arruinara. A tosca conspiração não conseguira nada, a não ser tirar da pobre Myrcella parte de seu rosto, e a vida de Sor Arys Oakheart.

Arianne sentia falta de Sor Arys também, mais do que jamais teria imaginado. *Ele me amava loucamente,* disse a si mesma, *mas eu nunca tive mais do que afeição por ele. Eu o usei em minha cama e em minha conspiração, tomei seu amor e tomei sua honra, dei a ele nada mais do que meu corpo. No fim, ele não podia viver com o que fizéramos.* Por que outra razão seu cavaleiro branco teria investido direto contra o machado longo de Areo Hotah, para morrer como morreu? *Fui uma garota tola e teimosa, jogando o jogo dos tronos como um bêbado jogando dados.*

O preço de sua insensatez fora caro. Drey fora mandado a Norvos, do outro lado do mundo, Garin exilado em Tyrosh por dois anos, sua doce, bobinha e sorridente Sylva casada

com Eldon Estermont, um homem velho o bastante para ser seu avô. Sor Arys havia pagado com o sangue de sua vida, Myrcella com uma orelha.

Apenas Sor Gerold Dayne escapara incólume. *Estrela Negra*. Se o cavalo de Myrcella não tivesse refugado no último instante, a espada longa dele a teria rasgado do peito à cintura, ao invés de apenas lhe tirar a orelha. Dayne era seu pecado mais grave, aquele do qual Arianne mais se arrependia. Com um golpe de espada, ele transformara o plano malfeito dela em algo sórdido e sangrento. Se os deuses fossem bons, a essa altura Obara Sand o teria encurralado em sua fortaleza nas montanhas e dado cabo dele.

Ela disse isso a Daemon Sand naquela primeira noite, enquanto armavam acampamento. “Tenha cuidado com o que pede aos deuses, princesa,” ele respondeu. “Estrela Negra poderia dar cabo da Senhora Obara com a mesma facilidade.”

“Ela tem Areo Hotah consigo.” O capitão da guarda do Príncipe Doran havia liquidado Sor Arys Oakehart com um único golpe, embora os Guardas Reais fossem supostamente os melhores cavaleiros de todo o reino. “Nenhum homem pode com Hotah.”

“É isso o que Estrela Negra é? Um homem?” Sor Daemon fez uma careta. “Um homem não teria feito o que ele fez com a Princesa Myrcella. Sor Gerold é mais víbora do que seu tio jamais foi. O Príncipe Oberyn via que ele era veneno, disse isso mais de uma vez. É uma pena que ele nunca tenha se decidido a matá-lo.”

Veneno, pensou Arianne. *Sim*. Veneno bonito, porém. Ele a enganara assim. Gerold Dayne era duro e cruel, mas tão belo de se olhar que a princesa não acreditara na metade dos contos que ouvira sobre ele. Garotos bonitos sempre haviam sido sua fraqueza, particularmente aqueles que também eram sombrios e perigosos. *Isso foi antes, quando eu era só uma garota*, disse a si mesma. *Sou uma mulher agora, filha de meu pai. Aprendi essa lição*.

Com o raiar do dia, partiram novamente. Elia Sand ia à frente, a trança negra esvoaçando atrás de si enquanto ela galopava pelas planícies secas e rachadas e subia pelas colinas. A garota era louca por cavalos, o que podia ser o motivo pelo qual ela frequentemente cheirava como um, para a aflição da mãe. Às vezes, Arianne sentia pena de Ellaria. Quatro filhas, e cada uma delas filha do pai.

O resto do grupo se mantinha a um ritmo mais tranquilo. A princesa se viu cavalgando ao lado de Sor Daemon, lembrando de outras cavalgadas quando eram mais jovens, cavalgadas que frequentemente terminavam em abraços. Quando se percebeu olhando-o de relance, alto e

galante na sela, Arianne se lembrou de que era herdeira de Dorne, e ele nada mais que seu escudo. “Diga-me o que sabe sobre esse Jon Connington,” ela ordenou.

“Ele está morto,” disse Daemon Sand. “Morreu nas Terras Disputadas. De bebida, ouvi dizer.”

“Então um morto bêbado lidera esse exército?”

“Talvez este Jon Connington seja um filho daquele. Ou apenas um mercenário esperto que pegou o nome de um morto.”

“Ou ele nunca morreu.” Poderia Connington estar se fingindo de morto por todos esses anos? Isso exigiria uma paciência digna do pai dela. A ideia causou apreensão em Arianne. Tratar com um homem tão sutil poderia ser perigoso. “Como ele era antes de... antes de morrer?”

“Eu era menino em Graçadivina quando ele foi mandado para o exílio. Nunca conheci o homem.”

“Então conte-me o que outros lhe contaram sobre ele.”

“Como minha princesa ordenar. Connington era o Senhor de Poleiro do Grifo, quando Poleiro do Grifo ainda era uma propriedade que valesse a pena ter. Escudeiro do Príncipe Rhaegar, ou um deles. Mais tarde amigo de Príncipe Rhaegar e companheiro. O Rei Louco o nomeou Mão durante a Rebelião de Robert, mas ele foi derrotado no Septo de Pedra, na Batalha dos Sinos, e Robert escapou. O Rei Aerys ficou irado, e mandou Connington para o exílio. Lá ele morreu.”

“Ou não.” O Príncipe Doran contara a ela tudo aquilo. *Deve haver mais*. “Essas são apenas as coisas que ele fez. Sei de tudo isso. Que tipo de homem ele era? Honesto e honrado, corrupto e ávido, orgulhoso?”

“Orgulhoso, com certeza. Até arrogante. Um amigo fiel de Rhaegar, mas espinhoso com outros. Robert era seu suserano, mas ouvi dizer que Connington se irritava em servir um senhor como ele. Mesmo à época, Robert era conhecido por gostar de vinho e putas.”

“Nada de putas para Lorde Jon, então?”

“Não saberia dizer. Alguns homens mantêm suas putas em segredo.”

“Ele tinha esposa? Uma amante?”

Sor Daemon deu de ombros. “Não sobre quem eu tenha ouvido.”

Isso também era preocupante. Sor Arys Oakheart quebrara seus votos por ela, mas não parecia que Jon Connington pudesse ser manejado de forma similar. *Posso competir com um homem desses apenas com palavras?*

A princesa caiu em silêncio, considerando o tempo todo o que encontraria no fim da jornada. Naquela noite, quando armaram acampamento, ela engatinhou para dentro da tenda que dividia com Jayne Ladybright e Elia Sand, e escorregou o pedaço de pergaminho para fora da manga para ler as palavras novamente.

Ao Príncipe Doran da Casa Martell,
Lembrar-se-á de mim, espero. Conheci sua irmã bem,
e fui um servo leal de seu cunhado. Lamento por eles como
você. Não morri, nem o filho de sua irmã. Para salvar a vida
dele, o mantivemos escondido, mas o tempo de se esconder
terminou. Um dragão voltou a Westeros para reclamar seu
direito de nascença e buscar vingança por seu pai, e pela
princesa Elia, sua mãe. Em nome dela volto-me para Dorne.
Não nos abandone.

Jon Connington
Senhor de Poleiro do Grifo
Mão do Verdadeiro Rei

Arianne leu a carta três vezes, e então a enrolou e a meteu novamente manga adentro. Um dragão retornou a Westeros, mas não o dragão que meu pai esperava. Em nenhum lugar nas palavras havia menção a Daenerys Nascida da Tormenta... nem de Príncipe Quentyn, seu irmão, que havia sido enviado para buscar a rainha dragão. A princesa se lembrou de como o pai apertara a peça de *cyvasse* feita de ônix na palma de sua mão, a voz dele rouca e baixa enquanto confessava seu plano. *Uma viagem longa e perigosa, com uma recepção incerta em seu final*, ele dissera. *Ele partiu para trazer a nós o desejo de nosso coração. Vingança. Justiça. Fogo e sangue.*

Fogo e sangue eram o que Jon Connington (se de fato era ele) oferecia também. Será? “Ele vem com mercenários, mas sem dragões,” Príncipe Doran dissera a ela, na noite em que o

corvo chegara. “A Companhia Dourada é a melhor e maior das companhias livres, mas dez mil mercenários não podem esperar conquistar os Sete Reinos. O filho de Elia... Eu choraria de alegria se alguma parte de minha irmã tivesse sobrevivido, mas que prova temos de que é Aegon?” Sua voz se quebrou quando ele disse isso. “Onde estão os dragões?” ele perguntou. “Onde está Daenerys?” e Arianne sabia que ele estava realmente dizendo, “Onde está meu filho?”

No Caminho do Espinhaço e no Passo do Príncipe, duas hostes dornesas haviam se reunido, e lá aguardavam, afiando suas lanças, polindo suas armaduras, jogando dados, bebendo, brigando, seus números diminuindo a cada dia, esperando, esperando, esperando que o Príncipe de Dorne as despachasse contra os inimigos da Casa Martell. *Esperando pelos dragões. Por fogo e sangue. Por mim.* Uma palavra de Arianne e aqueles exércitos marchariam... desde que a palavra fosse *dragão*. Se, ao invés disso, a palavra enviada fosse *guerra*, Lorde Yronwood e Lord Fowler em seus exércitos permaneceriam em seus lugares. O Príncipe de Dorne não era nada a não ser sutil; aqui *guerra* significava *espera*.

No meio da manhã do terceiro dia, Monte Espírito se ergueu à frente deles, suas muralhas cor-de-giz brilhando contra o azul profundo do Mar de Dorne. Nas torres quadradas nos cantos do castelo esvoaçavam os estandartes da Casa Toland; um dragão verde mordendo sua própria cauda, sobre um campo dourado. O sol e a lança da Casa Martell tremulavam no topo da grande torre central, dourado e vermelho e laranja, desafiador.

Corvos haviam voado com antecedência para alertar a Senhora Toland da chegada deles, e assim os portões do castelo estavam abertos, e a filha mais velha de Nymella saiu montada com o intendente para recebê-los perto do sopé da colina. Alta e feroz, com uma labareda de cabelo ruivo brilhante caindo sobre os ombros, Valena Toland saudou Arianne com um brado de, “Finalmente chegou? Esses cavalos são muito lentos?”

“Rápidos o bastante para vencer o seu numa corrida aos portões do castelo.”

“Veremos quanto a isso.” Valena girou bateu os calcanhares em seu grande vermelho, e a corrida começou, pelas alamedas empoeiradas do povoado no sopé da colina, enquanto galinhas e aldeões corriam para sair do caminho delas. Arianne estava a três cavalos de distância quando fez sua égua galopar, mas a reduziu para um na metade da ladeira. As duas estavam lado a lado quando trovejaram em direção ao portão, mas a cinco jardas dos portões Elia Sand veio voando da nuvem de poeira atrás delas, e passou correndo pelas duas em sua potranca

preta.

“Você é meio cavalo, menina?” perguntou Valena, rindo, no pátio. “Princesa, você trouxe uma cavaliça?”

“Sou Elia,” anunciou a garota. “Senhora Lança.”

Quem quer tenha dado a ela esse nome tem muito a responder. Se calhasse, teria sido o próprio Príncipe Oberyng, porém, e o Víbora Vermelha nunca respondera a ninguém a não ser a si mesmo.

“A menina das justas,” disse Valena. “Sim, ouvi sobre você. Já que foi a primeira até o pátio, ganhou a honra de dar água e colocar as rédeas nos cavalos.”

“E depois disso encontrar a casa de banhos,” disse a Princesa Arianne. Elia era giz e poeira dos pés à cabeça.

Naquela noite, Arianne e seus cavaleiros cearam com a Senhora Nymella e suas filhas no grande salão do castelo. Teora, a menina mais nova, tinha o mesmo cabelo ruivo da irmã, mas no resto não podia ser mais diferente. Baixa, rechonchuda e tão tímida que poderia ter passado por muda, ela mostrava mais interesse na carne temperada e no pato ao mel do que nos graciosos jovens cavaleiros à mesa, e parecia satisfeita em deixar a senhora sua mãe e sua irmã falarem pela Casa Toland.

“Ouvimos as mesmas histórias aqui que ouvimos em Lançassolar,” a Senhora Nymella contou-lhes enquanto o criado servia vinho. “Mercenários desembarcando no Cabo da Fúria, castelos sob cerco ou sendo conquistados, colheitas tomadas ou queimadas. De onde esses homens vieram e quem são eles, ninguém tem certeza.”

“Piratas e aventureiros, ouvimos a princípio,” disse Valena. “E então supostamente era a Companhia Dourada. Agora se diz que é Jon Connington, a Mão do Rei Louco, que voltou do túmulo para reclamar seu direito de nascença. Quem quer que sejam, o Poleiro do Grifo caiu para eles. Casa de Chuva, Ninho de Corvo, Matabruma, até Pedraverde em sua ilha. Todos conquistados.”

Os pensamentos de Arianne se voltaram de imediato para sua doce Sylva Malhada. “Quem queria Pedraverde? Houve batalha?”

“Não que tenhamos ouvido, mas as histórias são todas truncadas.”

“Tarth caiu também, dizem alguns pescadores,” disse Valena. “Esses mercenários agora detêm a maior parte do Cabo da Fúria e metade dos Degraus. Ouvimos conversa sobre elefantes na mata da chuva.”

“Elefantes?” Arianne não sabia o que pensar sobre aquilo. “Têm certeza? Dragões não?”

“Elefantes,” disse a Senhora Nymella firmemente.

“E lulas gigantes perto do Braço Quebrado, puxando galés avariadas para o fundo,” disse Valena. “O sangue as atrai para a superfície, segundo nosso mestre. Há corpos na água. Alguns foram lançados às nossas costas. E isso não é a metade. Um novo rei pirata se instalou na Profundez da Torturador. O Senhor das Águas, ele se auto-intitula. Esse tem navios de guerra de verdade, de três andares, monstruosos de grandes. Foi sábia em não vir pelo mar. Desde que a frota Redwyne passou pelos Degraus, essas águas estão infestadas de velas estranhas, até os Estreitos de Tarth e a Baía dos Naufrágios ao norte. Homens de Myr, volantinos, lysenos, até salteadores das Ilhas de Ferro. Alguns entraram no Mar de Dorne para desembarcar homens na costa sul do Cabo da Fúria. Encontramos um bom barco rápido para você, como seu pai ordenou, mas ainda assim... tenha cuidado.”

É verdade, então. Arianne queria perguntar pelo irmão, mas seu pai a avisara para tomar cuidado com cada palavra. Se esses barcos não haviam trazido Quentyn de volta para casa com sua rainha dragão, era melhor não mencioná-lo. Apenas seu pai e alguns de seus mais confiáveis homens sabiam sobre a missão de seu irmão na Baía dos Escravos. A Senhora Toland e suas filhas não estavam entre eles. Se fosse Quentyn, ele teria trazido Daenerys de volta a Dorne, certamente. Por que ele arriscaria desembarcar no Cabo da Fúria, em meio aos senhores da tempestade?

“Dorne está em perigo?” perguntou a Senhora Nymella. “Confesso que a cada vez que vejo uma vela estranha meu coração pula pela boca. E se esses navios se voltarem para o sul? A maior parte das forças Toland está com Lorde Yronwood no Caminho do Espinhaço. Quem defenderá Monte Espírito se esses estranhos desembarcarem nas nossas costas? Devo chamar meus homens de volta?”

“Seus homens são necessários onde estão, minha senhora,” Daemon Sand lhe garantiu. Arianne foi rápida em assentir com a cabeça. Qualquer outro conselho poderia fazer com que a força de Lorde Yronwood se desfizesse como tapeçaria velha, à medida em que cada homem

corresse para casa a defender suas próprias terras contra supostos inimigos que podiam nunca chegar. “Assim que soubermos sem qualquer dúvida se são amigos ou inimigos, meu pai saberá o que fazer,” disse a princesa.

Foi então que a pálida e atarracada Teora levantou seus olhos dos bolos de creme em seu prato. “São dragões.”

“Dragões?” disse a mãe dela. “Teora, não seja louca.”

“Não sou. Eles estão vindo.”

“Como é que você poderia saber disso?” a irmã perguntou, com um tom de escárnio na voz. “Um de seus sonhozinhos?”

Teora assentiu minimamente, com o queixo tremendo. “Eles estavam dançando. No meu sonho. E em todo lugar que os dragões dançavam, o povo morria.”

“Que os Sete nos salvem.” A Senhora Nymella deu um suspiro exasperado. “Se você não comesse tantos bolos de creme não teria esses sonhos. Comidas opulentas não são para meninas da sua idade, quando seus humores estão tão desequilibrados. Mestre Toman diz...”

“Eu *odeio* o Mestre Toman,” disse Teora. E então ela partiu como um raio da mesa, deixando a senhora sua mãe para se desculpar por ela.

“Seja gentil com ela, minha senhora,” disse Arianne. “Lembro quando tinha a idade dela. Meu pai se desesperava comigo, tenho certeza.”

“Posso confirmar isso.” Sor Daemon tomou um pequeno gole de vinho e disse, “A Casa Toland tem um dragão em seus estandartes.”

“Um dragão comendo sua própria cauda, sim,” disse Valena. “Dos dias da Conquista de Aegon. Ele não conquistou aqui. Nos outros lugares ele queimou os inimigos, ele e as irmãs, mas aqui nós nos dissolvemos diante deles, deixando só pedra e areia para eles queimarem. E os dragões rodaram e rodaram, mordendo suas caudas por falta de outra comida, até que ficaram amarrados.”

“Nossos ancestrais cumpriram seu papel nisso,” disse a Senhora Nymella orgulhosamente. “Feitos corajosos ocorreram, e homens valentes morreram. Tudo foi escrito pelos mestres que nos serviram. Temos livros, se minha princesa quiser saber mais.”

“Em algum outro momento, talvez,” disse Arianne.

Enquanto Monte Espírito dormia naquela noite, a princesa vestiu uma capa com capuz para enfrentar o frio e andou pelas ameias do castelo para desanuviar seus pensamentos. Daemon Sand a encontrou inclinada em um parapeito e contemplando o mar, onde a lua dançava sobre a água. “Princesa,” disse ele. “Deveria estar na cama.”

“Poderia dizer o mesmo de você.” Arianne se virou para contemplar seu rosto. *Um bom rosto*, decidiu. *O menino que conheci se tornou um homem belo*. Seus olhos eram azuis como o céu do deserto, seu cabelo o castanho claro das areias que eles haviam acabado de cruzar. Uma barba semicerrada seguia a fineza de um queixo forte, mas não podia esconder as covinhas quando ele sorria. *Sempre adorei o sorriso dele*.

O Bastardo de Graçadivina era um dos melhores espadachins de Dorne também, como se poderia esperar de alguém que fora escudeiro do Príncipe Oberyn e fora nomeado cavaleiro pelo próprio Víbora Vermelha. Alguns diziam que ele havia sido amante do tio dela também, mas raramente na frente dele. Arianne não sabia se isso era verdade. Ele havia sido amante *dela*, porém. Aos quatorze anos ela havia dado a ele sua virgindade. Daemon não era muito mais velho, então suas cópulas haviam sido tão desajeitadas quanto ardentes. Ainda assim, tinha sido doce.

Arianne deu a ele seu sorriso mais sedutor. “Poderíamos dividir uma cama.”

O rosto de Sor Daemon parecia feito de pedra. “Esqueceu-se, princesa? Sou nascido bastardo.” Ele tomou a mão dela na sua. “Se sou indigno desta mão, como posso ser digno de sua boceta?”

Ela tirou sua mão. “Você merece um tapa por isso.”

“Meu rosto é seu. Faça o que quiser.”

“O que quero você não quer, ao que parece. Que assim seja. Converse comigo, ao invés disso. Poderia ser mesmo o Príncipe Aegon?”

“Gregor Clegane arrancou Aegon dos braços de Elia e esmagou a cabeça dele contra uma parede,” disse Sor Daemon. “Se o príncipe de Lorde Connington tiver um crânio esmagado, acreditarei que Aegon Targaryen retornou do túmulo. Do contrário, não. Isso é algum garoto forjado, nada mais. Um estratagema de mercenário para conseguir apoio.”

Meu pai teme o mesmo. “Se não for, porém... se esse for realmente Jon Connington, se o garoto for filho de Rhaegar...”

“Espera que ele seja, ou que não seja?”

“Eu... seria uma alegria enorme para meu pai se o filho de Elia ainda estivesse vivo. Ele amava muito a irmã.”

“Perguntei sobre você, não seu pai.”

Assim foi. “Eu tinha sete anos quando Elia morreu. Dizem que segurei sua filha Rhaenys uma vez, quando eu era jovem demais para me lembrar. Aegon será um estranho para mim, seja verdadeiro ou falso.” A princesa fez uma pausa. “Procuramos pela irmã de Rhaegar, não seu filho.” Seu pai havia confiado em Sor Daemon quando o escolheu como o escudo de sua filha; com ele, ao menos, ela podia falar livremente. “Gostaria mais se fosse Quentyn que houvesse retornado.”

“Ou é o que diz,” disse Daemon Sand. “Boa noite, princesa.” Ele fez uma reverência, e a deixou lá em pé.

O que ele quis dizer com isso? Arianne o assistiu se afastar. Que tipo de irmã eu seria, se não quisesse meu irmão de volta? Era verdade, ela havia se ressentido de Quentyn por todos esses anos em que pensara que o pai tencionava nomeá-lo como herdeiro no lugar dela, mas isso havia se provado apenas um mal entendido. Ela era herdeira de Dorne, ela tinha a palavra do pai quanto a isso. Quentyn teria sua rainha dragão, Daenerys.

Em Lançassolar havia um retrato da Princesa Daenerys que viera a Dorne para se casar com um dos ancestrais de Arianne. Em seus dias mais jovens, Arianne passara horas o observando, na época em que ela era só uma menina atarracada e sem seios no auge da virgindade, que rezava todas as noites para os deuses a fazerem bonita. *Uma centena de anos atrás, Daenerys Targaryen veio a Dorne para fazer a paz. Agora outra vem para fazer a guerra, e meu irmão será seu rei e consorte. Rei Quentyn.* Por que isso soava tão bobo?

Quase tão bobo quanto Quentyn montado em um dragão. Seu irmão era um rapaz sério, bem-comportado e diligente, mas tedioso. *E simplório, tão simplório.* Os deuses haviam concedido a Arianne a beleza pela qual ela rezara, mas Quentyn deve ter rezado por outra coisa. A cabeça dele era grande demais e meio quadrada, o cabelo tinha a cor de lama seca. Seus

ombros eram caídos também, e ele era muito grosso na cintura. *Ele se parece demais com o Pai.*

“Eu amo meu irmão,” disse Arianne, embora só a lua pudesse ouvi-la. Apesar de, na verdade, ela mal conhecê-lo. Quentyn fora criado por Lorde Anders da Casa Yronwood, o Sanguerreal, o filho do Lorde Ormond Yronwood e neto de Lorde Edgar. Em sua juventude, seu tio Oberyn duelara com Edgar, e lhe causara um ferimento que necrosara e o matara. Depois disso, os homens o chamavam ‘o Víbora Vermelha,’ e falavam de veneno em sua lâmina. Os Yronwood eram uma casa antiga, orgulhosa e poderosa. Antes da chegada dos roinares, eles haviam sido reis de metade de Dorne, com domínios muito maiores do que os da Casa Martell. Contenda de sangue e rebelião certamente teriam se seguido à morte de Lorde Edgar, se o pai dela não tivesse agido de imediato. O Víbora Vermelha foi para Vilavelha, de lá para além do mar estreito, para Lys, embora ninguém ousasse chamar isso de exílio. E quando chegou o momento, Quentyn foi dado a Lorde Anders para ser criado como um sinal de confiança. Isso ajudou a curar a discórdia entre Lançassolar e os Yronwood, mas abriu novas entre Quentyn e as Serpentes de Areia... e Arianne sempre fora mais próxima das primas que de seu distante irmão.

“Ainda somos do mesmo sangue, porém,” ela sussurrou. “É claro que quero meu irmão em casa. Eu quero.” O vento vindo do mar causava arrepios por toda a extensão de seus braços. Arianne puxou a capa contra si, e foi procurar sua cama.

O navio deles era chamado *Peregrino*. Partiram com a maré da manhã. Os deuses foram bons com eles, o mar calmo. Mesmo com bons ventos, a travessia durava um dia e uma noite. Jayne Ladybright se sentiu mareada e passou a maior parte da viagem vomitando, o que Elia Sand pareceu achar hilário. “Alguém precisa dar umas palmadas naquela menina,” ouviu-se Joss Hood dizer... mas Elia estava entre os que o ouviram dizer.

“Sou quase uma mulher feita, sor,” ela respondeu altivamente. “Deixarei que me dê umas palmadas, porém... mas antes deve disputar a lança comigo, e me derrubar do cavalo.”

“Estamos em um navio, e sem cavalos,” respondeu Joss.

“E senhoras não participam de justas,” insistiu Sor Garibald Shells, um jovem bem mais sério e respeitável que seu companheiro.

“Eu participo. Sou a Senhora Lança.”

Arianne ouvira o bastante. “Pode ser uma lanceira, mas não é senhora. Vá para baixo e

fique lá até que cheguemos à terra.”

Fora isso, a travessia não teve intercorrências. No crepúsculo, eles divisaram uma galé à distância, os remos subindo e descendo contra as estrelas da noite, mas ela estava se distanciando deles, e rapidamente diminuiu e sumiu. Arianne jogou uma partida de *cyvasse* com Sor Daemon, e outra com Garibald Shells, e de alguma forma conseguiu perder ambas. Sor Garibald foi gentil o bastante para dizer que ela jogou uma partida valente, mas Daemon fez troça dela. “Você tem outras peças além do dragão, princesa. Tente movê-las alguma vez.”

“Gosto do dragão.” Ela queria tirar o sorriso da cara dele a tapas. Ou a beijos, talvez. O homem era tão convencido quanto era gracioso. *De todos os cavaleiros de Dorne, por que meu pai escolheu este para ser meu escudo? Ele conhece nossa história.* “É só um jogo. Conte-me sobre Príncipe Viserys.”

“O Rei Pedinte?” Sor Daemon pareceu surpreso.

“Todos dizem que o Príncipe Rhaegar era lindo. Viserys era lindo também?”

“Suponho que sim. Ele era Targaryen. Nunca vi o homem.”

O pacto secreto que o Príncipe Doran havia feito tantos anos atrás dizia que Arianne se casaria com o Príncipe Viserys, não Quentyn com Daenerys. Tudo havia sido desfeito no mar Dothraki, quando ele fora assassinado. *Coroadado com um pote de ouro derretido.* “Ele foi morto por um khal dothraki,” disse Arianne. “O próprio marido da rainha dragão.”

“Assim ouvi dizer. O que tem?”

“Só que... por que Daenerys deixou acontecer? Viserys era irmão dela. Tudo o que restava de seu próprio sangue.”

“Os dothraki são um povo selvagem. Quem pode saber por que eles matam? Talvez Viserys tenha limpado a bunda com a mão errada.”

Talvez, pensou Arianne, ou talvez Daenerys tenha percebido que assim que seu irmão estivesse coroadado e casado comigo, ela estaria fadada a passar o resto da vida dormindo em uma tenda e cheirando a cavalo. “Ela é filha do Rei Louco,” disse a princesa. “Como podemos saber...”

“Não podemos saber,” disse Sor Daemon. “Só podemos esperar.”

Sor Barristan

(Capítulo completo. Disponibilizado originalmente na versão paperback americana de 'A Dance with Dragons', e no app oficial [[Google Play](#), [App Store](#)], em outubro de 2013.)

Pela escuridão da noite mortos voavam, caindo como chuva sobre as ruas da cidade. Os corpos mais maduros se despedaçavam no ar, e rebentavam quando se esmagavam sobre os tijolos, espalhando vermes e larvas e coisas piores. Outros ressaltavam contra as paredes de pirâmides e torres, deixando borrões de sangue e coágulos que marcavam os lugares onde haviam batido.

Embora enormes, os trabucos yunkaítas não tinham alcance suficiente para arremessar suas cargas medonhas nas partes mais internas da cidade. A maioria dos mortos aterrissava logo após as muralhas, ou descia batendo nos barbacãs, parapeitos e torres defensivas. Com as seis irmãs configuradas numa crescente ao redor de Meereen, todas as partes da cidade estavam sendo atingidas, a não ser pelos distritos ribeirinhos ao norte. Nenhum trabuco conseguia arremessar ao longo da largura do Skahazadhan.

Uma pequena misericórdia, essa, pensou Barristan Selmy, enquanto cavalgava pela praça do mercado dentro do grande portão ocidental de Meereen. Quando Daenerys tomara a cidade, eles haviam irrompido por esse mesmo portão com o aríete gigante chamado de Pica de Joso, feito do mastro de um navio. Os Grandes Mestres e seus soldados escravos haviam encontrado os invasores ali, e o combate ocorrera furioso pelas ruas adjacentes durante horas. Quando a cidade finalmente caíra, centenas de mortos e moribundos sujavam a praça.

Agora, mais uma vez, o mercado era cenário de uma carnificina, embora estes mortos viessem montando a égua descorada. Durante o dia, os tijolos de Meereen exibiam meia centena de tons, mas a noite os transformava em uma miscelânea de preto e branco e cinza. Luz de tochas tremulava nas poças deixadas por chuvas recentes, e pintava linhas de fogo nos elmos e grevas e placas de peito dos homens.

Sor Barristan Selmy passou por eles devagar, montado. O velho cavaleiro vestia a armadura que sua rainha havia lhe dado – um traje de aço esmaltado, incrustado e ornado com ouro. A capa que pendia de seus ombros era branca como a neve do inverno, assim como o escudo pendurado em sua sela. Sob si estava a montaria da própria rainha, a égua prateada que Khal Drogo havia dado a ela no dia de seu casamento. Era presunçoso, sabia ele, mas se Daenerys em pessoa não podia estar com eles em sua hora de perigo, Sor Barristan esperava que

a visão de sua prata no combate pudesse dar ânimo aos guerreiros, lembrando-os de por quem e pelo quê eles lutavam. Além disso, a prata havia estado por anos na companhia dos dragões da rainha, e se acostumara à vista e ao odor deles. Isso não era algo que pudesse ser dito dos cavalos dos inimigos.

Com ele cavalgavam três de seus rapazes. Tumco Lho carregava o estandarte com o dragão de três cabeças da Casa Targaryen, vermelho sobre preto. Larraq, o Chicote, levava o estandarte bifurcado da Guarda Real: sete espadas prateadas rodeando uma coroa dourada. Para o Ovelha Vermelha Selmy dera um grande berrante de guerra com faixas prateadas, para soar comandos pelo campo de batalha. Seus outros garotos permaneceram na Grande Pirâmide. Eles lutariam outro dia, ou nunca. Nem todo escudeiro estava destinado a ser um cavaleiro. Era a hora do lobo. A mais longa, mais escura hora da noite. Para muitos dos homens que haviam se reunido na praça do mercado, seria a última noite de suas vidas.

Abaixo da imponente fachada de tijolos da antiga Bolsa de Escravos de Meereen, cinco mil Imaculados estavam ordenados em dez longas fileiras. Eles permaneciam de pé como se fossem esculpidos em pedra, cada um com suas três lanças, espada curta, e escudo. Luz de tochas cintilava dos espigões de seus elmos de bronze, e banhava as faces imberbes por baixo. Quando um corpo caía rodopiando no meio deles, os eunucos simplesmente se moviam para o lado, dando somente os passos necessários, e então fechavam as fileiras novamente. Estavam todos a pé, até os oficiais: Verme Cinzento primeiro e à frente, diferenciado pelos três espigões em seu elmo.

Os Corvos Tormentosos haviam se reunido abaixo da arcada de mercador de frente para o lado sul da praça, onde os arcos lhes davam alguma proteção contra os mortos. Os arqueiros de Jokin estavam ajustando cordas em seus arcos quando Sor Barristan passou por eles. O Viúvo estava sentado com uma expressão sombria montado sobre um magro cavalo cinza, com o escudo sobre o braço e seu machado de batalha com ponta de ferro na mão. Um leque de penas pretas brotava de uma têmpora de seu meio-elmo de ferro. O garoto ao lado dele segurava o estandarte da companhia: uma dúzia de bandeirolas esfarrapadas em um mastro alto, coroada por um corvo de madeira entalhada.

Os senhores dos cavalos também haviam vindo. Aggo e Rakharo haviam levado a maior parte do pequeno *khalasar* da rainha além do Skahazadhan, mas o velho e meio-aleijado *jaqqa rhan* Rommo ajuntara vinte cavaleiros dos que haviam sido deixados para trás. Alguns eram tão velhos quanto ele, muitos marcados por algum felho ferimento ou deformidade. O resto

eram garotos imberbes, rapazes em busca de seu primeiro sino e do direito de entrançar o cabelo. Eles se juntaram perto da gasta estátua de bronze do Fazedor de Correntes, ansiosos para partir, dançando seus cavalos para o lado sempre que um corpo vinha rodopiando de cima.

Não muito longe deles, perto do sinistro monumento que os Grandes Mestres chamavam de Espiral de Caveiras, várias centenas de gladiadores haviam se reunido. Selmy viu o Gato Malhado entre eles. Ao lado dele estava Ithoke Destemido, e alhures Senerra Cobra, Camarron da Conta, o Açougueiro Tigrado, Togosh, Marrigo, Orlos, o Catamita. Até Goghor, o Gigante, estava lá, assomando sobre os outros como um homem em meio a meninos. *A liberdade significa alguma coisa para eles no final das contas, ao que parece.* Os gladiadores sentiam mais amor por Hizdahr do que jamais haviam demonstrado por Daenerys, mas Selmy estava contente de tê-los da mesma forma. *Alguns até estão usando armadura,* ele observou. Talvez a vitória dele sobre Khrazz tivesse ensinado alguma coisa a eles.

Acima, as ameias da portaria estavam abarrotadas com homens em capas remendadas e máscaras de bronze: o Cabeça Raspada enviara suas Bestas de Bronze às muralhas da cidade, para liberar os Imaculados para o campo. Se a batalha estiver perdida, caberá a Skahaz e seus homens defender Meereen contra os yunkaítas... até o momento em que a Rainha Daenerys possa retornar.

Se é que ela retornará.

Por toda a cidade, em outros portões, outras forças haviam se reunido. Tal Toraq e seus Escudos Robustos haviam se juntado no portão leste, às vezes chamado de portão da colina ou portão Khyzai, já que viajantes com destino a Lhazar pelo Passo Khyzai sempre saíam por ali. Marselen e os Homens da Mãe haviam se concentrado ao lado do portão sul, o Portão Amarelo. Os Irmãos Livres e Symon Costaslistradas haviam ficado com o portão norte, de frente para o rio. Eles teriam a saída mais fácil, sem inimigos à frente a não ser alguns poucos navios. Os yunkaítas haviam colocado duas legiões ghiscari ao norte, mas elas estavam acampadas além do Skahazadhan, com toda a extensão do rio entre eles e as muralhas de Meereen.

O principal acampamento yunkaíta estava a oeste, entre as muralhas de Meereen e as quentes águas verdes da Baía dos Escravos. Dois dos trabucos haviam sido levantados ali, um ao lado do rio, o outro em frente aos portões principais de Meereen, defendidos por duas dúzias de Sábios Mestres de Yunkai, cada um com seus próprios soldados escravos. Entre as grandes

armas de cerco estavam os acampamentos fortificados de duas legiões ghiscari. A Companhia do Gato tinha seu acampamento entre a cidade e o mar. O inimigo também tinha fundeiros tolosinos, e em algum lugar noite afora estavam trezentos besteiros elirianos.

Inimigos demais, Sor Barristan ruminou. *Os números deles certamente estão contra nós*. Este ataque ia contra todos os instintos do velho cavaleiro. As muralhas de Meereen eram grossas e fortes. Dentro dessas muralhas, os defensores detinham toda a vantagem. Entretanto, ele não tinha escolha a não ser liderar seus homens rumo aos dentes das linhas de cerco yunkaítas, contra inimigos de força vastamente superior..

O Touro Branco teria chamado isso de insensatez. Ele teria advertido Barristan sobre confiar em mercenários também. *Foi a isso que chegou, minha rainha*, pensou Sor Barristan. *Nossos destinos dependem da ganância de um mercenário. Sua cidade, seu povo, nossas vidas... o Príncipe Esfarrapado nos tem a todos em suas mãos sujas de sangue*.

Mesmo que suas maiores esperanças tivesse se provado esperanças melancólicas, Selmy sabia que não tinha outra escolha. Ele poderia ter segurado Meereen por anos contra os yunkaítas, mas não poderia segurá-la nem por uma virada de lua com a égua descorada galopando por suas ruas.

Um silêncio caiu sobre a praça do mercado quando o velho cavaleiro e seus porta-estandartes cavalgaram em direção à casa de guarda. Selmy podia ouvir o murmúrio de vozes incontáveis, o som de cavalos bufando, relinchando, e cascos ferrados raspando sobre tijolos esfarelados, o fraco tinir de espada e escudo. Tudo parecia abafado e longínquo. Não era um silêncio, era só uma quietude, a inspiração que vem antes do grito. Tochas fumegavam e crepitavam, enchendo a escuridão com uma inconstante luz alaranjada.

Milhares se viraram juntos para assistir quando o velho cavaleiro girou seu cavalo à sombra dos grandes portões com anilhas de ferro. Barristan Selmy podia ver os olhos deles sobre si. Os capitães e comandantes se adiantaram para encontrá-lo. Jokin e o Viúvo pelos Corvos Tormentosos, cota de malha tinindo sob capas desbotadas; Verme Cinzento, Lança Certa e Matador de Cães pelos Imaculados, em capacetes de bronze com espigões e armadura acolchoada; Rommo pelos dothraki; Camarron, Goghor e o Gato Malhado pelos gladiadores.

“Vocês conhecem nosso plano de ataque,” o velho cavaleiro disse, quando os capitães estavam reunidos ao seu redor. “Nós os atingiremos primeiro com nossa cavalaria, assim que o portão se abrir. Cavalguem forte e rápido, direto sobre os soldados escravos. Quando as legiões

se formarem, circulem ao redor delas. Peguem-nas por trás ou pelo flanco, mas não testem as lanças delas. Lembrem-se de seus objetivos.”

“O trabuco,” disse o Viúvo. “O que os yunkaítas chamam de Prostituta. Tomá-la, derrubá-la, ou queimá-la.”

Jokin assentiu. “Alvejar o maior número de nobres deles que conseguirmos. E queimar as barracas deles, as grandes, os pavilhões.”

“Matar muito homem,” disse Rommo. “Não pegar escravos.”

Sor Barristan se virou na sela. “Gato, Goghor, Camarron, seus homens vão seguir a pé. Vocês são conhecidos como guerreiros temíveis. Assustem-nos. Gritem e berrem. Quando chegarem às linhas yunkaítas, nossa cavalaria já deverá ter penetrado. Sigam-nos pela brecha, e abatam o máximo que puderem. Onde puderem, poupem os escravos e cortem seus mestres, os nobres e oficiais. Recuem antes que estejam cercados.”

Goghor bateu um punho contra o peito. “Goghor não recua. Nunca.”

Então Goghor morre, o velho cavaleiro pensou, *em breve*. Mas este não era o momento nem o lugar para essa discussão. Ele deixou passar, e disse, “Estes ataques devem distrair os yunkaítas o bastante para que Verme Cinzento marche com os Imaculados para fora dos portões e entre em formação.” Era então que seu plano iria resultar ou fracassar, sabia. Se os comandantes yunkaítas tivessem algum bom senso, mandariam a cavalaria deles trovejando contra os eunucos antes mesmo que eles formassem suas fileiras, quando estariam mais vulneráveis. Sua própria cavalaria teria que impedir isso por tempo o suficiente para que os Imaculados fechassem seus escudos e erguessem sua parede de lanças. “Ao som de meu berrante, Verme Cinzento vai avançar em linha e atropelar os escravagistas e seus soldados. Pode ser que uma ou mais legiões ghiscari marchem para encontrá-los, escudo com escudo e lança com lança. Essa batalha nós certamente venceremos.”

“Este um o ouve,” disse Verme Cinzento. “Será como diz.”

“Procurem ouvir meu berrante,” Sor Barristan disse a eles. “Se ouvirem a retirada, *recuem*. Nossas muralhas estão atrás de nós, abarrotadas de Bestas de Bronze. Nossos inimigos não ousarão chegar muito perto, senão estarão ao alcance das balestras. Se ouvirem o berrante soar o avanço, avancem de imediato. Dirijam-se a meu estandarte ou ao da rainha.” Ele

apontou para os estandartes nas mãos de Tumco Lho e Larraq.

O cavalo do Viúvo bandeou para sua esquerda. “E se seus berrantes silenciarem, sor cavaleiro? Se você e esses seus garotos verdes caírem?”

Era uma pergunta justa. Sor Barristan pretendia ser o primeiro a entrar pelas linhas yunkaítas. Ele poderia muito bem ser o primeiro a morrer. Muitas vezes isso acontecia. “Se eu cair, o comando é seu. Depois de você, Jokin. E então Verme Cinzento.” *Se todos nós formos mortos, o dia está perdido*, ele poderia ter acrescentado, mas todos sabiam disso, certamente, e nenhum deles queria ouvir isso dito em voz alta. *Nunca fale sobre derrota antes de uma batalha*, o Senhor Comandante Hightower uma vez lhe dissera, quando o mundo era jovem, *pois os deuses poderiam estar ouvindo*.

“E se encontrarmos o capitão?”, perguntou o Viúvo.

Daario Naharis. “Deem uma espada a ele e o sigam.” Embora Barristan Selmy sentisse pouco amor e menos ainda confiança pelo amante da rainha, ele não duvidava de sua coragem, nem de sua habilidade em armas. *E se ele morrer heroicamente em batalha, tanto melhor*. “Se não há mais perguntas, voltem para seus homens e façam uma oração para seja qual for o deus em que acreditem. A alvorada cairá sobre nós em breve.”

“Uma alvorada vermelha,” disse Jokin dos Corvos Tormentosos.

Uma alvorada de dragão, pensou Sor Barristan.

Ele fizera sua própria oração antes, enquanto seus escudeiros o ajudavam a vestir a armadura. Seus deuses estavam longe para além do mar em Westeros, mas se a palavra dos septões estivesse certa, os Sete olhavam por seus filhos por onde quer que eles andassem. Sor Barristan fizera uma oração para a Velha, suplicando a ela que lhe concedesse um pouco de sua sabedoria, para que ele pudesse levar seus homens à vitória. Para seu velho amigo Guerreiro ele orou por força. Pediu à Mãe por sua misericórdia, se ele caísse. Ao Pai ele rogou que olhasse por seus rapazes, esses escudeiros meio-treinados que eram as coisas mais próximas de filhos que ele jamais conheceria. Finalmente ele baixara a cabeça para o Estranho. “Você vem para todos os homens no fim,” ele orara, “mas se lhe aprouver, poupe a mim e aos meus hoje, e ao invés disso recolha os espíritos de nossos inimigos.”

Lá fora, além das muralhas, o baque distante do arremesso de um trabuco podia ser ouvido. Mortos e partes de corpos vinham rodopiando pela noite. Um caiu em meio aos

gladiadores, encharcando-os com pedaços de osso e miolos e carne. Outro rebateu na cabeça de bronze gasta do Fazedor de Correntes e tombou por seu braço, aterrissando com um baque molhado a seus pés. Uma perna inchada chapinhou em uma poça a menos de três metros de onde Selmy esperava montado no cavalo da rainha.

“A égua descorada,” murmurou Tumco Lho. A voz dele estava carregada, seus olhos negros brilhando em sua face negra. Então ele disse algo na língua das Ilhas Basilisco que poderia ter sido uma oração.

Ele teme a égua descorada mais do que teme nossos inimigos, percebeu Sor Barristan. Seus outros rapazes estavam assustados também. Por mais corajosos que fossem, nenhum deles vira sangue ainda.

Ele circulou com sua égua prateada. “Juntem-se ao meu redor, homens.” Quando eles trouxeram seus cavalos para mais perto, ele disse, “Sei o que estão sentindo. Eu senti o mesmo, centenas de vezes. Sua respiração está mais rápida do que deveria. Na barriga, um nó de medo se enrola como um verme preto e frio. Parece que você quer que esvaziar a bexiga, talvez descarregar as entranhas. A boca está seca como as areias de Dorne. *E se eu me envergonhar lá?*, você pensam. E se vocês esquecerem de todo o treinamento? Vocês anseia ser heróis, mas lá dentro vocês têm medo de que possam ser covardes.

“Todos os garotos se sentem da mesma forma na véspera da batalha. Sim, e homens feitos também. Aqueles Corvos Tormentosos ali estão sentindo a mesma coisa. E também os Dothraki. Não há vergonha no medo, a não ser que você deixe ele dominá-lo. Todos sentimos nossos momentos de terror.”

“Não estou com medo.” A voz do Ovelha Vermelha estava alta, quase a ponto de gritar. “Se eu morrer, irei ao Grande Pastor de Lhazar, quebrarei seu cajado em meu joelho, e direi a ele, *‘Por que você fez de seu povo ovelhas, quando o mundo está cheio de lobos?’* E então eu cuspirei no olho dele.”

Sor Barristan sorriu. “Bem dito... mas tome cuidado para não procurar a morte lá fora, ou certamente a encontrará. O Estranho vem para todos nós, mas não precisamos correr de encontro a seus braços.”

“O que quer que aconteça a nós no campo de batalha, lembrem-se, aconteceu antes, e a homens melhores que vocês. Sou um velho, um velho *cavaleiro*, e vi mais batalhas do que a maioria de vocês tem de idade. Nada é mais terrível nesta terra, nada mais glorioso, nada mais

absurdo. Vocês podem vomitar. Não serão os primeiros. Vocês podem soltar suas espadas, seus escudos, suas lanças. Outros fizeram o mesmo. Apanhem-nos e continuem a lutar. Vocês podem sujar suas calças. Eu sujei, em minha primeira batalha. Ninguém vai se importar. Todos os campos de batalha fedem a merda. Vocês podem chorar por suas mães, orar para deuses que pensaram ter esquecido, uivar obscenidades que nunca sonharam passar por seus lábios. Tudo isso também aconteceu.

“Alguns homens morrem em todas as batalhas. Mais sobrevivem. Leste ou oeste, em qualquer estalagem ou botequim de vinho, vocês encontrarão homens com barba grisalha lutando novamente, interminavelmente, as guerras de suas juventudes. Eles sobreviveram a suas batalhas. Vocês também podem. Disso podem ter certeza: o inimigo que vocês vêm à sua frente é só outro homem, e muito provavelmente ele está tão assustado quanto vocês. Odeiem-no se precisarem, amem-no se puderem, mas levantem suas espadas e as abaixem, e então sigam em frente. Acima de tudo, *continuem se movendo*. Somos muito poucos para vencer a batalha. Cavalgamos para causar o caos, para ganhar tempo para que os Imaculados possam formar sua parede de lanças, nós...”

“Sor?” Larraq apontou com o estandarte da Guarda Real, ao mesmo tempo em que um murmúrio sem palavras saiu de mil pares de lábios.

Longe na cidade, onde os degraus sombreados da Grande Pirâmide de Meereen subiam oitocentos pés em direção a um céu sem estrelas, um fogo acendeu onde antes havia uma harpia. Uma faísca amarela no cume da pirâmide, ela cintilou e morreu novamente, e por meia batida de coração Sor Barristan teve medo de que o vento a houvesse apagado. Então ela retornou, mais brilhante, mais feroz, as chamas rodopiando, ora amarelas, ora vermelhas, ora alaranjadas, subindo, rasgando a escuridão.

Além, a leste, a alvorada surgia atrás das colinas.

Outras mil vozes exclamavam agora. Outros mil homens olhavam, apontavam, colocavam seus elmos, alcançavam suas espadas e machados. Sor Barristan ouviu o chocalhar de correntes. Era o rastrilho se levantando. Em seguida viriam os gemidos das enormes dobradiças de ferro do portão. Era chegada a hora.

O Ovelha Vermelha lhe passou seu elmo alado. Barristan Selmy o deslizou por sobre sua cabeça, o amarrou ao gorjal, levantou seu escudo, deslizou o braço para dentro das alças. O ar parecia estranhamente doce. Não havia nada como a expectativa da morte para fazer um

homem se sentir vivo. “Que o Guerreiro nos proteja a todos”, ele disse a seus rapazes. “Soem o ataque.”

Barristan

(Resumo de capítulo. Lido na Boskone, em fevereiro de 2013. Resumo por Azador em [A Forum of Ice And Fire.](#))

Barristan sente sua barriga se retorcendo enquanto cavalga pelos portões. Ele sabe que o sentimento irá embora quando o tempo ficar mais devagar no caos da batalha. A égua de Daenerys facilmente ultrapassa os rapazes e o resto da cavalaria; Barristan está satisfeito porque ele quer ultrapassar o Viúvo e dar o primeiro golpe. Os yunkaítas estão totalmente despreparados e Barristan se aproxima da Prostituta, o maior dos trabucos. Os Corvos Tormentosos passam a gritar “Daario!” e “Corvos Tormentosos, voem!”. Barristan pensa que nunca mais duvidará da coragem de mercenários.

Apenas trinta metros separam a cavalaria e as legiões yunkaítas no momento em que uma defesa qualquer é montada. O ar se enche de flechas. Um escudeiro dos Corvos Tormentosos é morto, e uma seta perfura o escudo de Barristan. Um berrante soa três vezes e os lutadores de arena surgem do portão atrás deles.

Barristan olha de relance para os lutadores de arena atrás de si. Há cerca de duzentos deles, mas eles fazem barulho suficiente para dois mil. Uma mulher se destaca, sem vestir nada além de grevas, sandálias, uma saia de cota de malha e um pitão. Barristan fica um pouco chocado e, vendo os peitos dela balançando, pensa que certamente este dia é o último dela. Os lutadores de arena na maior parte gritam “Loraq!” e “Hizdahr!” mas alguns gritam “Daenerys!”. Larraq é atingido no peito por uma flecha, trazendo a atenção de Barristan para a frente, mas o escudeiro mantém os estandartes erguidos no alto e a remove.

Barristan chegou à Prostituta, mas uma legião ghiscari de seis mil se enfileirou para proteger o enorme trabuco. Eles têm seis fileiras – a primeira fileira se ajoelha e segura suas lanças para fora e para cima, a segunda fileira fica em pé e segura suas lanças à altura da cintura, e a terceira fileira segura as lanças em seus ombros. As outras têm pequenas lanças de arremesso e estão prontas a avançar quando seus companheiros caírem.

Barristan sabe que a corrente de um mestre é tão forte quanto seu elo mais fraco, e identifica as companhias dos senhores yunkaítas como os mais fracos dentre seus inimigos

imediatos, certamente mais fracas do que as legiões de escravos. Particularmente, Barristan tem como alvo Paezhar zo Myraq, o Pombinho, e suas Garças. Os escravos escolhidos para serem Garças eram assustadoramente altos antes de serem colocados em pernas-de-pau, e usam placas rosas e penas e bicos de aço. Mas Barristan percebe que eles estarão cegos por conta da alvorada se erguendo sobre a cidade, e provavelmente terão suas fileiras quebradas facilmente, então ele se distancia da legião que protege o trabuco no último instante e se dirige às Garças.

Ele corta a cabeça de um das Garças e seus rapazes se juntam à batalha. A égua de Daenerys derruba uma Garça em cima de três outras e eles todos desmoronam. Em um instante, as Garças estão se espalhando e fugindo, lideradas pelo próprio Pombinho. Infelizmente para o Pombinho, ele tropeça nas franjas de sua armadura de pássaro e é alcançado pelo Ovelha Vermelha. O Pombinho implora por misericórdia, dizendo que ele valerá uma grande recompensa. O Ovelha Vermelha diz apenas “Vim por sangue, não por ouro” e bate na cabeça do Pombinho com sua maça, esguichando sangue sobre Barristan e a prata de Daenerys.

Os Imaculados começam a marchar pelos portões, e Barristan vê que os yunkaítas perderam a chance de efetivamente lançar um contra-ataque. Enquanto ele observa, mais legiões de escravos são massacradas, na maioria aqueles que foram acorrentados e não podem recuar, ele se pergunta onde as companhias mercenárias como os traidores Segundos Filhos estão. Os Imaculados terminam de se alinhar em frente aos portões, implacáveis mesmo quando um dos seus cai com uma seta de arpão no pescoço.

Tumco chama a atenção de Barristan para a baía, perguntando “Por que há tantos navios?” Barristan se lembra de que ontem havia vinte, mas agora há três vezes isso. Seu coração afunda quando ele conclui que os navios de Volantis devem ter chegado, mas então vê que alguns navios estão batendo uns contra os outros.

Ele pede a Tumco, cujos olhos jovens podem ver mais claramente, para identificar os estandartes. “Polvos, polvos grandes. Como nas Ilhas Basilisco, onde eles às vezes puxam navios inteiros para o fundo.” Barristan responde, “De onde sou, nós os chamamos lulas gigantes.”

Percebendo que os Greyjoy chegaram, seu primeiro pensamento é “Balon se juntou a Joffrey, ou aos Stark?” Mas percebe que ouviu sobre a morte de Balon, e se pergunta se isso tem algo a ver com o filho de Balon, o menino que era protegido dos Stark. Ele vê que os homens-de-ferro estão desembarcando, lutando contra os yunkaítas, e diz, surpreso, “Eles estão do nosso lado!” Os mercenários não vieram fazer frente a seu ataque porque já estão

preocupados com os nascidos do ferro!

Barristan está quase alegre. “É como Baelor Quebralanças e o Príncipe Maekar, o martelo e a bigorna. Nós os pegamos! Nós os pegamos!”

Tyrion

(Capítulo completo. Originalmente disponibilizado no app oficial [[Google Play](#), [App Store](#)], em março de 2014.)

Em algum lugar longe dali, um moribundo gritava pela mãe. “Aos cavalos!” um homem bradava em ghiscari, no próximo acampamento ao norte dos Segundos Filhos. “Aos cavalos! Aos cavalos!” Alta e estridente, a voz dele ressoava por um longo caminho pelo ar da manhã, muito além de seu próprio acampamento. Tyrion entendia o suficiente de ghiscari para compreender as palavras, mas o medo na voz dele teria ficado claro em qualquer língua. *Sei como ele se sente.*

Era o momento de encontrar seu próprio cavalo, ele soube. O momento de vestir a armadura de algum menino morto, afivelar uma espada e um punhal, escorregar seu grande elmo surrado pela cabeça. A alvorada raiara, e um raio do sol nascente estava visível atrás das muralhas e torres da cidade, com um brilho que cegava. A oeste as estrelas desvaneciam, uma a uma. Trombetas soavam ao longo do Skahazadhan, berrantes de guerra respondiam das muralhas de Meereen. Um navio afundava na foz do rio, pegando fogo. Mortos e dragões se moviam pelo céu, enquanto navios de guerra trombavam e se confrontavam na Baía dos Escravos. Tyrion não conseguia vê-los daqui, mas podia ouvir os sons: a batida de casco contra casco quando os navios trombavam uns nos outros, os profundos berrantes de guerra dos homens-de-ferro e os assobios estranhos e altos de Qarth, o quebrar de remos, os berros e brados de batalha, o choque de machado contra armadura, espada contra escudo, tudo misturado com os gritos de homens feridos. Muitos dos navios ainda estavam muito longe na baía, de modo que os sons que eles faziam pareciam fracos e longínquos, mas ele os conhecia mesmo assim. *A música da matança.*

A trezentas jardas de onde ele estava se erguia a Irmã Vingativa, seu longo braço subindo com um punhado de cadáveres — *clac-TUM* — e ali eles voavam, nus e inchados, pálidos pássaros mortos caindo sem ossos pelo ar. Os acampamentos de cerco cintilavam em uma névoa berrante de rosa e dourado, mas as famosas pirâmides com degraus de Meereen assomavam negras contra o brilho. Algo se movia em cima de uma delas, via. *Um dragão, mas qual? A essa distância, poderia facilmente ser uma águia. Uma águia bem grande.*

Depois de passar dias escondido nas barracas mofadas dos Segundos Filhos, o ar livre parecia fresco e limpo. Apesar de não conseguir ver a baía de onde estava, o cheiro penetrante

de sal lhe dizia que ela estava perto. Tyrion encheu seus pulmões com ele. *Um belo dia para uma batalha.* Vindo do leste, o som de tambores soou através da planície ressecada. Uma coluna de homens montados passou em um clarão pela Prostituta, ostentando os estandartes azuis dos Soprados pelo Vento.

Um homem mais jovem poderia ter achado tudo isso extasiante. Um homem mais estúpido poderia ter considerado grandioso e glorioso, até o momento em que algum soldado escravo yunkaíta cara-de-cu com argolas nos mamilos cravasse um machado entre seus olhos. Tyrion Lannister tinha mais experiência. *Os deuses não me fizeram para usar uma espada, ele pensou, então por que insistem em me colocar no meio de batalhas?*

Ninguém ouviu. Ninguém respondeu. Ninguém se importava.

Tyrion se viu recordando sua primeira batalha. Shae fora a primeira a se mexer, acordada pelas trombetas de seu pai. A doce rameira que lhe dera prazer por metade da noite estremeceu nua em seus braços, uma criança assustada. *Ou tudo isso foi uma mentira também, um stratagema que ela usou para me fazer sentir corajoso e brilhante? Que pantomimeira ela devia ser.* Quando Tyrion gritara para que Podrick Payne o ajudasse com sua armadura, encontrara o menino dormindo e roncando. *Não era o rapaz mais rápido que já conheci, mas um escudeiro decente no final das contas. Espero que tenha encontrado um homem melhor para servir.*

Era estranho, mas Tyrion se lembrava do Ramo Verde muito melhor do que da Água Negra. *Foi minha primeira. Nunca se esquece da primeira.* Ele se lembrou da neblina se esvaindo do rio, se desfazendo pelos juncos como pálidos dedos brancos. E a beleza daquele alvorecer, ele se lembrou disso também: estrelas espalhadas por um céu púrpura, a grama cintilando como vidro com o orvalho da manhã, um esplendor vermelho no leste. Ele se lembrou do toque dos dedos de Shae enquanto ela ajudava Pod com a armadura descombinada de Tyrion. *Aquele elmo desgraçado. Parecia um balde com um espigão.* Aquele espigão o salvara, porém, ganhara para ele sua primeira vitória, mas Centavo e Merreca nunca chegaram perto de parecerem tão idiotas quanto ele naquele dia. Shae o chamara de “temível” quando o vira vestido de aço, por um absurdo acaso. *Como pode ser tão cego, tão surdo, tão estúpido? Deveria ter sido mais esperto do que pensar com o pau.*

Os Segundos Filhos estavam selando seus cavalos. Eles faziam isso calmamente, sem pressa, de forma eficiente; não era algo que não tivessem feito uma centena de vezes antes. Alguns deles passavam um odre de mão em mão, embora ele não saberia dizer se era de vinho

ou água. Borkoko estava beijando seu amante sem qualquer vergonha, apertando as nádegas do menino com uma mão enorme, a outra emaranhada em seu cabelo. Atrás deles, Sor Garibald escovava a crina de seu cavalo castrado. Quem estava sentado em uma pedra, olhando fixamente o chão... lembrando de seu irmão morto, talvez, ou sonhando com aquele amigo lá em Porto Real. Martelo e Prego iam de homem em homem, conferindo lanças e espadas, ajustando armaduras, afiando qualquer lâmina que precisasse. Bocados mastigava sua folhamarga, fazendo piadas e coçando as bolas com sua mão de gancho. Algo em seu jeito fazia Tyrion se lembrar de Bronn. *Sor Bronn da Água Negra agora, a não ser que minha irmã o tenha matado. Talvez isso não seja tão simples quanto ela acha.* Ele se perguntou quantas batalhas estes Segundos Filhos haviam lutado. *Quantas escaramuças, quantas incursões? Quantas cidades eles invadiram, quantos irmãos eles enterraram ou deixaram para trás apodrecendo?* Comparado a eles, Tyrion era um menino verde, ainda não-testado, apesar de ter mais em idade do que metade da companhia.

Esta seria sua terceira batalha. *Amadurecido e sangrado, carimbado e selado, um guerreiro provado, esse sou eu. Matei alguns homens e feri outros, sofri ferimentos e vivi para contar sobre eles. Liderei investidas, ouvi homens gritarem meu nome, cortei homens maiores e melhores, até tive alguns gostinhos de glória... e não era um vinho rico e bom para os heróis, do qual eu gostaria outro gole?* Mas mesmo com tudo o que fizera e vira, a perspectiva de outra batalha fez seu sangue gelar. Ele viajara meio mundo de palanquim, barco a remo e porco, navegara em navios escravagistas e galés mercantes, montara putas e cavalos, o tempo todo dizendo a si mesmo que não se importava se morresse ou vivesse... só para descobrir que se importava um bocado, no final das contas.

O Estranho montara sua égua descorada e a cavalgava em direção a eles com a espada na mão, mas Tyrion Lannister não pretendia encontrá-lo de novo. Agora não. Ainda não. Hoje não. *Que fraude você é, Duende. Deixou uma centena de guardas estuprarem sua esposa, atirou na barriga de seu pai com uma flecha, torceu uma corrente de ouro no pescoço de sua amante até que o rosto dela ficasse preto, e de alguma forma ainda acredita que merece viver.*

Merreca já estava de armadura quando Tyrion deslizou para dentro da barraca que eles dividiam. Ela estivera há anos se amarrando em armaduras de madeira em sua pantomima; malha e armadura de verdade não eram tão diferentes quando já se dominava as fivelas e fechos. E se o aço da companhia estava amassado aqui e enferrujado ali, arranhado e manchado e descolorido, não importava. Ainda deveria ser bom o bastante para parar uma espada.

A única peça que ela ainda não vestira era o elmo. Quando ele entrou, ela olhou para cima. “Você está sem armadura. O que está havendo?”

“As coisas de sempre. Barro e sangue e heroísmo, matar e morrer. Há uma batalha sendo travada na baía, outra sob as muralhas da cidade. Para qualquer lado que os yunkaítas se virem, têm um inimigo atrás de si. A luta mais próxima ainda está a uma boa légua daqui, mas estaremos dentro dela em breve.” *De um lado ou de outro.* Os Segundos Filhos estavam maduros para mais uma troca de mestres, Tyrion tinha quase certeza... embora houvesse um grande abismo entre “certeza” e “quase certeza.” *Se julguei mal o homem, estamos todos perdidos.* “Ponha o elmo e certifique-se de que as fivelas estão fechadas. Uma vez tirei o meu para não afogar, e me custou o nariz.” Tyrion cutucou a cicatriz.

“Temos que colocar você na armadura primeiro.”

“Se quiser. O justilho primeiro. O couro fervido, com os botões de ferro. A cota-de-malha sobre ele, e então a proteção de pescoço.” Ele olhou ao redor da barraca. “Há vinho?”

“Não.”

“Tínhamos meia jarra que sobrou da ceia.”

“Um quarto de jarra, e você bebeu.”

Ele suspirou. “Venderia minha irmã por uma taça de vinho.”

“Venderia sua irmã por uma taça de mijo de cavalo.” Isso fora tão inesperado que o fez rir alto. “Meu gosto por mijo de cavalo é tão conhecido ou você conheceu minha irmã?”

“Só a vi uma vez, quando justamos para o rei menino. Centavo a achou linda.”

Centavo era um lambe-botazinho atrofiado com um nome idiota. “Só um tolo vai à batalha sóbrio. Plumm terá algum vinho. E se ele morrer na batalha? Seria um crime desperdiçá-lo.”

“Segure a língua. Tenho que amarrar este justilho.”

Tyrion tentou, mas parecia a ele que os sons da matança ficavam mais altos, e a língua não se segurou. “Cara de Pudim quer usar a companhia para empurrar os homens-de-ferro de volta ao mar,” ele se ouviu contar a Merreca, enquanto ela o vestia. “O que ele deveria ter feito

seria mandar toda a cavalaria em direção aos eunucos, investida total, antes que eles andassem dez pés pelos portões afora. Mandar os Gatos em direção a eles pela esquerda, nós e os Soprados pelo Vento pela direita, estraçalhar os flancos deles pelos dois lados. Homem por homem, os Imaculados não são melhores ou piores que quaisquer outros lanceiros. É a disciplina que os faz perigosos, mas se eles não puderem formar uma parede de lanças...”

“Levante os braços,” disse Merreca. “Assim, está melhor. Talvez você devesse comandar os yunkaítas.”

“Eles usam soldados escravos, por que não comandantes escravos? Arruinaria a disputa, porém. Isso é só um jogo de *cyvasse* para os Sábios Mestres. Nós somos as peças.” Tyrion inclinou a cabeça para um lado, refletindo. “Eles têm isso em comum com o senhor meu pai, esses escravagistas.”

“Seu pai? O que quer dizer?”

“Estava me lembrando da minha primeira batalha, há pouco. O Ramo Verde. Lutamos entre um rio e uma estrada. Quando vi a hoste de meu pai se posicionar, me lembro de pensar no quanto era linda. Como uma flor desabrochando as pétalas para o sol. Uma rosa carmesim com espinhos de ferro. E meu pai, ah, ele nunca estivera tão resplandecente. Vestia uma armadura carmesim, com uma enorme capa de pano-de-ouro. Um par de leões dourados nos ombros, outro no elmo. O garanhão dele era magnífico. Sua senhoria assistiu à batalha inteira de cima desse cavalo, e nunca chegou a cem jardas de qualquer adversário. Nenhuma vez se moveu, sorriu, nenhuma vez derramou uma gota de suor, enquanto milhares morriam abaixo dele. Pense em mim encarrapitado em um tamborete de acampamento, olhando fixamente para um tabuleiro de *cyvasse*. Quase poderíamos ser gêmeos... se eu tivesse um cavalo, uma armadura carmesim, e uma grande capa costurada com pano-de-ouro. Ele era mais alto também. Eu tenho mais cabelo.”

Merreca o beijou.

Ela se mexeu tão rápido que ele não teve tempo de pensar. Ela se atirou, ligeira como um pássaro, e pressionou os lábios contra os dele. Terminou tão rápido quanto começou. *Para que foi isso?* ele quase disse, mas sabia para quê. *Obrigado*, poderia ter dito, mas ela poderia entender como permissão para fazer de novo. *Criança, não tenho intenção de magoá-la*, ele poderia ter tentado, mas Merreca não era uma criança, e os desejos dele não tornariam o corte menos afiado. Pela primeira vez em mais tempo do que conseguiu se lembrar, Tyrion Lannister

ficou sem palavras.

Ela parece tão jovem, pensou. Uma menina, é só isso que ela é. Uma menina, e quase bonita se se conseguir esquecer de que ela é uma anã. O cabelo dela era um castanho morno, espesso e encaracolado, e os olhos dela eram grandes e crédulos. *Crédulos demais.*

“Está ouvindo esse som?” disse Tyrion.

Ela ouviu. “O que é?” disse ela enquanto amarrava um par de grevas desencontradas às pernas atrofiadas dele.

“Guerra. Aos nossos dois lados e a menos de uma légua de distância. Isso é matança, Merreca. Isso são homens tropeçando pela lama com as entranhas caindo para fora. São membros cortados e ossos quebrados e poças de sangue. Sabe como os vermes aparecem depois de uma chuva forte? Ouvi dizer que eles fazem o mesmo depois de uma grande batalha se sangue suficiente encharcar o chão. É o Estranho chegando, Merreca. A Cabra Negra, a Criança Pálida, Aquele de Muitas Faces, chame-a do que quiser. É a morte.”

“Está me assustando.”

“Estou? Bom. Deveria estar assustada. Temos um enxame de nascidos do ferro na costa, e Sor Barristan e seus Imaculados saindo dos portões da cidade como uma enxurrada, e nós estamos entre eles, lutando nesse lado errado desgraçado. Eu mesmo estou apavorado.”

“Você diz isso, mas ainda faz piadas.”

“Piadas são uma forma de afastar o medo. O vinho é outra.”

“Você é corajoso. Pessoas pequenas podem ser corajosas.”

Meu leão de Lannister, ele ouviu. Ela está caçoando de mim. Quase a estapeou novamente. A cabeça dele latejava.

“Não queria deixá-lo bravo,” Merreca disse. “Perdoe-me. Estou assustada, só isso.” Ela tocou a mão dele.

Tyrion se desvencilhou dela. “Estou assustada.” Eram as mesmas palavras que Shae usara. Os olhos dela eram grandes como ovos, e eu engoli cada pedaço daquilo. Sabia o que ela era. Disse a Bronn para encontrar uma mulher para mim e ele me trouxe Shae. Suas mãos se fecharam e ele cerrou os punhos, e o rosto de Shae flutuou a sua frente, com um largo sorriso.

Então a corrente se apertava no pescoço dela, as mãos de ouro se afundando na carne enquanto as mãos se debatiam contra o rosto dele com toda a força de uma borboleta. Se ele tivesse uma corrente à mão... se tivesse uma besta, uma adaga, qualquer coisa, ele teria... poderia... ele...

Foi só então que Tyrion ouviu os gritos. Estava perdido em uma fúria escura, se afogando em um mar de memórias, mas a gritaria trouxe o mundo de volta em um turbilhão. Ele abriu as mãos, respirou fundo, se virou contra Merreca. “Alguma coisa está acontecendo.” Ele saiu para descobrir o que era. *Dragões.*

A fera verde voava em círculos acima da baía, se protegendo e girando enquanto dracares e galés trombavam e queimavam embaixo de si, mas era o dragão branco que deixava os mercenários embasbacados. A trezentas jardas dali, a Irmã Vingativa girou o braço, *clac-TUM*, e seis cadáveres frescos saíram dançando pelo céu. Eles subiram, e subiram, e subiram. E então dois pegaram fogo.

O dragão apanhou um corpo em chamas logo que começou a cair, triturando-o com as mandíbulas, com fogos pálidos correndo por entre seus dentes. Asas brancas estalaram contra o ar da manhã, e a fera começou a ascender novamente. O segundo cadáver ressaltou em uma garra esticada e mergulhou, aterrissando em meio a alguns cavaleiros yunkaítas. Alguns deles pegaram fogo também. Um cavalo empinou e derrubou o montador. Os outros fugiram, tentando correr mais rápido que as chamas e, ao invés disso, as alimentando. Tyrion Lannister quase podia sentir o gosto do pânico enquanto ele se espalhava pelos acampamentos como uma onda.

O penetrante e familiar odor de urina preencheu o ar. O anão olhou de relance ao redor e ficou aliviado ao ver que fora Tinteiros quem se mijara, não ele mesmo. “Deveria ir trocar esses calções,” Tyrion disse a ele. “E enquanto faz isso, aproveitar e virar a casaca.” O tesoureiro empalideceu, mas não se mexeu.

Ele ainda estava lá em pé, olhando enquanto o dragão abocanhava cadáveres do ar, quando chegou o mensageiro. *Um oficial desgraçado*, Tyrion logo viu. Ele estava vestido com uma armadura dourada e montado em um cavalo dourado. Anunciou alto que vinha em nome do comandante supremo dos yunkaítas, o nobre e pujante Gorzhak zo Eraz. “O Senhor Gorzhak envia seus cumprimentos ao Capitão Plumm, e solicita que ele traga sua companhia à costa da baía. Nossos navios estão sendo atacados.”

Seus navios estão afundando, queimando, fugindo, pensou Tyrion. *Seus navios estão*

sendo tomados, seus homens passados na espada. Ele era um Lannister de Rochedo Casterly, perto das Ilhas de Ferro; salteadores nascidos-do-ferro não eram estranhos a seus litorais. Ao longo dos séculos eles haviam queimado Lannisporto no mínimo três vezes, e feito duas dúzias de assaltos à cidade. Homens do ocidente conheciam a selvageria de que os nascidos-do-ferro eram capazes; esses escravagistas acabavam de descobrir.

“O Capitão não está aqui agora,” Tinteiros disse ao mensageiro. “Saiu para se encontrar com a General Menina.”

O cavaleiro apontou para o sol. “O comando da Senhora Malazza terminou com o nascer do sol. Façam como o Senhor Gorzhak ordena.”

“Quer dizer atacar os navios polvo? Os que estão lá na água?” O tesoureiro franziu a testa. “Eu não entendo como, mas quando Bem Mulato voltar, direi a ele o que seu Gorzhak quer.”

“Dei-lhes uma *ordem*. Vocês a cumprirão agora.”

“Recebemos ordens de nosso capitão,” Tinteiros disse em seu tom brando habitual. “Ele não está aqui. Eu lhe disse.”

O mensageiro perdera a paciência, Tyrion percebeu. “A batalha já está ocorrendo. Seu comandante deveria estar com vocês.”

“Pode ser, mas não está. A menina o chamou. Ele foi.”

O mensageiro ficou púrpura. “*Devem obedecer a ordem!*”

Bocados cuspiu um chumaço de folhamarga bem-mastigada pelo lado esquerdo da boca. “Com seu perdão,” ele disse ao cavaleiro yunkaíta, “mas somos todos cavaleiros aqui, assim como o senhor. Agora, um cavalo de guerra bem treinado vai investir contra uma parede de lanças. Alguns vão saltar um fosso de fogo. Mas nunca vi um cavalo que pudesse trotar sobre a água.”

“*Os navios estão desembarcando homens,*” berrou o fidalgote yunkaíta. “Eles bloquearam a foz do Skahazadhan com um brulote, e a cada instante que vocês ficam aqui falando, mais cem espadachins vêm chapinhando pelas águas rasas. Ajuntem seus homens e os joguem de volta ao mar! Já! Gorzhak ordena!”

“Qual é Gorzhak?” perguntou Kem. “É o Coelho?”

“Cara de Pudim,” disse Tinteiros. “O Coelho não é tolo o bastante para mandar cavalaria leve contra dracares.”

O cavaleiro ouvira o suficiente. “Informarei Gorzhak zo Eraz que vocês se recusam a cumprir a ordem dele,” disse rigidamente. Então, girou o cavalo dourado e galopou de volta por onde viera, perseguido por uma explosão de risos dos mercenários.

Tinteiros foi o primeiro a deixar o sorriso morrer. “Basta”, disse ele, subitamente solene. “De volta ao trabalho. Selem aqueles cavalos, quero cada um de vocês pronto para montar assim que Ben voltar com algumas ordens decentes. E apaguem aquela fogueira. Podem quebrar o jejum depois que a luta acabar, se viverem o suficiente.” Seu olhar caiu sobre Tyrion. “Está rindo de quê? Parece um bobinho nessa armadura, Meio-Homem.”

“Melhor parecer um bobo que ser um,” respondeu o anão. “Estamos do lado perdedor.”

“O Meio-Homem está certo,” disse Jorah Mormont. “Não queremos estar lutando pelos escravagistas quando Daenerys voltar... e ela voltará, não se enganem. Ataquem agora e ataquem forte, e a rainha não esquecerá. Encontrem os reféns dela e os libertem. E jurarei pela honra de minha casa e de meu lar que esse foi o plano de Ben Mulato desde o começo.”

Nas águas da Baía dos Escravos, outra galé qartena irrompeu em um súbito *vuush* de chamas. Tyrion conseguia ouvir elefantes bramindo ao leste. Os braços das seis irmãs subiam e desciam, lançando cadáveres. Escudos bateram contra escudos quando duas paredes de lanças se encontraram sob as muralhas de Meereen. Dragões rodopiavam no céu, suas sombras se estendendo pelos rostos de amigos e inimigos que se viravam para cima.

Tinteiros jogou as mãos para o céu. “Eu cuido dos livros. Guardo nosso ouro. Preparo contratos, recolho nossos pagamentos, garanto que tenhamos dinheiro suficiente para comprar provisões. Não decido contra quem lutamos ou quando. Isso cabe a Ben Mulato dizer. Conversem com ele quando voltar.”

Quando Plumm e seus companheiros voltaram galopando do acampamento da Menina General, o dragão branco voltara voando para sua toca acima de Meereen. O verde ainda rondava, pairando em largos círculos sobre a cidade e a baía, com suas grandes asas verdes.

Ben Mulato Plumm vestia armadura e malha sobre couro fervido. A capa de seda pendendo de seus ombros era sua única concessão à vaidade: ela ondulava quando ele se mexia, a cor mudando de um violeta pálido para um púrpura profundo. Ele desceu da égua e a entregou a um cavaleiro, e então disse a Bocados para convocar os capitães.

“Diga a eles para andarem depressa,” completou Kasporio, o Astuto.

Tyrion não era sequer sargento, mas as partidas de *cyvasse* entre eles o haviam tornado uma figura familiar na barraca de Ben Mulato, e ninguém tentou impedi-lo quando ele entrou com o resto. Além de Kasporio e Tinteiros, Uhlan e Bokkoko estavam entre os convocados. O anão se surpreendeu ao ver Sor Jorah Mormont lá também.

“Fomos ordenados a defender a Irmã Vingativa,” Ben Mulato informou a eles. Os outros homens trocaram olhares desconfortáveis. Ninguém parecia querer falar até que Sor Jorah perguntou, “Sob a autoridade de quem?”

“Da menina. Sor Vovô está indo em direção à Prostituta, mas ela está com medo de que ele se vire para a Irmã Vingativa depois. O Fantasma já caiu. Os libertos de Marselen quebraram os Longas Lanças como um pau podre e a arrastaram com correntes. A menina supõe que Selmy pretende derrubar todos os trabucos.”

“É o que eu faria no lugar dele,” disse Sor Jorah. “Só teria feito antes.”

“Por que a menina ainda está dando ordens?” Tinteiros parecia confuso. “A alvorada veio e se foi. Ela não está vendo o sol? Ela está agindo como se ainda fosse a comandante suprema.”

“Se você fosse ela e soubesse que aquele Cara de Pudim está prestes a assumir o comando, provavelmente continuaria dando ordens também,” disse Mormont.

“Um não é melhor que o outro,” insistiu Kasporio.

“Verdade,” disse Tyrion, “mas Malazza tem tetas melhores.”

“É com bestas que se defende a Irmã Vingativa,” disse Tinteiros. “Escorpiões. Manganelas. É isso o que é preciso. Não se usa homens montados para defender uma posição fixa. A menina quer que desmontemos? Se sim, por que não usar os lanceiros e fundeiros dela?”

Kem enfiou sua cabeça loura pálida barraca adentro. “Desculpe incomodar, senhores, mas chegou outro cavaleiro. Diz que tem ordens novas do comandante supremo.”

Ben Mulato olhou de relance para Tyrion, e então deu de ombros. “Mande entrar.”

“Aqui?” Kem perguntou, confuso.

“Parece que é aqui que eu estou,” disse Plumm, com um toque de irritação. “Se ele for a outro lugar, não vai me encontrar.”

Saiu Kem. Quando voltou, segurou a aba da barraca para um nobre yunkaíta em uma capa de seda amarela e pantalonas correspondentes. O cabelo negro oleoso do homem havia sido torturado, retorcido e envernizado para parecer como se cem minúsculas rosas brotassem de sua cabeça. Em sua placa-de-peito havia uma cena de depravação tão deliciosa que Tyrion sentiu ali um espírito irmão.

“Os Imaculados avançam em direção à Filha da Harpia,” anunciou o mensageiro. “Barba-de-Sangue e duas legiões ghiscari estão entre eles. Enquanto mantêm a formação, vocês deverão circular atrás dos eunucos e atacá-los pela retaguarda, sem poupar nenhum. É este o comando do mui nobre e pujante Morghar zo Zherzyn, comandante supremo dos yunkaítas.”

“Morghar?” Kasporio franziu o cenho. “Não, Gorzhak comanda hoje.”

“Gorzhak zo Eraz jaz morto, cortado por traição pentoshi. O vira-casacas que se auto-denomina Príncipe dos Farrapos deverá morrer gritando por essa infâmia, é o que jura o nobre Morghar.”

Ben Mulato coçou a barba. “Os Soprados pelo Vento mudaram para lá, é?” disse ele, em tom de leve interesse.

Tyrion riu alegremente. “E nós trocamos Cara de Pudim pelo Conquistador Bêbado. É um milagre que ele tenha conseguido ficar longe da jarra tempo o suficiente para dar uma ordem meio razoável.”

O yunkaíta olhou fixamente para o anão. “Segure a língua, seu vermezinho...” A réplica dele murchou. “Este anão insolente é um escravo fugitivo,” declarou, chocado. “Ele é propriedade do nobre Yezzan zo Qaggaz, de memória sagrada.

“Está enganado. Ele é meu irmão-em-armas. Um homem livre, e um Segundo Filho. Os

escravos de Yezzan usam coleiras douradas.” Ben Mulato sorriu seu mais amigável sorriso. “Coleiras douradas, com sininhos. Está ouvindo sininhos? Não estou ouvindo sininhos.”

“Coleiras podem ser retiradas. Exijo que o anão seja entregue para punição imediatamente.”

“Isso parece desagradável. Jorah, o que você acha?”

“Isto.” A espada longa de Mormont estava em sua mão. Quando o cavaleiro se virou, Sor Jorah a enfiou em sua garganta. A ponta saiu pela parte de trás do pescoço do yunkaíta, vermelha e molhada. Sangue borbulhou pelos lábios dele, e caiu pelo queixo. O homem deu dois passos vacilantes e caiu sobre o tabuleiro de *cyvasse*, espalhando os exércitos de madeira por todos os lados. Ele se contraiu mais algumas vezes, agarrando a lâmina da espada de Mormont com uma mão enquanto a outra agarrava debilmente a mesa virada do avesso. Só então o yunkaíta pareceu perceber que estava morto. Ele ficou de rosto para baixo no carpete em uma sopa de sangue vermelho e rosas negras oleosas. Sor Jorah arrancou sua espada do pescoço do morto. Sangue escorria pelos vincos.

O dragão branco de *cyvasse* parou nos pés de Tyrion. Ele o recolheu do carpete e o limpou em sua manga, mas um pouco do sangue yunkaíta havia se entranhado nos finos sulcos da escultura, de forma que a madeira pálida parecia raiada de vermelho. “Todos saúdem nossa amada rainha, Daenerys.” *Quer ela esteja viva ou morta.* Ele jogou o dragão ensanguentado ao ar, agarrou-o, sorriu.

“Sempre fomos homens da rainha,” anunciou Ben Mulato. “Juntarmo-nos aos yunkaítas foi apenas um conspiração.”

“E que estratagema esperto, esse.” Tyrion deu um chute no morto com sua bota. “Se essa placa-de-peito servir, eu a quero.”

Mercy

(Capítulo completo. Originalmente disponibilizado em georgerrmartin.com, em março de 2014.)

Ela acordou com um sobressalto, sem saber quem era, ou onde estava.

O cheiro de sangue estava forte em suas narinas... ou seria o pesadelo se prolongando? Ela sonhara com lobos novamente, correndo em uma escura floresta de pinheiros com uma grande alcateia em seu encaço, seguindo o perfume de uma presa.

Uma luz fraca encheu o cômodo, cinza e sombria. Tremendo, ela sentou na cama e passou a mão pelo couro cabeludo. O cabelo em crescimento espetou a palma da mão. *Preciso raspar isso antes que Izembaro veja. Mercy, sou Mercy, e hoje à noite serei estuprada e assassinada.* Seu verdadeiro nome era Mercedene, mas só a chamavam Mercy...

Exceto em seus sonhos. Ela respirou fundo para aquietar os uivos em seu coração, tentando se lembrar mais sobre o que sonhara, mas a maior parte dele dele já se fora. Houvera sangue, uma lua cheia no céu, e uma árvore que a observava enquanto corria.

Ela deixou as folhas da janela abertas para que o sol da manhã pudesse acordá-la. Mas não havia sol do lado de fora da janela do quarto Mercy, apenas uma parede de névoa cinzenta vacilante. O ar ficara frio... o que era bom, do contrário ela poderia ter dormido o dia inteiro. *Seria a cara de Mercy dormir durante seu próprio estupro.*

Arrepios cobriam suas pernas. O cobertor se retorcera em torno dela como uma cobra. Ela o desenrolou, jogou o lençol no chão de tábuas e caminhou nua em direção à janela. Bravos estava perdida em névoa. Ela conseguia ver a água verde do pequeno canal abaixo, a rua de paralelepípedos de pedra que se estendia debaixo de seu prédio, dois arcos da ponte musgosa... mas o fim da ponte desaparecia no cinza, e dos edifícios ao longo do canal apenas algumas vagas luzes permaneciam. Ela ouviu uma suave pancada na água quando um barco emergiu abaixo do arco central da ponte. “Horas?” Mercy perguntou para o homem que estava na cauda arqueada da cobra, levando-a adiante com seu remo.

O barqueiro olhou, procurando a voz. “Quatro, pelo rugido do Titã.” As palavras dele ecoaram ocamente pelo turbilhão de águas verdes e pelas paredes de edifícios invisíveis.

Ela não estava atrasada, ainda não, mas não podia perder tempo. Mercy era uma alma feliz e uma trabalhadora árdua, mas raramente pontual. *Isso não seria bom o bastante esta noite.*

O enviado de Westeros era esperado no Portão naquela noite, e Izembaro não estaria com humor para ouvir desculpas, mesmo que servidas com um sorriso doce.

Ela encheu a bacia com a água do canal na noite passada, antes de ir dormir, preferindo a água salgada à viscosa e verde água de chuva verde que mourejava na cisterna dos fundos. Encharcando um pano áspero, lavou-se da cabeça aos calcanhares, equilibrando-se em uma perna de cada vez para esfregar os pés calejados. Depois disso, encontrou a navalha. Um couro cabeludo nu ajudava as perucas a encaixar melhor, afirmava Izembaro.

Ela se raspou, vestiu as roupas de baixo e escorregou um vestido disforme de lã marrom pela cabeça. Uma das meias precisava de remendo, percebeu enquanto a puxava para cima. Ela pediria ajuda a Chicote; sua própria costura era tão miserável que a chefe de guarda-roupa geralmente ficava com pena dela. *Ou eu poderia roubar um par do guarda-roupa.* Era arriscado, porém. Izembaro odiava quando os pantomimeiros usavam as roupas dele nas ruas. *Exceto Wendyne. Uma chupada no pau de Izembaro e qualquer garota podia usar a roupa que quisesse.* Mercy não era tão tola assim. Daena a alertara. “Meninas que começam por esse caminho acabam no Navio, onde todo homem da plateia sabe que pode conseguir qualquer coisinha bonita que vir no palco, se tiver uma bolsa gorda o suficiente.”

Suas botas eram pelotas de couro velho marrom salpicado de manchas de sal e rachado pelo uso, o cinto um pedaço de corda de cânhamo tingida de azul. Ela deu-lhe um nó na cintura, e pendurou uma faca no quadril direito e uma bolsa de moedas no esquerdo. Por último, jogou um manto por cima dos ombros. Era um verdadeiro manto de pantomimeiro, lã roxa forrada com seda vermelha, com um capuz que para proteger da chuva, e três bolsos secretos também. Ela escondera algumas moedas em um deles, uma chave de ferro em outro, um lâmina no último. Uma lâmina *de verdade*, não uma faca de fruta como a que tinha no quadril, mas aquela não pertencia a Mercy, não mais do que os outros tesouros. A faca de frutas pertencia a Mercy. Ela foi feita para comer fruta, sorrir e fazer piadas, para trabalhar duro e fazer o que lhe foi dito.

“Mercy, Mercy, Mercy,” cantou enquanto descia a escadaria de madeira até a rua. O corrimão estava lascado, os degraus íngremes e eram cinco lances, mas era por isso que ela conseguira o quarto tão barato. *Por isso, e pelo sorriso de Mercy.* Ela podia ser magricela e careca, mas Mercy tinha um sorriso bonito, e uma certa graça. Até Izembaro concordava que ela era graciosa. O Portão não era tão longe para um corvo voando em linha reta, mas para garotas que tinham pés ao invés de asas, o caminho era mais longo. Bravos era uma cidade tortuosa. As ruas

eram tortuosas, os becos ainda mais tortuosos, e os canais eram os mais tortuosos de todos. Na maioria dos dias ela preferia percorrer o caminho mais longo, pela Estrada do Trapeiro ao longo do Porto Exterior, onde ela tinha o mar adiante e o céu acima, e uma vista clara do Arsenal e das encostas de pinheiros do Escudo de Sellagoro, do outro lado da Lagoa Grande. Os marinheiros a chamavam quando ela passava pelas docas, gritando dos conveses de baleeiros ibbeneses alcatroados e cocas barrigudas de Westeros. Nem sempre Mercy conseguia entender as palavras deles, mas sabia o que estavam dizendo. Às vezes, ela devolvia um sorriso e dizia a eles que podiam encontrá-la no Portão se tivessem dinheiro.

O caminho longo também a levava pela Ponte dos Olhos, com suas faces esculpidas na pedra. No ponto mais alto, ela podia olhar através dos arcos e ver toda a cidade: as cúpulas verdes de cobre do Salão da Verdade, os mastros assomando como uma floresta no Porto Lilás, as torres altas dos poderosos, o trovão dourado em espiral no topo do Palácio do Senhor do Mar... até os ombros de bronze do Titã, além das águas verde-escuras. Mas isso só quando o sol brilhava sobre Bravos. Se a névoa estivesse densa não havia nada para ver a não ser o cinza, de modo que hoje Mercy escolhera o caminho mais curto, para poupar um pouco suas pobres botas rachadas.

A neblina parecia se abrir diante dela e se fechar novamente quando ela passava. Os paralelepípedos estavam úmidos e escorregadios sob seus pés. Ela ouviu o miado lamurioso de um gato. Bravos era uma cidade boa para gatos, e eles se esgueiravam por toda parte, especialmente à noite. *Na névoa todos os gatos são cinza*, pensou Mercy. *Na névoa todos os homens são assassinos*.

Ela nunca vira uma névoa tão espessa quanto essa. Nos canais mais largos, os barqueiros estariam batendo seus barcos serpente uns nos outros, incapazes de enxergar mais que as luzes foscas das casas em ambos os lados.

Mercy passou por um velho com um lampião indo na direção contrária, e invejou a luz dele. A rua estava tão sombria que ela mal podia ver onde pisava. Nas partes mais humildes da cidade, as casas, lojas e armazéns lotados se amontoavam, apoiando-se uns nos outros como amantes bêbados, seus andares superiores tão próximos que se podia passar de uma varanda a outra. As ruas embaixo se tornaram túneis escuros onde cada passo ecoava. Os canais pequenos eram ainda mais arriscados, uma vez que muitas das casas que os margeavam tinham latrinas que saíam sobre água. Izembaro adorava fazer o discurso do Senhor do Mar em *A Filha Melancólica do Mercador*, sobre como “aqui o último Titã ainda perdura, montado nos

ombros de pedra de seus irmãos,” mas Mercy preferia a cena em que o comerciante gordo cagava na cabeça do Senhor do Mar quando ele passava embaixo, em sua barca roxo-e-dourada. Dizia-se que apenas em Bravos algo como aquilo podia acontecer, e apenas em Bravos tanto um Senhor do Mar quanto um marinheiro gargalhariam ao ver isso.

O Portão ficava perto da borda da Cidade Afogada, entre o Porto Exterior e o Porto Púrpura. Um antigo armazém havia pegado fogo ali e o chão afundava um pouco mais a cada ano, então o terreno era barato. Sobre os alicerces de pedra inundados do armazém, Izembaro ergueu seu cavernoso salão de peças. O Domo e o Lanterna Azul podiam gozar de arredores mais elegantes, dizia ele a seus pantomimeiros, mas aqui entre as portas nunca haveria falta de marinheiros e putas para encher a plateia. O Navio estava ali perto, ainda arrastando ótimas multidões para o cais onde estivera atracado por vinte anos, dizia ele, e o Portão também prosperaria.

O tempo provou que ele estava certo. O palco do Portão havia desenvolvido uma inclinação conforme o prédio se acomodava, as roupas eram propensas ao mofo, e cobras d'água faziam ninhos no porão inundado, mas nada disso era problema para os pantomimeiros, desde que a casa estivesse cheia.

A última ponte era feita de corda e tábuas cruas, e parecia se dissolver no nada, mas era apenas a névoa. Mercy deu uma corridinha por ela, com os calcanhares repicando na madeira. A névoa se abriu diante dela como uma cortina cinzenta esfarrapada, revelando a casa de teatro. Uma luz amarelo-manteiga vazava das portas, e Mercy conseguia ouvir vozes lá dentro. Ao lado da entrada, Grande Brusco passara tinta em cima do título do último espetáculo, e em seu lugar escrevera *A Mão Sangrenta*, em enormes letras vermelhas. Ele estava pintando uma mão sangrenta entre as palavras, para os que não sabiam ler. Mercy parou para dar uma olhada. “Bela mão,” disse a ele.

“O polegar está torto.” Brusco deu uma batidinha nele com o pincel. “O Rei dos Pantomimeiros está procurando por você.”

“Estava escuro, então dormi e dormi.” Quando Izembaro se auto-intitulara pela primeira vez O Rei dos Pantomimeiros, a companhia se divertira perversamente, saboreando a indignação dos rivais do Domo e do Lanterna Azul. Ultimamente, no entanto, Izembaro começara a levar esse título a sério demais. “Ele só faz papéis de reis agora,” disse Marro, virando os olhos, “e se a peça não tiver reis, ele preferiria nem exibi-la.”

A Mão Sangrenta ostentava dois reis, o gordo e o menino. Izembaro interpretaria o gordo. Não era um papel grande, mas ele tinha um ótimo discurso em seu leito de morte, e uma luta esplêndida com um javali demoníaco antes disso. Phario Forel a escrevera, e ele tinha a pena mais sangrenta de toda Bravos.

Mercy encontrou a companhia reunida atrás do palco, e se esgueirou entre Daena e a Chicote nos fundos, esperando que seu atraso não fosse notado. Izembaro estava dizendo a todos que esperava que o Portão ficasse lotado até o teto naquela noite, apesar da névoa. “O Rei de Westeros enviou um emissário prestar homenagem ao Rei dos Pantomimeiros esta noite,” ele disse à trupe. “Não desapontaremos nosso companheiro monarca.”

“Nós?” disse Chicote, que fazia todo o figurino dos pantomimeiros. “Há mais de um rei, agora?”

“Ele é gordo o bastante para valer por dois,” sussurrou Bobono. Cada trupe de pantomimeiros tinha de ter um anão. Ele era o deles. Quando viu Mercy, deu-lhe um olhar malicioso. “O-ho,” disse, “aí está ela. A garotinha está pronta para o seu estupro?” Ele estalou os lábios.

A Chicote o estapeou na cabeça. “Fique quieto.”

O Rei dos Pantomimeiros ignorou a breve agitação. Ele ainda estava falando, dizendo aos pantomimeiros o quanto eles deveriam estar esplêndidos. Além do enviado de Westeros, haveria guardiães das chaves no meio da multidão esta noite, e cortesãs famosas também. Ele não tinha a intenção de que eles saíssem com uma má impressão do Portão. “As coisas ficarão ruins para qualquer homem que falhar comigo,” ele prometeu, uma ameaça que pegou emprestada do discurso que Príncipe Garin dá na véspera da batalha em *A Ira dos Senhores de Dragão*, a primeira peça de Phario Forel.

Quando Izembaro finalmente terminou seu discurso, faltava menos de uma hora para o início do espetáculo, e os pantomimeiros estavam todos frenéticos e inquietos, um a um. Por todo o Portão soava o nome de Mercy.

“Mercy,” sua amiga Daena implorou, “A Senhora Stork pisou na bainha do vestido de novo. Venha me ajudar a costurá-lo.”

“Mercy,” o Estranho chamou, “traga a maldita cola, meu chifre está se soltando.”

“Mercy,” trovejou o próprio Izembaro, o Grande, “o que você fez com minha coroa, garota? Não posso fazer minha entrada sem minha coroa. Como saberão que eu sou um rei?”

“Mercy,” guinchou o anão Bobono, “Mercy, algo está errado com meus cordões, meu pau fica caindo para fora.”

Ela pegou a cola pegajosa e fixou o chifre esquerdo do Estranho de volta na testa. Encontrou a coroa de Izembaro na latrina onde ele sempre a deixava e o ajudou a prendê-la à peruca, e, em seguida, correu por agulha e linha para que Chicote pudesse costurar a bainha da renda de volta no vestido de pano-de-ouro que a rainha usaria na cena do casamento.

E o pau de Bobono de fato estava caindo para fora. Era feito para cair para fora, para o estupro. *Que coisa horrórosa*, pensou Mercy quando se ajoelhou em frente ao anão para consertá-lo. O pau tinha trinta centímetros e era grosso como o braço dela, grande o bastante para ser visto do mais alto balcão do teatro. O tintureiro fizera um péssimo trabalho com o couro, porém; a coisa estava sarapintada de rosa e branco, com uma cabeça bulbosa da cor de uma ameixa. Mercy o empurrou de volta para dentro dos calções de Bobono e o atou novamente. “Mercy,” ele cantou enquanto ela o amarrava, “Mercy, Mercy, venha ao meu quarto esta noite e me faça homem.”

“Farei de você um eunuco se não parar de se desamarrar só para eu mexer na sua virilha”.

“Fomos feitos um para o outro, Mercy,” Bobono insistiu. “Veja, temos a mesma altura.”

“Só quando estou de joelhos. Lembra-se da sua primeira fala?” Fazia apenas uma quinzena desde que o anão cambaleara ao palco bêbado e abrira *A Angústia do Arconte* com o discurso do gamequim de *A Senhora Sensual do Mercador*. Izembaro o esfolaria vivo se fizesse outra bobagem dessas, e melhor nem pensar na dificuldade de se encontrar um bom anão.

“O que interpretaremos hoje, Mercy?” Bobono perguntou inocentemente.

Ele está me provocando, Mercy pensou. *Não está bêbado hoje, conhece muito bem a peça*. “Faremos *A Mão Sangrenta* de Phario, em honra do enviado dos Sete Reinos.”

“Agora me lembro.” Bobono baixou a voz para um coxo sombrio. “O Deus das Sete Faces me enganou,” disse. “Meu nobre pai ele fez do mais puro ouro, e de ouro fez meus

irmãos, menino e menina. Mas sou feito de um material mais escuro, de ossos e sangue e barro, retorcido nesta rude forma diante de seus olhos.” Com isso, ele agarrou no peito dela, procurando por um mamilo. “Você não tem peitinhos. Como posso estuprar uma menina sem peitinhos?”

Ela pegou o nariz dele entre o polegar e o indicador e o torceu. “Ficará sem nariz até tirar as mãos de mim.”

“Auuuuu,” o anão guinchou, soltando.

“Meus peitinhos crescerão em um ano, ou dois.” Mercy se levantou, assomando sobre o homenzinho. “Mas seu nariz nunca crescerá novamente. Pense nisso, antes de me tocar.”

Bobono esfregou o delicado nariz. “Não há motivo para ficar tão tímida. Será estuprada por mim em breve.”

“Não antes do segundo ato.”

“Eu sempre dou um bom apertão nos peitinhos da Wendyne quando a estupro em *Angústia do Arconte*,” reclamou o anão. “Ela gosta, e a plateia também. É preciso agradar a plateia.”

Essa era uma das “sabedorias” de Izembaro, como ele gostava de chamar. *É preciso agradar a plateia*. “Aposto que eu agradaria a plateia se arrancasse o pau do anão e desse com ele em sua cabeça,” Mercy respondeu. “Isso é algo que eles não terão visto antes.” *Dê sempre a eles algo que nunca viram antes* era outra “sabedoria” de Izembaro, uma para a qual Bobono não tinha resposta fácil. “Pronto, aí está,” Mercy anunciou. “Agora veja se consegue mantê-lo dentro dos calções até que seja necessário.”

Izembaro chamava por ela de novo. Agora ele não conseguia encontrar sua lança de javali. Mercy a encontrou para ele, ajudou Grande Brusco a vestir a roupa de javali, conferiu as adagas falsas para ter certeza de que nenhuma havia sido trocada por uma lâmina de verdade (alguém fizera isso no Domo uma vez, e um pantomimeiro morrerá), e serviu a Lady Stork o pouquinho de vinho que ela gostava de beber antes de cada peça. Quando todo o clamor por “Mercy, Mercy, Mercy” finalmente morreu, ela tirou um momento para dar uma espiada rápida na casa.

A plateia estava mais cheia do que jamais vira, e eles já estavam se divertindo, brincando e se empurrando, comendo e bebendo. Ela viu um mascate vendendo pedaços de queijo,

rasgando-os da peça com os dedos quando encontrava um comprador. Uma mulher tinha um saco de maçãs enrugadas. Odres de vinho passavam de mão em mão, algumas meninas estavam vendendo beijos, e um marinheiro tocava uma flauta do mar. O homenzinho com o olhar triste chamado Pena estava no fundo, vendo o que poderia roubar para suas próprias peças. Cossomo, o Conjurador, também viera, e em seus braços estava Yna, a puta de um olho só do Porto Feliz, mas Mercy não poderia reconhecê-los, e eles conheceriam Mercy. Daena viu alguns frequentadores do Portão na plateia, e os indicou para ela; o tintureiro Dellono com seu rosto branco apertado e suas mãos roxas sarapintadas, o salsicheiro Galeo em seu gorduroso avental de couro, o alto Tomarro com seu rato de estimação no ombro. “É melhor Tomarro não deixar que Galeo veja aquele rato,” Daena alertou. “Ouvi dizer que essa é a única carne que põe nas salsichas.” Mercy cobriu a boca e riu.

Os balcões também se enchiam. O primeiro e terceiro níveis eram para mercadores e capitães e outras pessoas de respeito. Os bravos preferiam o quarto, o mais alto, onde os assentos eram mais baratos. Era uma confusão de cores brilhantes lá em cima, enquanto embaixo tons mais escuros predominavam. O segundo balcão fora dividido em camarotes privados onde os poderosos podiam se acomodar com conforto e privacidade, separados em segurança da vulgaridade acima e abaixo. Eles tinham a melhor vista do palco, e criados para trazer comida, vinho, almofadas, o que quer que desejassem. Era raro encontrar mais da metade do segundo balcão cheia no Portão; os poderosos que apreciavam noites de pantomima eram mais propensos a visitar o Domo ou o Lanterna Azul, onde a oferta era considerada mais sutil e poética.

Esta noite estava era, porém, sem dúvida por conta do enviado westerosi. Em um camarote sentavam-se três descendentes dos Otharys, cada um acompanhado por uma cortesã famosa; Prestayn estava sozinho, um homem tão idoso que era de se perguntar como é que ele conseguira chegar ao assento; Torone e Pranelis dividiam um camarote, assim como compartilhavam uma aliança desconfortável; o Terceira Espada estava recebendo doze amigos.

“Contei cinco guardiães das chaves,” disse Daena.

“Bessaro é tão gordo que devia ser contado duas vezes,” Mercy respondeu, dando risadinhas. Izembaro tinha sua barriga, mas comparado a Bessaro, ele era esbelto como um salgueiro. O guardião das chaves era tão grande que precisava de um assento especial, com três vezes o tamanho de uma cadeira normal.

“Todos gordos, esses Reyaans,” Daena disse. “As barrigas são tão grandes quanto os

navios deles. Você deveria ter visto o pai deles. Ele fazia este aqui parecer pequeno. Uma vez ele foi convocado ao Salão da Verdade para votar, mas quando entrou na barcaça, ela afundou.” Ela agarrou Mercy pelo cotovelo. “Olhe, o camarote do Senhor do Mar.” O Senhor do Mar jamais visitara o Portão, mas Izembaro reservara um camarote para ele mesmo assim, o maior e mais opulento da casa. “Aquele deve ser o enviado de Westeros. Já viu roupas assim em um velho? E olhe, ele trouxe a Pérola Negra!”

O enviado era franzino e meio careca, com uma barbicha engraçada crescendo acinzentada no queixo. Sua capa era de veludo amarelo, bem como os calções. O gibão era de um azul tão brilhante que quase encheu d’água os olhos de Mercy. Em seu peito um escudo havia sido bordado com linha amarela, e dentro dele havia um orgulhoso galo em lápis-lázuli. Um de seus guardas o levou ao assento, enquanto outros dois ficaram atrás dele, nos fundos do camarote.

A mulher que o acompanhava não podia ter mais que um terço da idade dele. Era tão adorável que as lâmpadas pareciam brilhar mais quando ela passava. Vestia um traje decotado de uma seda amarelo-clara, contrastando contra sua pele marrom clara. Seu cabelo preto estava preso em uma rede de fios de ouro, e um colar de ouro e azeviche roçava na parte de cima de seus grandes seios. Enquanto observavam, ela aproximou-se do enviado e sussurrou algo em seu ouvido que o fez rir. “Deveriam chamá-la de a Pérola Marro,” disse Mercy para Daena. “Ela é mais marrom do que negra.”

“A primeira Pérola Negra era tão negra quanto um pote de tinta,” disse Daena. “Era uma rainha pirata, filha de um filho de um Senhor do Mar com uma princesa das Ilhas de Verão. Um rei dragão de Westeros a tomou como amante.”

“Eu queria ver um dragão,” Mercy disse, desejosa. “Por que o enviado tem uma galinha no peito?”

Daena gemeu. “Mercy, você não sabe *nada*? É o símbolo dele. Nos Reinos do Poente todos os senhores têm símbolos. Uns têm flores, uns têm peixes, uns têm ursos e alces e outras coisas. Veja, os guardas do enviado usam leões.”

Era verdade. Havia quatro guardas; homens grandes, mal-encarados em cota de malha, com pesadas espadas longas westerosi embainhadas nos quadris. Seus mantos carmesim eram bordados com espirais de ouro, e leões de ouro com granadas vermelhas nos olhos afixavam as capas no ombro. Quando Mercy olhou para os rostos sob os elmos dourados com espigões

de leão, sua barriga se contorceu. *Os deuses me deram um presente.* Seus dedos agarraram o braço de Daena com força. “Aquele guarda. O último, atrás da Pérola Negra.”

“O que tem ele? Você o conhece?”

“Não.” Mercy nascera e fora criada em Bravos, como poderia conhecer algum westerosi? Teve que pensar por um momento. “É só que... bem, é um bom homem de se olhar, não acha?” Ele era, de um modo áspero, embora seus olhos fossem duros.

Daena deu de ombros. “Ele é bem velho. Não tão velho quanto os outros, mas... pode ter *trinta anos*. E é westerosi. São selvagens terríveis, Mercy. Melhor ficar bem longe do tipo dele.”

“Ficar longe?” Mercy deu uma risadinha. Um tipo de garota que ria muito, essa era Mercy. “Não. Tenho que chegar mais perto.” Deu um apertão em Daena e disse, “Se a Chicote aparecer me procurando, diga que saí para ler minhas falas de novo.” Ela tinha apenas algumas, e a maior parte era só, “*Oh, não, não, não,*” e “*Pare, oh não, não me toque,*” e “Por favor meu senhor, ainda sou donzela,” mas esta era a primeira vez que Izembaro lhe dera quaisquer falas, então se esperava que a pobre Mercy quisesse dizê-las direito.

O enviado dos Sete Reinos havia levado dois de seus guardas ao camarote para ficar atrás de si e da Pérola Negra, mas os outros dois haviam sido postados do lado de fora da porta para garantir que ele não fosse incomodado. Estavam falando baixo na Língua Comum de Westeros quando ela deslizou por trás deles na passagem obscura. Aquela não era uma língua que Mercy conhecia.

“Sete infernos, esse lugar é úmido,” ela ouviu o guarda dela reclamar. “Estou gelado até os ossos. Onde estão as malditas laranjeiras? Sempre ouvi falar das laranjeiras nas Cidades Livres. Limões e limas. Romãs. Pimentas fortes, noites quentes, garotas com os ventres nus. Onde estão as garotas com os ventres nus, pergunto eu?”

“Estão lá em Lys, e Myr, e na Velha Volantis,” o outro guarda respondeu. Era um homem mais velho, barrigudo e grisalho. “Fui a Lys com Lorde Tywin uma vez, quando ele era Mão de Aerys. Bravos fica ao *norte* de Porto Real, idiota. Não consegue ler a desgraça de um mapa?”

“Quanto tempo acha que ficaremos aqui?”

“Mais tempo do que você gostaria,” o velho respondeu. “Se ele voltar sem o ouro a

rainha lhe tirará a cabeça. Além disso, conheço aquela mulher dele. Há degraus em Rochedo Casterly que ela não desce com medo de ficar presa, de tão gorda que é. Quem voltaria para aquilo, quando tem a rainha fuligem?”

O guarda bonito sorriu. “Não acha que ele a dividirá conosco, depois?”

“Quê, está louco? Acha que ele nota gente como nós? O desgraçado mal acerta nossos nomes na metade das vezes. Talvez fosse diferente com Clegane.”

“O Sor não não era homem de espetáculos de pantomima e putas chiques. Quando o Sor queria uma mulher, ele pegava, mas às vezes nos deixava tê-la, depois. Não me importaria de provar daquela Pérola Negra. Acha que ela é rosa entre as pernas?”

Mercy queria ouvir mais, mas não havia tempo. *A Mão Sangrenta* estava prestes a começar, e a Chicote estaria à procura dela para que ajudar com o figurino. Izembaro podia ser o Rei dos Pantomimeiros, mas a Chicote era a quem todos temiam. Haveria tempo o bastante seu belo guarda depois.

A Mão Sangrenta começava em um cemitério.

Quando o anão surgiu de repente de trás de uma lápide de madeira, a plateia começou a assobiar e xingar. Bobono bamboleou para a frente do palco e olhou de soslaio para eles. “O Deus das Sete Faces me enganou,” começou, rosnando as palavras. “Meu nobre pai ele fez do mais puro ouro, e de ouro fez meus irmãos, menino e menina. Mas sou feito de um material mais escuro, de ossos e sangue e barro...”

A essa altura, Marro surgira atrás dele, esquelético e terrível nas longas vestes escuras do Estranho. Sua face também estava negra, seus dedos vermelhos e brilhantes de sangue, e chifres de marfim projetavam-se de sua testa. Bobono não podia vê-lo, mas quem estava nos balcões sim, e agora a plateia também. Um silêncio ensurdecador recaiu no Portão. Marro moveu-se para a frente em silêncio.

E Mercy fez o mesmo. As roupas estavam todas penduradas, e a Chicote estava ocupada costurando Daena em suas vestes para a cena do julgamento, assim a ausência de Mercy não seria notada. Quieta como uma sombra, ela escorregou pelos fundos de novo, até onde os guardas estavam, do lado de fora do camarote do enviado. De pé em uma alcova obscurecida, parada como uma pedra, ela tinha uma boa visão do rosto dele. Estudou cuidadosamente, para ter certeza. *Sou muito nova pra ele?*, se perguntou. *Reta demais? Magra demais?* Esperou que

ele não fosse o tipo de homem que gostava de garotas com seios grandes. Bobono estivera certo sobre seu peito. *Seria melhor se eu pudesse levá-lo para meus aposentos, tê-lo só para mim. Mas ele virá comigo?*

“Acha que pode ser ele?” o bonito dizia.

“O quê? Os Outros levaram seu juízo?”

“Por que não? Ele é um anão, não é?”

“O Duende num era o único anão no mundo.”

“Talvez não, mas olhe aqui, todos falam sobre como ele era esperto, certo? Então talvez ele pense que o último lugar que sua irmã o procuraria seria em um espetáculo de pantomima, fazendo troça de si mesmo. E aí ele faz isso mesmo, para bagunçar com ela.”

“Ah, você está louco.”

“Bem, talvez eu o siga depois do espetáculo. E descubro sozinho.” O guarda colocou a mão no punho da espada. “Se eu estiver certo, serei um senhor, e se eu estiver errado, bem, que sangue, é só um anão.” Deu uma gargalhada.

No palco, Bobono barganhava com o Estranho sinistro de Marro. Ele tinha uma voz forte para um homem tão pequeno, e fazia vibrar as mais altas vigas agora. “Dê-me a taça,” ele disse ao Estranho, “pois beberei profundamente. E se tiver gosto de ouro e sangue de leão, melhor ainda. Como não posso ser o herói, deixe-me ser o monstro, para ensinar a eles o medo ao invés do amor.”

Mercy balbuciou as últimas palavras junto dele. Eram falas melhores do que as dela, e adequadas, além disso. *Ele me quererá ou não*, pensou, *então que a peça comece*. Fez uma oração silenciosa ao Deus das Muitas Faces, saiu da alcova e se agitou em direção aos guardas. *Mercy, Mercy, Mercy*. “Meus senhores,” disse ela, “falam bravosiano? Oh, por favor, digam que sim.”

Os dois guardas se entreolharam. “Mas o que é isso?” o mais velho perguntou. “Quem é ela?”

“Uma dos pantomimeiros,” disse o bonito. Atirou o cabelo para trás e sorriu para ela. “Desculpe, querida, não falamos esse seu blá-blá-blá.”

Que maravilha, Mercy pensou, *eles só falam a Língua Comum*. Isso não era bom.

Desista ou continue. Ela não podia desistir. Ela o queria tanto. “Sei a sua língua, um pouco,” mentiu, com o sorriso mais doce de Mercy. “Os senhores são lordes de Westeros, segundo a minha amiga.”

O velho riu. “Lordes? É, somos nós.”

Mercy olhou para os próprios pés, tão tímida. “Izembaro disse para agradar os lordes,” ela sussurrou. “Se quiser alguma coisa, *qualquer coisa* mesmo...”

Os dois guardas se entreolharam. Então o bonito esticou a mão e tocou em seu peito. “*Qualquer coisa?*”

“Você é nojento,” disse o velho.

“Por quê? Se esse Izembaro quer ser hospitaleiro, seria rude recusar.” Ele torceu o mamilo dela pelo tecido do vestido, da mesma forma que o anão fizera quando ela estava ajeitando o pau dele. “Pantomimeiras são a melhor coisa depois das putas.”

“Pode ser, mas esta é uma criança.”

“Não sou,” mentiu Mercy. “Sou uma donzela agora.”

“Não por muito tempo,” disse o gracioso. “Sou o Lorde Rafford, querida, e sei exatamente o que quero. Levante essa saia agora, e vire-se contra a parede.”

“*Aqui* não,” Mercy disse, afastando as mãos dele. “Não onde acontece a *peça*. Posso dar um grito, e Izembaro ficaria bravo.”

“Onde, então?”

“Conheço um lugar.”

O guarda mais velho estava de cara amarrada. “O quê, você acha que pode simplesmente sair fora? E se o senhor cavaleiro vier procurar por você?”

“Por que o faria? Ele tem um espetáculo para assistir. E ele tem a própria puta, por que eu não poderia ter a minha? Não levará muito tempo.”

Não, ela pensou, *não levará*. Mercy o pegou pela mão, o levou escada pelos fundos e escada abaixo, e para a noite nebulosa afora. “Você poderia ser um pantomimeiro, se quisesse,” disse a ele, enquanto ele a apertava contra a parede do casa de teatro.

“Eu?” O guarda bufou. “Eu não, garota. Todo esse falatório desgraçado, não me lembraria nem da metade.”

“É difícil no começo,” ela admitiu. “Mas depois de um tempo fica mais fácil. Eu poderia ensinar uma fala a você. Poderia.”

Ele agarrou seu pulso. “Eu é que vou ensinar. Hora de sua primeira lição.” Ele a puxou com força contra si e a beijou nos lábios, forçando a língua em sua boca. Foi molhado e viscoso, como uma enguia. Mercy a lambeou com sua própria língua, e em seguida se livrou dele, sem fôlego. “Aqui não. Alguém pode *ver*. Meu quarto não é muito longe, mas ande rápido. Tenho que estar de volta antes do segundo ato, ou vou perder meu estupro.”

Ele deu um sorriso largo. “Sem chance disso, menina.” Mas deixou que ela o puxasse atrás de si. De mãos dadas, eles correram pela neblina, sobre pontes e através de becos e cinco lances de escadas de madeira lascada acima. O guarda estava ofegante quando irromperam pela porta do quartinho dela. Mercy acendeu uma vela de sebo, e dançou em volta dele, rindo. “Ah, agora você está todo cansado. Esqueci-me da sua idade, meu senhor. Quer tirar um cochilo? Só deite e feche os olhos, e eu voltarei depois de o Duende ter me estuprado”.

“Você não vai a lugar nenhum.” Ele a puxou para si, bruscamente. “Tire esses trapos, e eu mostrarei como sou velho, garota.”

“Mercy,” ela disse. “Meu nome é *Mercy*. Pode dizer?”

“Mercy,” ele disse. “Meu nome é Raff.”

“Eu sei.” Ela escorregou as mãos entre suas pernas, e sentiu o quanto ele estava duro debaixo da lã dos calções.

“Os cordões,” ele a apressou. “Seja uma boa menina e os desamarre.” Em vez disso, ela deslizou o dedo pelo interior da coxa dele. Ele deu um grunhido. “Diabos, cuidado aí, sua...”

Mercy deu um sobressalto e se afastou, o rosto confuso e assustado. “Você está *sangrando*.”

“O qu...” Ele para baixo. “Deuses sejam bons. O que fez comigo, sua vadiazinha?” A mancha vermelha se espalhava pela coxa, encharcando o tecido pesado.

“Nada,” Mercy guinchou. “Eu *nunca*... oh, oh, há tanto sangue. Pare, pare está me

assustando.”

Ele balançou a cabeça, com uma expressão atordoada no rosto. Quando apertou a mão contra a coxa, sangue esguichou por entre os dedos. Escorria pela perna, e para dentro da bota. *Ele não parece tão gracioso agora, pensou. Parece só parece branco e assustado.*

“Uma toalha,” arfou o guarda. “Traga-me uma toalha, um trapo, pressione. Deuses. Estou tonto.” A perna estava encharcada de sangue da coxa para baixo. Quando ele tentou colocar o peso sobre a perna, o joelho se dobrou e ele caiu. “Ajude-me,” suplicou, com a virilha dos calções avermelhada. “Pela misericórdia da Mãe, garota. Um curandeiro... corra e encontre um curandeiro, rápido.”

“Há um no próximo canal, mas ele não virá até aqui. Você terá que ir até ele. Você não consegue andar?”

“Andar?” Os dedos dele estavam lustrados de sangue. “Está cega, menina? Estou jorrando sangue. Não consigo andar assim.”

“Bem,” ela disse, “Não sei como chegará até lá, então.”

“Terá de me carregar.”

Está vendo? pensou Mercy. Você sabe a sua fala, e eu também.

“Acha mesmo?” perguntou Arya, docemente.

Raff, o Querido, ergueu os olhos rapidamente enquanto uma longa e fina lâmina deslizava da manga dela. Ela a enfiou em sua garganta abaixo do queixo, girou, e rasgou para o lado com um único corte limpo. Uma fina chuva vermelha se seguiu, e a luz nos olhos dele se apagou.

“Valar morghulis,” Arya sussurrou, mas Raff estava morto e não ouviu. Ela fungou. *Deveria tê-lo ajudado a descer as escadas antes de matá-lo. Agora precisarei arrastá-lo até o canal e empurrá-lo. As enguias fariam o resto.*

“Mercy, Mercy, Mercy,” ela cantou tristemente. Ela fora uma garota bobinha e leviana, mas com um bom coração. Sentiria falta dela, e de Daena e da Chicote e dos outros, até de Izembaro e Bobono. Isso traria problemas para o Senhor do Mar e para o enviado com a galinha no peito, ela não duvidava.

Pensaria nisso mais tarde, porém. Agora, não havia tempo. *É melhor eu correr.* Mercy ainda tinha falas a dizer, suas primeiras e últimas, e Izembaro tiraria sua bela cabecinha oca se ela se atrasasse para seu próprio estupro.

Alayne

(Capítulo completo. Originalmente disponibilizado em georgerrmartin.com, em abril de 2015.)

Ela estava lendo um conto do Cavaleiro Alado para seu pequeno senhor quando Mya Stone veio bater à porta do quarto, vestida com botas e couros de montaria, e cheirando fortemente a estábulo. Mya tinha palha no cabelo e uma careta no rosto. *A careta é por ter Mychel Redfort por perto*, sabia Alayne.

“Vossa Senhoria”, Mya informou a Lorde Robert, “Os estandartes da Senhora Waynwood foram vistos há uma hora na estrada. Ela estará aqui em breve, com seu primo Harry. Desejará saudá-los?”

Por que ela tinha de mencionar Harry? Alayne pensou. *Agora nunca conseguiremos tirar Doce Robin da cama.* O garoto estapeou um travesseiro. “Mande-os embora. Nunca os chamei aqui.”

Mya pareceu desconcertada. Ninguém no Vale era melhor em lidar com uma mula como ela, mas fidalgotes eram outra questão. “Eles foram convidados”, disse ela, hesitante, “para o torneio. Eu não ...”

Alayne fechou o livro. “Obrigada, Mya. Deixe-me falar com Lorde Robert, se me permite.” Com alívio evidente no rosto, Mya saiu sem dizer outra palavra.

“Odeio aquele Harry,” Doce Robin disse quando ela saiu. “Ele me chama de primo, mas está só esperando que eu morra para tomar o Ninho da Águia. Ele pensa que eu não sei, mas eu sei.”

“Vossa Senhoria não deveria acreditar em tal absurdo”, disse Alayne. “Tenho certeza de que Sor Harrold o ama.” *E se os deuses forem bons, me amará também.* Seu estômago se agitou. “Não ama,” Lorde Robert insistiu. “Ele quer o castelo de meu pai, é só isso, então ele finge.” O menino apertou o cobertor contra o peito espinhento. “Não quero que se case com ele, Alayne. Sou o Senhor do Ninho da Águia, e o proíbo.” Ele soou como se estivesse prestes a chorar “Você deveria se casar comigo ao invés disso. Poderíamos dormir na mesma cama todas as noites, e você poderia ler histórias para mim.”

Nenhum homem pode ser casar comigo enquanto meu marido anão ainda estiver vivo em algum lugar deste mundo. A Rainha Cersei coletara as cabeças de doze anões, segundo Petyr,

mas nenhuma era a de Tyrion. “Doce Robin, não deve dizer tais coisas. É o Senhor do Ninho da Águia e Protetor do Vale, e deve se casar com uma donzela de alto nascimento e ser pai de um filho que se sente no Alto Salão da Casa Arryn quando partir.”

Robert limpou o nariz. “Mas eu quero...” Ela colocou um dedo sobre os lábios dele. “Sei o que quer, mas não pode ser assim. Não sou uma esposa adequada para você. Nasci bastarda.” “Não me importo. Amo você mais do que qualquer pessoa.”

Você é tão tolinho. “Os senhores seus vassallos se importarão. Alguns chamam meu pai de arrivista e ambicioso. Se me tomasse como esposa, diriam que ele o obrigou a fazer isso, que não seria sua própria vontade. Os Senhores Declarantes poderiam levantar armas contra ele mais uma vez, e ele e eu seríamos ambos condenados à morte.”

“Eu não deixaria que a machucassem!” disse Lorde Robert. “Se eles tentarem, faço todos voarem.” A mão dele começou a tremer. Alayne acariciou seus dedos. “Assim, meu Doce Robin, fique quieto agora.” Quando o tremor passou, ela disse, “Deve ter uma esposa adequada, uma donzela legítima de nascimento nobre.”

“Não. Quero me casar com você, Alayne.”

Certa vez, a senhora sua mãe pretendeu exatamente isso, mas à época eu era legítima, e nobre. “Meu senhor é gentil em dizê-lo.” Alayne alisou seu cabelo. Lady Lysa nunca deixara os servos o tocarem, e depois que ela morrera, Robert sofrera terríveis crises de tremores sempre que alguém chegava perto dele com uma lâmina, de modo que o cabelo fora deixado crescendo até cair sobre seus ombros arredondados e por metade de seu flácido peito branco. *Ele tem um cabelo bonito, de fato. Se os deuses forem bons e ele viver o suficiente para se casar, a esposa irá admirar o cabelo dele, certamente. Nisso ela irá amá-lo.* “Qualquer filho nosso seria ilegítimo. Apenas uma criança legítima da Casa Arryn poderia tirar o lugar de Sor Harrold como seu herdeiro. Meu pai lhe encontrará uma esposa adequada, uma garota bem nascida muito mais bonita que eu. Caçarão e falcoarão juntos, e ela lhe dará seu favor para usar em torneios. Em pouco tempo, terá me esquecido por completo.”

“Não terei!”

“Terá. Deve.” Sua voz era firme, mas suave. “O Senhor do Ninho da Águia pode fazer o que quiser. Não posso ainda amar você, mesmo se eu tiver que me casar com ela? Sor Harrold tem uma mulher comum. Benjicot diz que ela carrega o filho bastardo dele.” *Benjicot deveria*

aprender a manter sua boca de idiota fechada. “É isso que teria de mim? Um bastardo?” Ela retirou os dedos do aperto dele. “Me desonraria dessa maneira?”

O menino pareceu arrasado. “Não. Eu nunca quis...”

Alayne ficou de pé. “Se for do agrado de meu senhor, devo ir encontrar meu pai. Alguém precisa saudar a Senhora Waynwood.” Antes de seu pequeno senhor conseguir encontrar as palavras para protestar, ela ofereceu a ele uma rápida reverência e saiu do quarto, deslizando pelo corredor e através de uma ponte em direção aos aposentos do Senhor Protetor.

Quando ela deixara Petyr Baelish naquela manhã, ele quebrava o jejum com o velho Oswell, que chegara na noite passada de Vila Gaivota em um cavalo suado. Ela esperava que eles ainda pudessem estar conversando, mas o solar de Petyr se provou vazio. Alguém deixara uma janela aberta e uma pilha de papéis havia sido soprada pelo chão. O sol se esguelhava pelas grossas janelas amarelas, e grãos de poeira dançavam na luz como pequenos insetos dourados. Embora a neve tivesse coberto as alturas Lança do Gigante acima, abaixo da montanha o outono se demorava e o trigo de inverno começava a amadurecer nos campos. Do lado de fora da janela, ela podia ouvir o riso das lavadeiras no poço, o tinir de aço sobre aço na ala onde os cavaleiros treinavam. *Bons sons.*

Alayne amava este lugar. Sentia-se viva novamente, pela primeira vez desde que seu pai ... desde que Lorde Eddard Stark morrera.

Ela fechou a janela, recolheu os papéis caídos, e os empilhou sobre a mesa. Um deles era uma lista dos competidores. Sessenta e quatro cavaleiros haviam sido convidados a disputar lugares entre os membros da nova Irmandade dos Cavaleiros Alados de Lorde Robert Arryn, e sessenta e quatro cavaleiros haviam vindo justar pelo direito de usar as asas do falcão em seus elmos e de proteger seu senhor.

Os competidores vinham de todo o Vale, dos vales das montanhas e da costa, de Vila Gaivota e do Portão Sangrento, até mesmo das Três Irmãs. Embora alguns tivessem sido prometidos, apenas três eram casados; os oito vencedores deveriam passar os próximos três anos ao lado de Lorde Robert, como sua própria guarda pessoal (Alayne havia sugerido sete, como a Guarda Real, mas Doce Robin insistira que ele deveria ter mais cavaleiros do que o Rei Tommen), então homens mais velhos com esposas e filhos não haviam sido convidados.

E eles vieram, Alayne pensou com orgulho. *Todos eles vieram.*

Acontecera exatamente como Petyr disse que aconteceria, no dia em que os corvos voaram. “Eles são jovens, ardentes, famintos por aventura e renome. Lysa não os deixaria ir para a guerra. Essa é a coisa mais próxima disso. A oportunidade de servir a seu senhor e provar sua valentia. Eles virão. Até Harry, o Herdeiro.” Ele alisara seu cabelo e beijara sua testa. “Que filha inteligente você é.”

Fora mesmo inteligente. O torneio, os prêmios, os cavaleiros alados, tudo havia sido ideia dela. A mãe de Lorde Robert o enchera de medos, mas ele sempre ganhava coragem com os contos que ela lia para ele sobre Sor Artys Arryn, o Cavaleiro Alado das lendas, fundador de sua linhagem. *Por que não cercá-lo de Cavaleiros Alados?* Ela pensara uma noite, depois de Doce Robin finalmente adormecer. *Sua própria Guarda Real, para mantê-lo seguro e fazê-lo corajoso.* E assim que ela contou a Petyr sua idéia, ele fez acontecer. *Ele quererá estar lá para saudar Sor Harrold. Aonde poderia ter ido?*

Alayne desceu correndo a escadaria da torre, entrando na galeria com colunas nos fundos do Alto Salão. Abaixo dela, criados montavam mesas de armar para o banquete da noite, enquanto suas esposas e filhas varriam os velhos juncos e espalhavam novos. Lorde Nestor mostrava a Lady Waxley suas tapeçarias premiadas, com cenas de caça e perseguição. Os mesmos painéis haviam outrora estado pendurados na Fortaleza Vermelha de Porto Real, quando Robert sentava no Trono de Ferro. Joffrey mandara retirá-los, e eles haviam definhado em algum porão até que Petyr Baelish providenciou para que fossem trazidos ao Vale como um presente para Nestor Royce. As tapeçarias não apenas eram lindas, como o Alto Intendente se deleitava ao dizer para quem quisesse ouvir que haviam pertencido a um rei.

Petyr não estava no Alto Salão. Alayne cruzou a galeria e desceu a escada construída na grossa parede oeste, saindo na ala interior, onde a justa seria realizada. Arquibancadas haviam sido levantadas para todos aqueles que vieram assistir, com quatro longas barreiras de torneio ao meio. Os homens de Lorde Nestor pintavam os obstáculos com cal, drapejando as bancadas com estandartes brilhantes, e pendurando escudos no portão pelo qual os competidores passariam quando fizessem sua entrada.

No extremo norte do pátio, três estafermos haviam sido montados, e alguns dos competidores cavalgavam em direção a eles. Alayne soube quem eram por seus escudos; os sinos de Belmore, as víboras verdes dos Lynderly, a carroça vermelha de Breakstone, o campo denteado preto e cinza da Casa Tollett. Sor Mychel Redfort fez um dos estafermos girar com um golpe preciso. Ele era um dos favoritos a ganhar as asas.

Petyr não estava nos estafermos, nem em nenhum lugar do pátio, mas quando ela se virou para partir uma voz feminina chamou. “Alayne!”, gritou Myranda Royce, de um banco de pedra esculpida embaixo de uma faia, onde estava sentada entre dois homens. Ela parecia estar precisando de um resgate. Sorrindo, Alayne caminhou em direção à amiga.

Myranda estava com um vestido de lã cinza, uma capa com capuz verde, e um olhar um tanto desesperado. A cada um de seus lados estava sentado um cavaleiro. O que estava à direita dela tinha uma barba grisalha, uma cabeça careca, e uma barriga que transbordava pelo cinto da espada até onde deveria ser seu colo. O que estava à esquerda não tinha mais que dezoito anos, e era magro como uma lança. Seus bigodes ruivos serviam apenas parcialmente para disfarçar as raivosas espinhas vermelhas que pontilhavam seu rosto.

O cavaleiro careca vestia um sobretudo azul escuro estampado com um enorme par de lábios rosados. O rapaz ruivo-espinhoso respondia com nove gaiotas brancas em um campo castanho, o que o indicava como um Shett de Vila Gaivota. Ele olhava tão absorto para os seios de Myranda que quase não notou Alayne até que Myranda se levantou para abraçá-la. “Obrigada, obrigada, obrigada” Randa sussurrou em seu ouvido, antes de se virar para dizer, “Sores, posso lhes apresentar a Senhora Alayne Stone?”

“A filha do Senhor Protetor”, o cavaleiro careca anunciou, cheio de galanteria calorosa. Ele se levantou laboriosamente. “E tão linda quanto os contos a seu respeito, vejo.” Para não ficar para trás, o cavaleiro espinhento se levantou de um salto e disse, “Sor Ossifer diz a verdade, é a mais bela donzela em todos os Sete Reinos.” Poderia ter sido uma cortesia mais doce se não tivesse sido direcionada para seu peito.

“E já viu todas essas donzelas por si mesmo, sor?” Alayne perguntou a ele. “É jovem para ser tão viajado.” Ele corou, o que só fez suas espinhas parecerem mais raivosas. “Não, minha senhora. Sou de Vila Gaivota.”

E eu não sou, embora Alayne tenha nascido lá. Ela precisaria ser cuidadosa perto deste. “Lembro-me com carinho de Vila Gaivota,” disse a ele, com um sorriso tão vago quanto agradável. Para Myranda ela disse, “Sabe aonde foi meu pai, por algum acaso?”

“Deixe-me levá-la a ele, minha senhora.”

“Espero que me perdoem por privá-los da companhia de Lady Myranda,” Alayne disse aos cavaleiros. Ela não esperou por uma resposta, mas tomou a garota mais velha pelo braço e a

afastou do banco. Só quando estavam fora do alcance dos ouvidos deles foi que ela sussurrou, “Realmente sabe onde está meu pai?”

“Claro que não. Ande mais rápido, meus novos pretendentes podem estar nos seguindo.” Myranda fez uma careta. “Ossifer Lipps é o cavaleiro mais estúpido do Vale, mas Uther Shett aspira a seus louros. Estou orando para que travem um duelo por minha mão, e que se matem.”

Alayne deu uma risadinha. “Certamente Lorde Nestor não levaria a sério um pedido de homens desse tipo.”

“Oh, ele poderia. O senhor meu pai está irritado comigo por ter matado meu último marido e lhe dado todo esse trabalho.”

“Não foi culpa sua que ele tenha morrido.”

“Não havia mais ninguém na cama, que eu me lembre.”

Alayne não teve opção a não ser se calar. O marido de Myranda morrera enquanto fazia amor com ela. “Aqueles Homens das Irmãs que chegaram ontem eram galantes,” disse ela, para mudar de assunto. “Se não gosta de Sor Ossifer ou Sor Uther, case-se com um deles. O mais novo deles me pareceu muito belo.”

“O do manto de pele de foca?” disse Randa, incrédula.

“Um de seus irmãos, então.”

Myranda revirou os olhos. “Eles são das Irmãs. Você já conheceu um Homem das Irmãs que sabia justar? Eles limpam as espadas com óleo de bacalhau e se lavam em banheiras de água do mar fria.”

“Bem,” disse Alayne, “pelo menos eles são limpos.”

“Alguns têm teias entre os dedos dos pés. Preferiria me casar com Lorde Petyr. Então seria sua mãe. Qual é o tamanho daquele mindinho, lhe pergunto?”

Alayne não se dignou a responder aquela pergunta. “Lady Waynwood estará aqui em breve, com os filhos.”

“Isso é uma promessa ou uma ameaça?” disse Myranda. “A primeira Senhora Waynwood deve ter sido uma égua, acredito. De que outra forma se explica por que todos os homens Waynwood têm cara de cavalo? Se algum dia eu fosse me casar com um Waynwood, ele teria que fazer um voto para vestir o elmo sempre que quisesse me comer, e manter a viseira *fechada*.” Ela deu um beliscão no braço de Alayne. “Meu Harry estará com eles, porém. Percebo que você não o mencionou. Nunca a perdoarei por roubá-lo de mim. Ele é o garoto com quem quero me casar.”

“O noivado foi obra de meu pai,” protestou Alayne, como fizera uma centena de vezes antes. *Ela só está provocando*, disse a si mesma... mas por trás das piadas, ela podia ouvir a mágoa.

Myranda parou para contemplar os cavaleiros treinando pelo pátio. “Ali está exatamente o tipo de marido que preciso.”

A poucos metros de distância, dois cavaleiros lutavam com espadas de treino embotadas. Suas lâminas se chocaram duas vezes, e deslizaram uma pela outra até serem bloqueadas por escudos erguidos, mas o maior deles cedeu terreno com o impacto. Alayne não conseguia ver a frente de seu escudo de onde estava, mas o atacante tinha três corvos em voo, cada um segurando um coração vermelho nas garras. *Três corações e três corvos*. Ela soube então como a luta terminaria.

Alguns instantes mais tarde e o maior estava estatelado e atordoado na terra com o elmo torto. Quando seu escudeiro desfez as amarras para liberar sua cabeça, havia sangue escorrendo por seu couro cabeludo. *Se as espadas não fossem embotadas, haveria miolos também*. Esse último golpe na cabeça fora tão duro que Alayne estremeceu em simpatia quando ele acertou. Myranda Royce considerou o vencedor pensativa. “Acha que, se eu pedisse gentilmente, Sor Lyn mataria meus pretendentes para mim?”

“Ele poderia, por um gordo saco de ouro.” Sor Lyn Corbray estava sempre precisando desesperadamente de dinheiro, todo o Vale sabia disso.

“Infelizmente, tudo que tenho é um gordo par de tetas. Embora com Sor Lyn, uma salsicha gorda sob minhas saias me serviria melhor.” A risadinha de Alayne chamou a atenção de Corbray. Ele entregou o escudo a seu desajeitado escudeiro, tirou o elmo e a touca acolchoada.

“Senhoras”. Seus longos cabelos castanhos estavam grudados na testa pelo suor.

“Belo golpe, Sor Lyn,” disse Alayne. “Embora eu tema que tenha deixado o pobre Sor Owen sem sentido.” Corbray olhou de volta para onde seu adversário estava sendo ajudado pelo escudeiro a deixar do pátio. “Ele nunca teve muito senso, ou não teria me desafiado.”

Há verdade nisso, Alayne pensou, mas algum demônio malicioso estava nela naquela manhã, então deu uma estocada própria em Sor Lyn. Sorrindo docemente, ela disse, “O senhor meu pai me contou que a esposa nova de seu irmão está esperando uma criança.”

Corbray lhe deu um olhar sombrio. “Lyonel envia seu pesar. Ele permanece em Lar do Coração com sua filha de mascate, assistindo a barriga dela inchar como se fosse o primeiro homem que fez uma rapariga grávida.”

Oh, essa é uma ferida aberta, pensou Alayne. A primeira esposa de Lyonel Corbray não lhe dera nada além de um frágil e doentio bebê que morreu na infância, e durante todos esses anos Sor Lyn permanecera herdeiro de seu irmão. Quando a pobre mulher finalmente morreu, no entanto, Petyr Baelish intervieria e intermediaria um novo casamento para Lorde Corbray. A segunda Senhora Corbray tinha dezesseis anos, filha de um rico comerciante de Vila Gaivota, mas viera com um imenso dote, e os homens diziam que ela era uma garota alta, robusta, saudável, com seios grandes e quadris bons e largos. E fértil também, ao que parece. “Estamos todos rezando para que a Mãe conceda à Senhora Corbray um parto fácil e uma criança saudável,” disse Myranda.

Alayne não conseguiu se conter. Sorriu e disse, “Meu pai está sempre satisfeito em servir a um dos leais vassalos de Lorde Robert. Tenho certeza de que ele ficaria satisfeitíssimo em ajudar a intermediar um casamento para você também, Sor Lyn.”

“Que gentil da parte dele.” Os lábios de Corbray se retraíram em algo que poderia ter sido dado como um sorriso, embora tenha dado a Alayne um calafrio. “Mas que serventia teria eu para herdeiros, quando não tenho terras e provavelmente continuarei assim, graças ao nosso Senhor Protetor? Não. Diga ao senhor seu pai que não preciso de nenhuma de suas éguas de cria.”

O veneno em sua voz estava tão carregado que por um momento ela quase esqueceu que Lyn Corbray era na verdade um leão de chácara de seu pai, comprado e pago. *Mas será*

mesmo? Talvez, ao invés de ser um homem de Petyr fingindo ser inimigo de Petyr, ele fosse na verdade seu inimigo fingindo ser seu homem fingindo ser seu inimigo.

Pensar nisso foi o suficiente para fazer sua cabeça girar. Alayne virou-se abruptamente do pátio ... e trombou em um homem baixo, de feições angulosas e um punhado de cabelos alaranjados que chegara atrás dela. A mão dele se lançou e pegou seu braço antes que ela pudesse cair. “Minha senhora. Meus perdões se a surpreendi.”

“A culpa foi minha. Eu não o vi.”

“Nós, os ratos, somos criaturas silenciosas.” Sor Shadrich era tão baixo que poderia ser confundido com um escudeiro, mas seu rosto pertencia a um homem muito mais velho. Ela viu longas léguas nas rugas no canto de sua boca, velhas batalhas na cicatriz abaixo de sua orelha, e uma dureza por trás dos olhos que nenhum garoto jamais teria. Este era um homem feito. Até Randa era mais alta do que ele, porém.

“Você irá atrás das asas?”, a garota Royce disse.

“Um rato com asas seria algo tolo.”

“Talvez, ao invés disso, vá tentar o corpo a corpo?” Alayne sugeriu.

O corpo a corpo era um adendo, uma oferta para todos os irmãos, tios, pais e amigos que haviam acompanhado os competidores aos Portões da Lua para vê-los ganhar suas asas de prata, mas haveria prêmios para os campeões, e uma chance de ganhar resgates.

“Um bom corpo a corpo é tudo por que um cavaleiro andante pode esperar, a menos que ele tropece em um saco de dragões. E isto não é provável, não é mesmo?”

“Suponho que não. Mas agora deve nos desculpar, sor, precisamos encontrar o senhor meu pai.”

Cornetas soaram do alto da muralha. “Tarde demais,” disse Myranda. “Eles estão aqui. Precisaremos fazer as honras nós mesmas.” Ela sorriu abertamente. “A última a chegar ao portão deve se casar com Uther Shett.”

Fizeram daquilo uma corrida, disparando impetuosamente pelo pátio e passando pelos estábulos, as saias se agitando, enquanto tanto cavaleiros quanto criados assistiam, e porcos e galinhas se espalhavam diante delas. Não era nada donzelesco, mas Alayne rapidamente se viu

rindo. Por um breve momento, enquanto corria, ela se esqueceu de quem era, e onde estava, e se viu lembrando de dias claros e frios em Winterfell, quando corria pelo castelo com sua amiga Jeyne Poole, com Arya correndo atrás delas tentando acompanhá-las.

Quando chegaram à casa de guarda, ambas estavam com o rosto vermelho e ofegantes. Myranda perdera o manto em algum lugar pelo caminho. Chegaram bem na hora. O rastrilho havia sido levantado, e uma coluna de vinte cavaleiros passava por baixo dele. Na ponta cavalgava Anya Waynwood, Senhora de Ferrobles, austera e esbelta, com o cabelo castanho-acinzentado amarrado em um lenço. Sua capa de montar era de lã verde pesada, ornamentada com pele marrom, e afivelada no pescoço por um broche de nielo na forma da roda quebrada de sua Casa.

Myranda Royce se adiantou e esboçou uma reverência. “Lady Anya. Bem-vinda aos Portões da Lua.”

“Lady Myranda. Lady Alayne.” Anya Waynwood inclinou a cabeça em direção a elas, uma de cada vez. “É gentil de sua parte nos saudar. Permitam-me apresentar meu neto, Sor Roland Waynwood.” Ela assentiu com a cabeça para o cavaleiro que falara. “E este é meu filho mais novo, Sor Wallace Waynwood. E, claro, meu protegido, Sor Harrold Hardyng.”

Harry, o Herdeiro, Alayne pensou. Meu futuro marido, se ele me aceitar. Um terror repentino a invadiu. Ela se perguntou se seu rosto estava vermelho. Não o encare, ela lembrou a si mesma, não encare, não fique embasbacada, não fique de boca aberta. Desvie o olhar. Seu cabelo devia estar uma bagunça terrível depois de toda aquela correria. Custou-lhe toda sua força de vontade se impedir de tentar ajeitar os fios soltos de volta no lugar. Esqueça seu cabelo idiota. Seu cabelo não importa. É ele que importa. Ele, e os Waynwoods.

Sor Roland era o mais velho dos três, apesar de não ter mais do que vinte e cinco anos. Era mais alto e mais musculoso que Sor Wallace, mas ambos tinham rostos compridos e queixo saliente, com grossos cabelos castanhos e narizes finos. Cara-de-cavalo e desajeitado, Alayne pensou.

Harry, no entanto...

Meu Harry. Meu senhor, meu amante, meu prometido.

Sor Harrold Hardyng era um futuro senhor em cada centímetro; proporcional e bonito, aprumado como uma lança, duro de músculo. Homens com idade suficiente para

terem conhecido Jon Arryn em sua juventude diziam que Sor Harrold tinha sua aparência, ela sabia. Ele tinha um tufo de cabelo loiro-areia, olhos azuis pálidos, nariz aquilino. *Joffrey também era gracioso*, ela lembrou a si mesma. *Um monstro gracioso, é isso o que ele era. O pequeno Lorde Tyrion era mais gentil, mesmo retorcido.*

Harry a encarava. *Ele sabe quem eu sou, ela percebeu, e não parece satisfeito em me ver.* Foi só então que ela notou sua heráldica. Embora o casaco e o cavalo dele estarem decorados com os diamantes vermelho-e-branco da Casa Hardyng, o escudo era esquetejado. As armas dos Hardyng e dos Waynwood estavam ostentadas no primeiro e terceiro cantos, respectivamente, mas no segundo e no quarto ele revelava o falcão e a lua da Casa Arryn, céu azul e creme. Doce Robin não gostará disso.

Sor Wallace disse, “Somos os ú-ú-últimos?”

“São, sores,” respondeu Myranda Royce, sem tomar conhecimento algum de sua gagueira.

“Qu-qu-quando as j-j-justas começam?”

“Oh, em breve, espero”, disse Randa. “Alguns dos competidores estão aqui há quase uma lua, partilhando da comida e da bebida de meu pai. Todos bons sujeitos, e muito corajosos... mas eles comem bastante.”

Os Waynwoods riram, e até mesmo Harry, o Herdeiro, esboçou um pequeno sorriso. “Estava nevando nos passos, do contrário estaríamos aqui mais cedo,” disse Lady Anya.

“Se soubéssemos que tal beleza nos esperava nos Portões, teríamos voado,” disse Sor Roland. Embora suas palavras fossem dirigidas a Myranda Royce, ele sorriu para Alayne quando as disse.

“Para voar, precisaria de asas,” Randa respondeu, “e há alguns cavaleiros aqui que poderiam ter alguma coisa a dizer sobre isso.”

“Estou ansioso por uma discussão animada.” Sor Roland desceu de seu cavalo, virou-se para Alayne, e sorriu. “Eu ouvira dizer que a filha de Lorde Mindinho tinha um rosto belo e era cheia de graça, mas ninguém nunca me disse que ela era um ladra.”

“É injusto comigo, sor. Não sou ladra nenhuma!”

Sor Roland colocou a mão sobre o coração. “Então como explica esse buraco em meu peito, de onde roubou meu coração?”

“Ele está apenas l-lhe provocando, minha senhora”, gaguejou Sor Wallace. “Meu s-s-sobrinho nunca teve um c-c-coração.”

“A roda Waynwood tem um aro quebrado, e temos meu tio aqui.” Sor Roland deu a Wallace um tabefe atrás da orelha. “Escudeiros devem ficar quietos quando cavaleiros estão falando.”

Sor Wallace ficou vermelho. “Não sou mais es-escudeiro, senhora. Meu s-sobrinho sabe bem que eu fui a-a-arm-m-m-arm-m...”

“Armado?” Alayne sugeriu gentilmente.

“Armado,” disse Wallace Waynwood, agradecido.

Robb teria a idade dele, se ainda estivesse vivo, ela não pôde deixar de pensar, mas Robb morreu um rei, e este é apenas um garoto.

“O senhor meu pai lhes reservou quartos na Torre Leste,” Lady Myranda dizia a Lady Waynwood, “mas temo que seus cavaleiros terão de dividir a cama. Os Portões da Lua não foram feitos para abrigar tantos visitantes nobres.”

“Está na Torre do Falcão, Sor Harrold,” Alayne disse. *Bem longe de Doce Robin.* Isso era intencional, ela sabia. Petyr Baelish não deixava coisas como esta ao acaso. “Se lhe agradar, posso eu mesma levá-lo aos aposentos.” Desta vez, seus olhos encontraram os de Harry. Ela sorriu apenas para ele, e fez uma oração silenciosa para a Donzela. *Por favor, ele não precisa me amar, faça-o apenas gostar de mim, só um pouco, isso seria o suficiente por enquanto.*

Sor Harrold a olhou friamente. “Por que deveria me agradar ser acompanhada para qualquer lugar pela bastarda de Mindinho?”

Os três Waynwoods olharam para ele de soslaio. “Você é um convidado aqui, Harry,” Lady Anya lembrou-lhe, com um tom gelado. “Não se esqueça disso.”

A armadura de uma senhora é a sua cortesia. Alayne podia sentir o sangue correndo em direção a seu rosto. Sem lágrimas, ela rezou. *Por favor, por favor, eu não posso chorar.* “Como desejar, sor. E agora, se me dão licença, a bastarda de Mindinho deve encontrar o senhor seu pai

e informá-lo de sua chegada, para que possamos começar o torneio pela manhã.” *E que seu cavalo tropece, Harry, o Herdeiro, para que caia com essa cabeça idiota no chão na primeira justa.* Ela mostrou aos Waynwoods um rosto de pedra, enquanto eles proferiam desculpas desajeitadas por seu companheiro. Quando eles terminaram, ela se virou e saiu.

Perto do castelo, ela deu de cabeça com Sor Lothor Brune e quase o derrubou. “Harry, o Herdeiro? Harry, o Bundão, digo eu. Ele é só um escudeiro arrivista.”

Alayne ficou tão grata que o abraçou. “Obrigada. Viu meu pai, sor?”

“Lá embaixo, nas caves,” Sor Lothor disse, “inspecionando os celeiros de Lorde Nestor com Lorde Grafton e Lorde Belmore.”

As caves eram grandes e escuras e imundas. Alayne acendeu uma vela e agarrou a saia enquanto descia. Perto do fundo, ela ouviu a voz estrondosa de Lorde Grafton, e a seguiu.

“Os mercadores estão fazendo tumulto para comprar e os senhores estão fazendo tumulto para vender,” dizia o vilagaivotense quando ela os encontrou. Embora não fosse alto, Grafton era largo, com braços e ombros grossos. Seu cabelo era um esfregão loiro sujo. “Como eu deveria pôr fim a isso, meu senhor?”

“Coloque guardas nas docas. Se necessário, apreenda os navios. De que maneira não me importa, desde que nenhum alimento saia do Vale.”

“Esses preços, porém,” protestou o gordo Lorde Belmore, “estes preços são mais do que justos.”

“Você diz *mais do que justos*, meu senhor. *Digo que são menos que gostaríamos.* Aguarde. Se necessário, compre a comida você mesmo e a mantenha armazenada. O inverno está chegando. Os preços devem subir.”

“Talvez,” disse Belmore, em dúvida.

“Bronze Yohn não vai esperar,” reclamou Grafton. “Ele não precisa navegar através de Vila Gaivota, ele tem os próprios portos. Enquanto estamos acumulando nossa colheita, Royce e os outros Senhores Declarantes transformarão as deles em prata, pode ter certeza disso.”

“Esperemos que assim seja,” disse Petyr. “Quando os celeiros deles estiverem vazios, precisarão de cada migalha dessa prata para comprar o sustento de nós. E agora, se me dão licença, meu senhor, ao que parece minha filha precisa de mim.”

“Lady Alayne,” disse Lorde Grafton. “Parece vívida nesta manhã.”

“É gentil em dizer isso, meu senhor. Pai, sinto muito por incomodá-lo, mas pensei que gostaria de saber que os Waynwood chegaram.”

“E Sor Harrold está com eles?”

Horrível Sor Harrold. “Está.” Lorde Belmore riu. “Nunca pensei que Royce iria deixá-lo vir. Ele é cego, ou simplesmente estúpido?”

“Ele é honrado. Às vezes, corresponde à mesma coisa. Se ele negasse ao rapaz a chance de se provar, poderia criar tensão entre eles, então por que não deixá-lo justar? O garoto de modo algum tem habilidade o suficiente para ganhar um lugar entre os Cavaleiros Alados.”

“Suponho que não,” disse Belmore, a contragosto. Lorde Grafton beijou a mão de Alayne, e os dois senhores saíram, deixando-a sozinha com o senhor seu pai. “Venha,” Petyr disse, “caminhe comigo.” Ele a tomou pelo braço e a levou mais a fundo nas caves, passando por um calabouço vazio. “E como foi o seu primeiro encontro com Harry, o Herdeiro?”

“Ele é horrível.”

“O mundo é cheio de horrores, querida. A essa altura você deveria saber disso. Já viu o suficiente deles.”

“Sim,” ela disse, “mas por que ele tinha que ser tão cruel? Ele me chamou de sua bastarda. Ali no pátio, na frente de todos.”

“Até onde ele sabe, é quem você é. Este noivado não foi ideia dele, e Bronze Yohn sem dúvida o advertiu contra minhas artimanhas. Você é minha filha. Ele não confia em você, e ele acredita que está abaixo dele.”

“Bem, eu não estou. Ele pode pensar que é algum grande cavaleiro, mas Sor Lothor diz que ele não passa de um escudeiro arrivista.”

Petyr colocou o braço ao redor dela. “Ele é, mas é o herdeiro de Robert também. Trazer Harry aqui foi o primeiro passo de nosso plano, mas agora temos de mantê-lo, e só você pode

fazer isso. Ele tem um fraco por rostos bonitos, e que rosto é mais bonito do que o seu? Encante-o. Fascine-o. Enfeitice-o.”

“Eu não sei como,” ela disse tristemente.

“Oh, acho que sabe,” disse Mindinho, com um daqueles sorrisos que não alcançavam seus olhos. “Você será a mulher mais linda no salão esta noite, tão graciosa quanto a senhora sua mãe na sua idade. Eu não posso colocá-la no estrado, mas você terá um lugar de honra acima do sal e embaixo de uma arandela. As chamas irão reluzir em seus cabelos, para que todos vejam o quão bela é sua face. Mantenha uma colher longa à mão para espantar os escudeiros, querida. Você não vai querer garotos verdes debaixo dos pés quando cavaleiros vierem suplicar pelo seu favor.”

“Quem pediria para usar o favor de uma bastarda?”

“Harry, se ele tiver o juízo que os deuses concedem aos gansos... mas não o dê a ele. Escolha outro galante, e favoreça-o. Você não quer parecer muito ansiosa.”

“Não,” disse Alayne.

“Lady Waynwood insistirá para que Harry dance com você, posso garantir isso. Essa será sua chance. Sorria para o rapaz. Toque-o quando você falar. Provoque-o, para cutucar o orgulho dele. Se ele parecer corresponder, diga que está se sentindo fraca, e peça que ele a leve para fora, a fim de respirar um pouco de ar fresco. Nenhum cavaleiro recusaria tal pedido de uma bela donzela.”

“Sim,” ela disse, “mas ele pensa que eu sou uma bastarda.”

“Uma bastarda linda, e filha do Senhor Protetor.” Petyr a puxou para perto e lhe deu um beijo em cada bochecha. “A noite pertence a você, querida. Lembre-se disso, sempre.”

“Tentarei, pai,” ela disse.

O banquete provou ser tudo que seu pai prometeu. Sessenta e quatro pratos foram servidos, em honra aos sessenta e quatro competidores que haviam chegado até o momento para disputar as asas prateadas perante seu senhor. Dos rios e lagos vieram lúcius e trutas e salmões, dos mares, vieram caranguejos e bacalhau e arenque. Havia patos, e capões, pavões com plumagem e cisnes ao leite de amêndoas. Leitões foram servidos torrados com maçãs nas bocas, e três grandes auroques inteiros assados em fogos de chão no pátio do castelo, visto que

eram grandes demais para passar pelas portas da cozinha. Pães quentes abasteceram as mesas armadas no salão de Lorde Nestor, e enormes rodas de queijo foram trazidas das caves. A manteiga acabara de ser batida, e havia alho-poró e cenouras, cebolas assadas, beterrabas, nabos e chirívia.

E o melhor de tudo, os cozinheiros de Lorde Nestor prepararam um requinte esplêndido, um bolo de limão com o formato da Lança do Gigante, doze pés de altura e decorado com um Ninho da Águia feito de açúcar.

Para mim, pensou Alayne, quando o trouxeram. Doce Robin também adorava bolos de limão, mas só depois de ela lhe contar que eles eram seus favoritos. O bolo precisara de todos os limões do Vale, mas Petyr prometera que encomendariam mais de Dorne. Também havia presentes, presentes esplêndidos. Cada um dos competidores recebeu um manto de tecido de prata e um broche de lápis-lázuli com a formato de um par asas de falcão. Punhais de bom aço foram dadas aos irmãos, pais, e amigos que haviam vindo assisti-los na justa. Para as mães, irmãs e belas damas havia peças de seda e renda de Myr.

“Lorde Nestor tem a mão aberta,” Alayne ouviu Sor Edmund Breakstone dizer. “Uma mão aberta e um dedo mindinho,” a Senhora Waynwood respondeu, com um aceno de cabeça em direção a Petyr Baelish. Breakstone não demorou a entender o que ela queria dizer. A verdadeira fonte de tamanha generosidade não era Lorde Nestor, mas o Senhor Protetor.

Quando o último prato fora servido e retirado, as mesas foram levantadas dos cavaletes a fim de liberar espaço para a dança, e os músicos entraram.

“Não há cantores?” perguntou Ben Coldwater.

“O pequeno senhor não os tolera,” Sor Lymond Lynderly respondeu. “Não desde Marillion.”

“Ah... esse foi o homem que matou a Senhora Lysa, certo?”

Alayne se manifestou. “Seu canto a agradava imensamente, e talvez ela o tenha favorecido demais. Quando ela se casou com meu pai, ele enlouqueceu e a empurrou pela Porta da Lua. Lorde Robert odeia cantores desde então. Ele ainda aprecia música, porém.”

“Assim como eu,” Coldwater disse. Levantando-se, ofereceu a mão a Alayne. “Me concederia a honra desta dança, minha senhora?”

“É muito gentil,” ela disse, enquanto ele a conduzia pelo salão. Ele foi o primeiro parceiro da noite, mas estava longe de ser o último. Exatamente como Petyr prometera, os jovens cavaleiros se amontoavam ao redor dela, disputando seu favor. Depois de Ben veio Andrew Tollett, o belo Sor Byron, Sor Morgarth do nariz vermelho, e Sor Shadrich, o Rato Louco. Então Sor Albar Royce, o irmão robusto e maçante de Myranda e herdeiro de Lorde Nestor. Ela dançou com todos os três Sunderlands, nenhum dos quais tinha teias entre os dedos da mão, embora ela não pudesse dizer garantir quanto aos dedos dos pés. Uther Shett apareceu para elogiá-la pegajosamente enquanto pisava em seus pés, mas Sor Targon, o Meio-selvagem, provou ser a alma da cortesia. Depois disso, Sor Roland Waynwood a fez deslizar e rir com comentários zombeteiros sobre metade dos outros cavaleiros no salão. Seu tio Wallace também teve sua vez e tentou fazer o mesmo, mas as palavras não vinham. No final, Alayne teve pena dele e começou a tagarelar alegremente, para poupá-lo do constrangimento. Quando a dança terminou, ela pediu licença, e voltou para seu lugar a fim de beber vinho.

E lá estava ele, o próprio Harry, o Herdeiro; alto, bonito, carrancudo. “Senhora Alayne. Posso ser seu parceiro nesta dança?”

Ela considerou por um momento. “Não. Acho que não.”

As bochechas dele ficaram coradas. “Fui imperdoavelmente rude com você no pátio. Precisa me perdoar.”

“Preciso?” Ela jogou o cabelo, tomou um gole de vinho, o fez esperar. “Como se pode perdoar alguém que é imperdoavelmente rude? Explicará isso, sor?”

Sor Harrold parecia confuso. “Por favor. Uma dança.”

Encante-o. Fascine-o. Enfeitice-o. “Se insiste.”

Ele acenou com a cabeça, ofereceu o braço, e a levou para o salão. Enquanto esperavam que a música continuasse, Alayne olhou de relance para o estrado, onde Lorde Robert os encarava sentado. *Por favor*, ela rezou, *que ele não comece a se contorcer e sacudir*. Não aqui. Não agora. Mestre Colemon teria se certificado que ele bebesse uma forte dose de sonodoce antes o banquete, mas ainda assim.

Então, os músicos iniciaram uma canção, e ela dançou.

Diga alguma coisa, instigou a si mesma. *Nunca fará Sor Harry amá-la se não tiver coragem de falar com ele*. Deveria dizer que bom dançarino ele era? *Não, ele provavelmente ouviu isso uma dúzia de vezes esta noite*. Além disso, *Petyr disse que eu não deveria parecer ansiosa*. Em vez disso, ela disse: “Ouvi dizer que está prestes a ser pai.” Não era algo que a maioria das garotas diria a seu quase-noivo, mas ela queria ver se Sor Harrold mentiria.

“Pela segunda vez. Minha filha Alys tem dois anos.” *Sua filha bastarda Alys*, Alayne pensou, mas o que disse foi, “Aquela tinha uma mãe diferente, porém.”

“Sim. Cissy era uma coisinha bonita quando a encontrei, mas o parto a deixou gorda como uma vaca, então Lady Anya providenciou para que ela se casasse com um de seus homens de armas. Com Mirra é diferente.”

“Mirra?” Alayne tentou não rir. “Sério?” Sor Harrold se permitiu corar. “O pai dela diz que ela é mais preciosa para ele do que o ouro. Ele é rico, o homem mais rico da Vila Gaivota. Uma fortuna em especiarias.”

“Que nome dará ao bebê?”, perguntou ela. *“Canela se for menina? Cravo se for menino?”*

Isso quase o fez tropeçar. “Minha senhora graceja.”

“Oh, não”. *Petyr irá uivar quando eu lhe contar o que disse*.

“Mirra é muito bonita, lhe garanto. Alta e esbelta, com grandes olhos castanhos e cabelos como o mel.”

Alayne levantou a cabeça. “Mais bela que eu?”

Sor Harrold estudou seu rosto. “É graciosa o suficiente, admito. Quando Lady Anya me contou sobre este arranjo, tive medo de que pudesse se parecer com seu pai.”

“Barbicha pontuda e tudo?” Alayne riu.

“Eu nunca quis dizer...”

“Espero que juste melhor do que fala.”

Por um momento ele pareceu chocado. Mas, conforme a música acabava, ele desatou a rir. “Ninguém me disse que era inteligente.”

Ele tem bons dentes, ela pensou, alinhados e brancos. E quando sorri, as covinhas são bonitas. Ela passou um dedo pela bochecha dele. “Se um dia nos casarmos, terá que enviar Mirra de volta ao pai. Serei todo o tempero que desejar.”

Ele sorriu. “Cobrarei essa promessa, minha senhora. Enquanto esse dia não chega, posso usar seu favor no torneio?”

“Não pode. Está prometido para... outro.” Ela ainda não tinha certeza de quem, mas sabia que encontraria alguém.

Arianne

(Capítulo completo. Originalmente disponibilizado em georgerrmartin.com, em maio de 2016.)

Ao longo de toda a costa sul do Cabo da Fúria assomavam torres de pedra esfaceladas, erguidas em dias antigos para darem o alerta sobre incursões dorneses se esgueirando pelo mar. Aldeias haviam crescido ao redor das torres. Algumas haviam florescido e se tornado vilas.

O *Peregrino* aportou na Vila Chorosa, onde o cadáver do Jovem Dragão certa vez permanecera por três dias em sua jornada de Dorne para casa. Os estandartes tremulando nas robustas muralhas de madeira da vila ainda ostentavam o veado-e-leão do Rei Tommen, sugerindo que pelo menos aqui a ordem do Trono de Ferro ainda poderia ter influência. “Segurem suas línguas,” Arianne alertou sua companhia quando desembarcaram. “O melhor seria Porto Real nunca saber que passamos por aqui.” No caso de a rebelião de Lorde Connington ser suprimida, a situação ficaria ruim se o fato de que Dorne a enviara para tratar com ele e seu pretendente fosse conhecido. Essa era outra lição que seu pai havia se esforçado para lhe ensinar; escolha seu lado com cuidado, e somente se ele tiver chance de vencer.

Não tiveram problemas para comprar cavalos, embora o custo fosse cinco vezes o que teria sido no ano anterior. “São velhos, mas sadios,” afirmou o estribeiro, “você não irão encontrar melhores deste lado de Ponta Tempestade. Os homens do grifo confiscam qualquer cavalo e mula que encontram. Bois também. Alguns fazem uma marca em um papel se você pedir por pagamento, mas outros poderiam muito bem abrir sua barriga e pagar com um punhado de suas próprias entranhas. Se encontrarem qualquer desses, tomem cuidado com as línguas e entreguem os cavalos.”

A vila era grande o bastante para acomodar três estalagens, e todas as suas salas comuns estavam repletas de rumores. Arianne enviou seus homens a cada uma delas, para escutar o que pudessem. Na Escudo Quebrado, a Daemon Sand foi dito que a grande septeria no Recanto dos Homens havia sido incendiada e saqueada por incursões vindos do mar, e uma centena de jovens noviças da casa-mãe na Ilha da Donzela levadas como escravas. Na Mergulhão, Joss Hood descobriu que meia centena de homens e meninos da Vila Chorosa haviam partido rumo ao norte para se juntarem a Jon Connington no Poleiro do Grifo, incluindo Sor Addam, o filho e herdeiro do velho Lorde Whitehead. Mas na adequadamente nomeada Dornês Bêbado, Penas ouviu homens murmurando que o grifo executara o irmão de Ronnet

Vermelho e estuprara sua irmã donzela. Quanto ao próprio Ronnet, era dito que ele estava correndo rumo ao sul para vingar a morte do irmão e a desonra de sua irmã.

Naquela noite, Arianne despachou o primeiro de seus corvos de volta a Dorne, reportando ao pai tudo o que haviam visto e ouvido. Na manhã seguinte, sua companhia partiu em direção a Matabruma, enquanto os primeiros raios do sol nascente se esguelhavam pelos telhados pontiagudos e becos tortos da Vila Chorosa. Pela metade da manhã uma chuva leve começou a cair, enquanto rumavam para o norte por uma região de campos verdes e pequenas aldeias. Por enquanto, ainda não haviam visto sinais de combate, mas todos os outros viajantes ao longo da estrada esburacada pareciam ir na direção contrária, e as mulheres nas aldeias por que passavam os miravam com olhos desconfiados e mantinham as crianças por perto. Mais ao norte, os campos deram lugar a colinas onduladas e bosques espessos de floresta antiga, a estrada se reduziu a uma trilha, e aldeias se tornaram menos comuns.

O crepúsculo os viu nas bordas da Mata de Chuva, um mundo verde e molhado onde córregos e rios corriam por florestas escuras e o solo era feito de lama e folhas em decomposição. Enormes salgueiros cresciam ao longo dos cursos d'água, maiores do que quaisquer que Arianne já tivesse visto, seus grandes troncos nodosos e retorcidos como a face de um velho e adornados com barbas de musgo prateado. Árvores se comprimiam por todos os lados, obstruindo o sol; cicuta e cedros vermelhos, carvalhos brancos, pinheiros marciais que se erguiam altos e eretos como torres, sentinelas colossais, bordos de folhas grandes, sequoias, árvores-bicho, até um represeiro selvagem aqui e ali. Por debaixo de seus galhos emaranhados, samambaias e flores cresciam em profusão; samambaias-espada, samambaias-senhora, campânulas e fitas do flautista, canárias e beijos envenenados, hepáticas, pulmonárias, corníferas. Cogumelos brotavam em meio às raízes das árvores, e dos troncos também, pequenas mãos pálidas que apanhavam a chuva. Outras árvores estavam peludas de musgo, verde ou cinza ou de rabo vermelho, e uma de um púrpura vívido. Líquens cobriam cada rocha e pedra. Cogumelos venenosos ulceravam ao lado de toras podres. O próprio ar parecia verde.

Arianne uma vez ouvira o pai e Mestre Caleotte discutindo com um septão sobre por que os lados norte e sul do Mar de Dorne eram tão diferentes. O septão pensava ser por conta de Durran Desgosto-Divino, o primeiro Rei da Tempestade, que roubara a filha do deus do mar e da deusa do vento e recebera deles inimizade eterna. O Príncipe Doran e o mestre pendiam mais em direção ao vento e à água, e falavam sobre como as grandes tempestades que

se formavam abaixo, no Mar de Verão, captavam umidade ao rumar para o norte, até que batiam no Cabo da Fúria. Por alguma estranha razão, as tempestades nunca pareciam atingir Dorne, ela se lembrava do pai dizer. “Eu sei o motivo,” o septão respondera. “Nenhum Dornês jamais roubou a filha de dois deuses.”

O passo estava muito mais lento aqui do que estivera em Dorne. Ao invés de estradas de verdade, eles cavalgavam por talhos corcundas que serpenteavam por aqui e por ali, por entre fendas em enormes rochas cobertas de musgo, e abaixo de profundas ravinas entupidas de espinhos de amoreiras negras. Às vezes a trilha desaparecia completamente, se afundando em brejos ou desaparecendo em meio às samambaias, forçando Arianne e seus companheiros a encontrarem seu próprio caminho por entre as árvores silenciosas. A chuva ainda caía, suave e constante. O som do orvalho pingando das folhas estava a todo o redor, e, a mais ou menos cada milha, a melodia de uma cascata os chamava.

A mata estava cheia de cavernas também. Naquela primeira noite, eles se abrigaram em uma delas, para fugir da umidade. Em Dorne, eles haviam frequentemente viajado após escurecer, quando o luar transformava as areias soprantes em prata, mas a Mata de Chuva era muito cheia de brejos, ravinas e sumidouros, e escura como breu debaixo das árvores, onde a lua era apenas uma memória.

Penas acendeu um fogueira e cozinhou um par de lebres que Sor Garibald havia pego com algumas cebolas selvagens e cogumelos que encontrara ao longo do caminho. Depois de comerem, Elia Sand transformou um pau e um pouco de musgo seco em uma tocha, e saiu para explorar caverna adentro. “Não vá muito longe,” Arianne disse a ela. “Algumas dessas cavernas são muito profundas, é fácil se perder.”

A princesa perdeu mais uma partida de *cyvasse* para Daemon Sand, ganhou uma de Joss Hood, e se retirou quando os dois começaram a ensinar as regras a Jayne Ladybright. Ela estava cansada desses jogos.

Nym e Tyene podem ter chegado a Porto Real a essa altura, ela refletiu, enquanto se acomodava com as pernas cruzadas à boca da caverna para assistir à chuva que caía. *Se não, elas deverão estar lá em breve*. Trezentos lanceiros experientes haviam ido com elas, para além do Caminho do Espinhaço, passando pelas ruínas de Solarestival, e Estrada do Rei acima. Se os

Lannisters houvessem tentado a armadilhazinha na Mataderrei, a Senhora Nym teria garantido que terminasse em desastre. Os assassinos tampouco teriam encontrado a presa. O Príncipe Trystane permanecera em segurança em Lançassolar, depois de uma chorosa despedida da Princesa Myrcella. *Esse é o paradeiro de um irmão, pensou Arianne, mas onde está Quentyn, senão com o grifo?* Teria ele se casado com sua rainha dragão? Rei Quentyn. Ainda soava idiota. Essa nova Daenerys Targaryen era meia dúzia de anos mais nova que Arianne. O que uma donzela dessa idade queria com seu irmão enfadonho e dado à leitura? Garotas jovens sonhavam com cavaleiros arrojados de sorrisos maliciosos, não com garotos solenes que sempre cumpriam seu dever. *Ela vai querer Dorne, porém. Se espera se sentar no Trono de Ferro, ela tem que ter Lançassolar.* Se Quentyn fosse o preço para isso, essa rainha dragão o pagaria. E se ela estivesse em Poleiro do Grifo com Connington, e tudo isso sobre outro Targaryen fosse só algum tipo de ardil sutil? Seu irmão poderia muito bem estar com ela. *Rei Quentyn. Terei que me ajoelhar para ele?*

Nada de bom viria de ficar se perguntando sobre isso. Quentyn seria rei ou não seria. *Rogo para que Daenerys o trate mais gentilmente do que tratou o próprio irmão.*

Era hora de dormir. Eles tinham muitas léguas para montar pela manhã. Foi apenas quando se acomodou que Arianne percebeu que Elia Sand não retornara de suas explorações. *As irmãs dela vão me matar de sete formas diferentes se qualquer coisa houver acontecido a ela.* Jayne Ladybright jurou que a menina nunca saíra da caverna, o que significava que ela ainda estava lá dentro em algum lugar, vagando pela escuridão. Quando os gritos deles não a fizeram aparecer, não havia mais nada a fazer a não ser produzir tochas e entrar à procura dela.

A caverna se mostrou muito mais profunda do que qualquer deles havia suspeitado. Além da boca pedregosa onde a companhia montara acampamento e amarrara os cavalos, uma série de passagens entortadas levavam cada vez mais fundo, com buracos negros serpenteando em ambos os lados. Mais adentro, as paredes se abriram novamente, e os buscadores se viram em uma vasta caverna de calcário, maior que o salão principal de um castelo. Os gritos deles perturbaram um ninho de morcegos, que esvoaçaram ruidosamente ao redor deles, mas apenas ecos distantes gritaram de volta. Um pequeno percurso pelo salão revelou mais três passagens, uma tão pequena que exigiria que eles prosseguissem com as mãos e joelhos. “Tentaremos as outras primeiro,” a princesa disse. “Daemon, venha comigo. Garibald, Joss, vão pela outra.”

A passagem que Arianne escolhera para si mesma ficou íngreme e molhada a menos de cem pés. O pisar se tornou incerto. Uma vez ela escorregou, e teve que se segurar para não deslizar. Mais de uma vez ponderou voltar, mas conseguia ver a tocha de Sor Daemon à frente e o ouvia chamar por Elia, então continuou. E, de uma vez, se viu em outra caverna, cinco vezes maior que a anterior, cercada por uma floresta de colunas de pedra. Daemon Sand veio para seu lado e ergueu a tocha. “Veja como a pedra foi talhada,” ele disse. “Aqueles colunas, e a parede lá. Está vendo?”

“Rostos,” disse Arianne. *Tantos olhos tristes, encarando.*

“Este lugar pertencia aos filhos da floresta.”

“Há mil anos.” Arianne virou a cabeça. “Escute. É Joss?”

Era. Os outros buscadores haviam encontrado Elia, o que ela e Daemon descobriram depois de trilharem o caminho ladeira escorregadia acima, até o último salão. A passagem deles descia até um quieto poço escuro, onde eles descobriram a garota até a cintura na água, agarrando peixes brancos cegos com as próprias mãos, a tocha queimando vermelha e enfumaçada na areia onde ela a havia enfiado.

“Você poderia ter morrido,” Arianne disse a ela, quando ouviu a história. Ela agarrou Elia pelo braço e a sacudiu. “Se aquela tocha tivesse apagado, você teria ficado sozinha no escuro, o mesmo que cega. O que pensou que estivesse fazendo?”

“Peguei dois peixes,” disse Elia Sand.

“*Você poderia ter morrido,*” disse Arianne mais uma vez. Suas palavras ecoaram pelas paredes da caverna. “...*morrido...morrido... morrido...*”

Mais tarde, quando haviam retornado à superfície e sua raiva havia esfriado, a princesa levou a garota a um canto e a sentou. “Elia, isso deve acabar,” disse a ela. “Nós não estamos em Dorne agora. Você não está com suas irmãs, e isto não é uma brincadeira. Quero sua palavra de que vai fazer o papel de criada até que estejamos seguros de volta em Lançassolar. Eu a quero mansa e dócil e obediente. Precisa segurar sua língua. Não ouvirei mais conversas sobre

Senhora Lança ou justas, nenhuma menção a seu pai ou a suas irmãs. Os homens com quem preciso tratar são mercenários. Hoje eles servem a esse homem que se chama de Jon Connington, mas pela manhã poderiam da mesma forma servir aos Lannister. Tudo o que é preciso para ganhar o coração de um mercenário é ouro, e isso não falta em Rochedo Casterly. Se o homem errado descobrir quem é, você poderia ser capturada e mantida como refém...”

“Não,” Elia interrompeu. “*Você* é quem eles vão querer como refém. Você é a herdeira de Dorne, eu sou só uma bastarda. Seu pai daria um baú de ouro por você. Meu pai está morto.”

“Morto, mas não esquecido,” disse Arianne, que passara metade da vida desejando que o Príncipe Oberyn fosse seu pai. “Você é uma Serpente de Areia, e o Príncipe Doran pagaria qualquer preço para manter você e suas irmãs seguras.” Isso fez a criança sorrir pelo menos. “Tenho sua palavra jurada? Ou devo mandar você de volta?”

“Eu juro.” Elia não parecia feliz.

“Pelos ossos de seu pai.”

“Pelos ossos de meu pai.”

Este juramento ela manterá, se resolveu Arianne. Ela beijou a prima na bochecha e a mandou dormir. Talvez alguma coisa boa viesse dessa sua aventura. “Eu nunca soube o quanto ela era selvagem até agora,” Arianne reclamou para Daemon Sand, depois. “Por que meu pai me castigaria com ela?”

“Vingança?” o cavaleiro sugeriu, com um sorriso.

Chegaram a Matabrumba no fim do terceiro dia. Sor Daemon mandou Joss Hood à frente como batedor, para descobrir quem retinha o castelo no momento. “Vinte homens andando pelas muralhas, talvez mais,” ele relatou ao retornar. “Muitas carroças e carroções. Sobrecarregadas ao entrar, vazias ao sair. Guardas em cada portão.”

“Estandartes?” perguntou Arianne.

“Dourados. Na guarita e na torre.”

“Que emblema ostentavam?”

“Nenhum que eu pudesse ver, mas não havia vento. Os estandartes estavam frouxos nos mastros.”

Aquilo era incômodo. Os estandartes da Companhia Dourada eram de pano-de-ouro, desprovidos de brasões ou ornamentos... mas os estandartes da Casa Baratheon também eram dourados, embora os deles ostentassem o veado coroado de Ponta Tempestade. Estandartes dourados frouxos poderiam ser qualquer um. “Havia outros estandartes? Cinza-prateados?”

“Todos os que vi eram dourados, princesa.”

Ela assentiu. Matabruma era a sede da Casa Mertyns, cujo brasão exibia um grande corujão-orelhudo, branco sobre cinza. Se os estandartes deles não tremulavam, provavelmente os rumores eram verdadeiros, e o castelo caíra nas mãos de Jon Connington e seus mercenários. “Temos de correr o risco,” ela disse à comitiva. A cautela de seu pai servira bem a Dorne, ela aprendera a aceitar, mas este era um momento para a ousadia de seu tio. “Rumo ao castelo.”

“Devemos desfraldar seu estandarte?” perguntou Joss Hood.

“Ainda não,” disse Arianne. Na maioria dos lugares, era-lhe útil fazer a princesa, mas havia outros em que não.

A meia milha dos portões do castelo, três homens em gibões de couro cravejado e meios-elmos de aço saíram das árvores para bloquear o caminho. Dois deles carregavam bestas, puxadas e encaixadas. O terceiro estava armado apenas com um sorriso desagradável. “E para onde esse bando está indo, bonitinhos?” ele perguntou.

“Para Matabruma, ver seu senhor,” respondeu Daemon Sand.

“Boa resposta,” disse o sorridente. “Venham conosco.”

Os novos senhores mercenários de Matabruma chamavam a si mesmos de Jovem John Mudd e Corrente. Ambos cavaleiros, pelo que diziam. Nenhum deles se comportava como qualquer cavaleiro que Arianne tivesse conhecido. Mudd vestia marrom da cabeça aos pés, do mesmo tom que sua pele, mas um par de moedas douradas balançava de suas orelhas. Os Mudds haviam sido reis no Tridente há mil anos, ela sabia, mas este não tinha nada de realeza. Nem era particularmente jovem, mas aparentemente seu pai também servira na Companhia Dourada, onde fora conhecido como Velho John Mudd.

Corrente tinha o dobro da altura de Mudd, o largo peito cruzado por um par de correntes enferrujadas que iam da cintura ao ombro. Se Mudd portava espada e punhal, Corrente não carregava nenhuma arma que não cinco pés de elos de ferro, duas vezes mais grossos e pesados do que os que cruzavam seu peito. Ele os brandia como um chicote.

Eram homens duros, bruscos e brutais e sem boas palavras, com cicatrizes e rostos gastos por conta do longo serviço nas companhias livres. “Sargentos,” Sor Daemon sussurrou quando os viu. “Já vi o tipo deles antes.”

Assim que Arianne tornou seu nome e propósito conhecidos, os dois sargentos se provaram hospitaleiros o suficiente. “Vocês passarão a noite aqui,” disse Mudd. “Tem camas para todos. Pela manhã terão cavalos descansados, e quaisquer provisões de que precisarem. O mestre da senhora pode enviar um corvo a Poleiro do Grifo para avisá-los de que estão chegando.”

“E quem seriam eles?” perguntou Arianne. “Lorde Connington?”

Os sargentos se entreolharam. “O Meimeistre,” disse John Mudd. “É ele quem você vai encontrar no Poleiro.”

“O Grifo está em marcha,” disse Corrente.

“Em marcha para onde?” perguntou sor Daemon.

“Não cabe a nós dizer,” disse Mudd. “Corrente, segure sua língua.”

Corrente deu uma fungada. “Ela é Dorne. Por que não deveria saber? Veio para se juntar a nós, não veio?”

Isso ainda está para ser definido, pensou Arianne Martell, mas sentiu ser melhor não insistir no assunto.

Ao cair da tarde, uma boa ceia lhes foi servida no solar, no alto da Torre das Corujas, onde se juntaram a eles a viúva Senhora Mertyns e seu mestre. Embora cativa no próprio castelo, a velha parecia ativa e bem disposta. “Meus filhos e netos partiram quando Lorde Renly convocou os estandartes,” ela contou à princesa e sua comitiva. “Não os vi desde então, embora de tempos em tempos eles enviem um corvo. Um de meus netos sofreu um ferimento na Água Negra, mas se recuperou. Espero que eles voltem aqui logo para enforcar esse bando de ladrões.” Ela acenou com uma perna de pato em direção a Mudd e Corrente do outro lado da mesa.

“Não somos ladrões,” disse Mudd. “Somos forrageadores.”

“Vocês compraram toda aquela comida lá embaixo no pátio?”

“Nós a forrageamos,” disse Mudd. “O povo pode produzir mais. Nós servimos seu rei legítimo, velha.” Ele parecia estar gostando disso. “Devia aprender a ser mais cortês com cavaleiros.”

“Se vocês dois são cavaleiros, eu ainda sou uma donzela,” disse a Senhora Mertyns. “E falarei como quiser. O que vão fazer, me matar? Já vivi demais.”

A Princesa Arianne disse, “Foi bem tratada, senhora?”

“Não fui estuprada, se é o que está perguntando,” disse a velha. “Algumas das criadas não tiveram a mesma sorte. Casadas ou não, os homens não fazem distinção.”

“Ninguém está estuprando,” insistiu Jovem John Mudd. “Connington não aceita isso. Nós seguimos ordens.”

Corrente assentiu. “Algumas garotas foram *persuadidas*, pode ser.”

“Da mesma forma que nosso povo foi persuadido a dar a vocês toda a colheita. Melões ou virgindades, é tudo a mesma coisa para seu tipo. Se vocês querem, vocês tomam.” A Senhora Mertyns se virou para Arianne. “Se encontrar com esse Lorde Connington, diga a ele que eu conhecia a mãe dele, e que ela estaria envergonhada.”

Talvez eu deva, pensou a princesa.

Naquela noite, ela despachou o segundo corvo para seu pai.

Arianne estava a caminho de seus próprios aposentos quando ouviu risadas abafadas do quarto adjacente. Ela parou e ouviu por um momento, então empurrou a porta e encontrou Elia Sand enrolada em um assento de janela, beijando Penas. Quando Penas viu a princesa em pé ali, deu um pulo e começou a gaguejar. Ambos ainda estavam vestidos. Arianne se consolou um pouco por isso ao mandar Penas embora com um olhar cortante e um “*Vá*”. Então se virou para Elia. “Ele tem o dobro de sua idade. Um criado. Ele limpa merda de pássaro para o mestre. Elia, em que estava pensando?”

“Estávamos só nos beijando. Não vou me casar com ele.” Elia cruzou os braços desafiadoramente debaixo dos seios. “Você acha que nunca beijei um garoto antes?”

“Penas é um homem.” *Um servente, mas um homem*. Não escapou à princesa que Elia tinha a mesma idade que ela quando havia cedido sua virgindade a Daemon Sand. “Não sou sua mãe. Beije todos os garotos que quiser quando voltarmos a Dorne. Aqui e agora, porém... isto não é lugar para beijos, Elia. Mansa, dócil e obediente, você disse. Devo adicionar *casta* também? Você jurou *pelos ossos de seu pai*.”

“Eu me lembro,” disse Elia, soando punida. “Mansa, dócil e obediente. Não o beijarei novamente.”

O caminho mais curto de Matabruma a Poleiro do Grifo era pelo verde e molhado coração da Mata de Chuva, em passo vagaroso no melhor dos momentos. Arianne e sua companhia levaram a maior parte de oito dias. Viajaram sob a melodia de chuvas firmes e açoitantes batendo nas copas das árvores bem acima, embora debaixo do grande dossel verde de folhas e ramos ela e seus cavaleiros permanecessem surpreendentemente secos. Corrente os acompanhou pelos primeiros quatro dias da jornada ao norte, com uma fila de carroções e dez homens próprios. Longe de Mudd ele se provou mais acessível, e Arianne conseguiu cativá-lo e extrair sua história de vida. Sua maior vanglória era um tataravô que lutara com o Dragão Negro no Campo do Capim Vermelho, e cruzara o Mar Estreito com Açamargo. O próprio Corrente nascera na companhia, gerado em uma seguidora de acampamento por seu pai mercenário. Embora tivesse sido criado falando a Língua Comum e pensando em si mesmo como westerosi, ele nunca pisara em qualquer parte dos Sete Reinos até agora.

Um conto triste, e familiar, pensou Arianne. A vida dele era toda a mesma, uma longa lista de lugares onde lutara, inimigos que encontrara e matara, ferimentos que sofrera. A princesa o deixou falar, de tempos em tempos o incitando com uma risada, um toque, ou uma pergunta, aparentando estar fascinada. Ela descobriu mais do que jamais precisaria saber sobre a habilidade de Mudd com dados, Duas Espadas e seu gosto por ruivas, a vez em que alguém fugiu com o elefante preferido de Harry Strickland, Gatinha e seu gato da sorte, e os outros feitos e fraquezas dos homens e oficiais da Companhia Dourada. Mas no quarto dia, em um momento de guarda baixa, Corrente deixou escapar um “... quando tivermos Ponta Tempestade...”

A princesa deixou essa menção passar sem fazer comentário, embora tivesse lhe causado uma hesitação considerável. *Ponta Tempestade. Esse grifo é ousado, ao que parece. Ou então um idiota.* Sede da Casa Baratheon por três séculos, e dos antigos Reis da Tempestade por milhares de anos antes, Ponta Tempestade era tido para alguns como inexpugnável. Arianne ouvira homens discutirem sobre qual seria o castelo mais forte do reino. Alguns diziam Rochedo Casterly, alguns o Ninho da Águia dos Arryn, alguns Winterfell no Norte congelado, mas Ponta Tempestade também era sempre mencionado. A lenda dizia que fora erguido por Brandon, o Construtor, para resistir à fúria de um deus vingativo. Suas muralhas de barragem eram as mais altas e fortes em todos os Sete Reinos, de quarenta a oitenta pés de espessura. A poderosa torre cilíndrica sem janelas tinha menos da metade da altura da Torralta de Vilavelha, mas se erguia ereta ao invés de em formato de degraus, com muralhas três vezes mais espessas

do que as encontradas em Vilavelha. Nenhuma torre de cerco era alta o bastante para alcançar as ameias de Ponta Tempestade; nem manganela nem trabuco poderiam esperar romper as maciças muralhas. *Connington pensa em armar um cerco?* Ela se perguntou. *Quantos homens ele pode ter?* Muito antes de o castelo cair, os Lannisters despachariam um exército para quebrar qualquer cerco desses. *Essa alternativa também não serve.*

Naquela noite, quando ela contou a Sor Daemon Sand o que Corrente havia dito, o Bastardo de Graçadivina pareceu perplexo como ela. “Ponta Tempestade ainda era mantido por homens leais a Lorde Stannis da última vez que tive notícias. Seria presumível que o melhor a fazer para Connington seria uma causa comum com outro rebelde, ao invés de guerrear com ele também.”

“Stannis está muito longe para poder ajudá-lo,” Arianne refletiu. “Capturar um punhado de castelos menores enquanto seus senhores e guarnições estão fora em guerras distantes é uma coisa, mas se Lorde Connington e seu dragão de estimação pudessem de alguma forma tomar uma das grandes fortalezas do reino...”

“... o reino teria que levá-los a sério,” Sor Daemon terminou. “E alguns dos que não amam os Lannisters poderiam muito bem bandear para seus estandartes.”

Naquela noite, Arianne redigiu outra nota curta para o pai e fez Penas enviá-la com seu terceiro corvo.

Jovem John Mudd estivera enviando corvos também, ao que parecia. Perto do entardecer do quarto dia, não muito depois de Corrente e seus carroções os terem deixado, a companhia de Arianne foi encontrada por uma coluna de mercenários descendo de Poleiro do Grifo, chefiada pela criatura mais exótica em que a princesa jamais pusera os olhos, com unhas pintadas e pedras preciosas cintilando nas orelhas.

Lysono Maar falava a Língua Comum muito bem. “Tenho a honra de ser os olhos e ouvidos da Companhia Dourada, princesa.”

“Você parece...” Ela hesitou.

“... uma mulher?” Ele riu. “Isso eu não sou.”

“... um Targaryen,” Arianne insistiu. Os olhos dele eram de um lilás pálido, os cabelos uma cascata de branco e dourado. Ainda assim, alguma coisa nele fazia a pele dela se arrepiar. *Era esta a aparência de Viserys?* ela se viu imaginando. *Se sim, talvez seja bom ele estar morto.*

“Estou lisonjeado. As mulheres da Casa Targaryen são tidas como sem iguais no mundo inteiro.”

“E os homens da Casa Targaryen?”

“Oh, ainda mais belos. Embora, verdade seja dita, eu tenha visto apenas um.” Maar tomou a mão dela, e a beijou levemente no pulso. “Matabruma avisou sobre sua vinda, doce princesa. Ficaremos honrados em acompanhá-la ao Poleiro, mas temo que Lorde Connington e nosso jovem príncipe lhe tenham escapado.”

“Partiram para a guerra? *A Ponta Tempestade?*”

“Justamente.”

O lyseno era um tipo de homem muito diferente de Corrente. *Este não deixará nada escapar*, ela percebeu, depois de algumas poucas horas em sua companhia. Maar era eloquente o bastante, mas havia aperfeiçoado a arte de falar muito sem dizer nada. Quanto aos cavaleiros que haviam vindo com ele, eles poderiam muito bem ser mudos, pelo que os homens dela conseguiram tirar deles.

Arianne decidiu confrontá-lo abertamente. No entardecer do quinto dia da partida deles de Matabruma, enquanto montavam acampamento ao lado das ruínas tombadas de uma velha torre coberta de videiras e musgo, ela se acomodou ao lado dele e disse, “É verdade que têm elefantes com vocês?”

“Alguns,” disse Lysono Maar, com um sorriso e um dar de ombros.

“E dragões? Quantos dragões têm?”

“Um.”

“Com o que se refere ao garoto.”

“O Príncipe Aegon é um homem feito, princesa.”

“Ele voa? Sopra fogo?”

O Ilyseno sorriu, mas seus olhos lilases permaneceram frios.

“Joga *cyvasse*, meu senhor?” perguntou Arianne. “Meu pai tem me ensinado. Não sou muito hábil, devo confessar, mas sei que o dragão é mais forte que o elefante.”

“A Companhia Dourada foi fundada por um dragão.”

“Açamargo era meio dragão, e todo bastardo. Não sou um mestre, mas conheço um pouco de história. Vocês ainda são mercenários.”

“Se assim lhe apraz, princesa,” disse ele, cheio de cortesia sedosa. “Preferimos nos chamar uma irmandade livre de exilados.”

“Como quiser. Enquanto irmãos livres, sua companhia está bem acima do resto, admito. Mas a Companhia Dourada foi derrotada todas as vezes que cruzou o mar para Westeros. Perderam quando Açamargo os comandou, falharam com os Pretendentes Blackfyre, vacilaram quando Maelys, o Monstruoso, os liderou.”

Isso pareceu diverti-lo. “Somos pelo menos persistentes, deve admitir. E algumas daquelas derrotas foram quase vitórias.”

“Algumas não. E aqueles que morrem em quase vitórias não estão menos mortos do que os que morrem em derrotas esmagadoras. Meu pai, o Príncipe Doran, é um homem sábio, e só luta em guerras que pode vencer. Se a maré da guerra se virar contra seu dragão, a

Companhia Dourada sem dúvida fugirá de volta pelo Mar Estreito, como já fez antes. Como o próprio Lorde Connington fez, depois que Robert o derrotou na Batalha dos Sinos. Dorne não tem esse recurso. Por que deveríamos emprestar nossas espadas e lanças para sua causa incerta?”

“O Príncipe Aegon é de seu próprio sangue, princesa. Filho do Príncipe Rhaegar Targaryen e Elia de Dorne, a irmã de seu pai.”

“Daenerys Targaryen é de nosso sangue também. Filha do Rei Aerys, irmã de Rhaegar. E ela tem dragões, ou assim os contos nos fariam acreditar.” *Fogo e sangue*. “Onde ela está?”

“A meio mundo de distância na Baía dos Escravos,” disse Lysono Maar. “E sobre esses supostos dragões, eu não os vi. Em *cyvasse*, é verdade, o dragão é mais poderoso que o elefante. No campo de batalha, é melhor ter elefantes que se pode ver e tocar e mandar contra os inimigos, não dragões feitos de palavras e desejos.”

A princesa caiu em um silêncio pensativo. E naquela noite despachou seu quarto corvo para o pai.

E finalmente Poleiro do Grifo emergiu das névoas do mar, em um dia cinzento e molhado, enquanto a chuva caía fina e fria. Lysono Maar ergueu uma mão, um soar de trombeta ecoou pelos penhascos, e os portões do castelo se escancararam diante deles. A bandeira encharcada de chuva que pendia acima da guarita era branca e vermelha, viu a princesa, as cores da Casa Connington, mas os estandartes dourados da companhia estavam em evidência também. Eles cavalgaram em coluna dupla através da crista conhecida como a garganta do grifo, com as águas da Baía dos Naufrágios rugindo sobre as pedras dos dois lados.

Dentro do castelo propriamente dito, uma dúzia dos oficiais da Companhia Dourada haviam se reunido para receber a princesa dornesa. Um a um eles se ajoelharam diante dela e pressionaram os lábios contra o dorso de sua mão, enquanto Lysono Maar os apresentava. A maioria dos nomes fugiu de sua cabeça assim que ela os ouviu.

Entre eles se destacava um homem mais velho com um rosto esguio, enrugado e barbeado, com o longo cabelo puxado para trás em um nó. *Este não é guerreiro, Arianne*

pressentiu. O lyseno confirmou seu julgamento quando apresentou o homem como Haldon Meimeistre.

“Temos quartos preparados para a senhora e os seus, princesa,” o tal Haldon disse, quando as apresentações finalmente se encerraram. “Acredito que servirão. Sei que procura Lorde Connington, e ele deseja ter com a senhora também, com urgência. Se desejar, pela manhã haverá um navio para levá-la até ele.”

“Onde?” exigiu Arianne.

“Ninguém lhe disse?” Haldon Meimeistre a honrou com um sorriso fino e duro como um corte de punhal. “Ponta Tempestade é nosso. A Mão a aguarda lá.”

Daemon Sand se adiantou ao lado dela. “A Baía dos Naufrágios pode ser perigosa mesmo em um belo dia de verão. O caminho mais seguro para Ponta Tempestade é por terra.”

“Essas chuvas transformaram as estradas em lama. A jornada levaria dois dias, talvez três,” disse Haldon Meimeistre. “Um barco levará a princesa até lá em meio dia ou menos. Há um exército descendo de Porto Real até Ponta Tempestade. Vocês desejarão estar seguros dentro das muralhas antes da batalha.”

Desejaremos? Imaginou Arianne. “Batalha? Ou cerco?” Ela não pretendia se deixar ficar presa dentro de Ponta Tempestade.

“Batalha,” disse Haldon firmemente. “O Príncipe Aegon pretende esmagar os inimigos em campo.”

Arianne e Daemon Sand se entreolharam. “Teria a bondade de nos levar a nossos aposentos? Gostaria de me revigorar, e trocar minhas roupas por secas.”

Haldon se curvou. “De imediato.”

A companhia dela havia sido instalada na torre leste, onde as janelas lancetas davam para a Baía dos Naufrágios. “Seu irmão não está em Ponta Tempestade, sabemos disso agora,” Sor

Daemon disse, assim que estiveram a portas fechadas. “Se Daenerys Targaryen tem dragões, eles estão a meio mundo de distância, e sem utilidade para Dorne. Não há nada para nós em Ponta Tempestade, princesa. Se o Príncipe Doran tencionasse enviá-la para o meio de uma batalha, teria lhe dado três centenas de cavaleiros, não três.”

Não tenha tanta certeza disso, sor. Ele enviou meu irmão à Baía dos Escravos com cinco cavaleiros e um mestre. “Preciso falar com Connington.” Arianne desfez o sol e lançou enganchados que afivelavam sua capa, e deixou a vestimenta encharcada de chuva escorregar de seus ombros e se empoçar no chão. “E quero ver esse príncipe dragão dele. Se realmente é o filho de Elia...”

“Filho de quem quer que seja, se Connington desafiar Mace Tyrell em batalha aberta, ele pode ser em breve um cativo, ou um cadáver.”

“Tyrell não é um homem a ser temido. Meu tio Oberyne...”

“... está morto, princesa. E dez mil homens são o mesmo que toda a força da Companhia Dourada.”

“Lorde Connington conhece sua própria força, certamente. Se pretende arriscar a batalha, ele deve acreditar que pode vencê-la.”

“E quantos homens morreram em batalhas que acreditavam poder vencer?” Sor Daemon lhe perguntou. “Recuse-os, princesa. Desconfio desses mercenários. Não vá a Ponta Tempestade.”

O que faz acreditar que eles vão me deixar escolher? Ela tivera a inquietante sensação de que Haldon Meimeistre e Lysono Maar a colocariam naquele barco pela manhã quer ela quisesse ou não. *Melhor não pô-los à prova.* “Sor Daemon, foi escudeiro de meu tio Oberyne,” ela disse. “Se estivesse com ele agora, o estaria aconselhando a recusar também?” Ela não esperou que ele respondesse. “Sei a resposta. E se estiver prestes a me lembrar de que não sou o Víbora Vermelha, sei disso também. Mas o Príncipe Oberyne está morto, o Príncipe Doran está velho e enfermo, e eu sou a herdeira de Dorne.”

“E é por isso que não deveria se colocar em risco.” Daemon Sand se pôs sobre um joelho. “Envie-me a Ponta Tempestade em seu lugar. Então se os planos do grifo derem errado e Mace Tyrell tomar o castelo de volta, eu serei apenas mais um cavaleiro sem-terra que jurou sua espada a esse pretendente na esperança de conseguir lucro e glória.”

Enquanto que se eu for capturada, o Trono de Ferro interpretará como prova de que Dorne conspirou com esses mercenários, e deu ajuda em sua invasão. “É bravo de sua parte procurar me proteger, sor. Agradeço por isso.” Ela tomou as mãos dele e o pôs de pé novamente. “Mas meu pai confiou essa missão a mim, não a você. Quando chegar a manhã, velejarei para confrontar o dragão em sua toca.”

O Abandonado

(Capítulo completo, título original “The Forsaken”. Lido na Balticon 50, em maio de 2016.
Transcrição por [Emmett Booth](#) e outros no [Google Docs](#).)

Era sempre meia-noite dentro da toca do monstro.

Os mudos o haviam privado de sua túnica e seus sapatos e sua tanga. Ele estava vestido com cabelos e correntes e cicatrizes. A água salgada chapinhava por suas pernas sempre que a maré entrava, chegando à altura de seus genitais, apenas baixando quando a maré recuava.

Seus pés haviam ficado enormes e moles e inchados, coisas disformes, grandes como presuntos. Ele sabia que estava em alguma masmorra, mas não onde, ou por quanto tempo.

Houvera outra masmorra antes desta. Entre elas houvera o navio, o *Silêncio*. Na noite em que eles o haviam trazido, ele vira a lua flutuando sobre um mar de vinho negro, com uma face penetrante que o lembrava Euron.

Ratos se mexiam na escuridão, nadando pela água. Eles o mordiam enquanto ele dormia, até que acordasse e os espantasse com gritos e açoites. A barba e o couro cabeludo de Aeron formigavam com piolhos e pulgas e vermes. Ele podia senti-los se movendo por entre o cabelo, e as picadas coçavam, intoleráveis. As correntes eram tão curtas que ele não conseguia alcançar o suficiente para coçar. As manilhas que o prendiam à parede estavam velhas e enferrujadas, e os grilhões haviam feito cortes em seus pulsos. Quando a maré se precipitava e o beijava, o sal entrava nas feridas e o fazia arfar.

Quando dormia, a escuridão se erguia e o engolia, e então o sonho vinha... e Urri e o ranger de uma dobradiça enferrujada.

A única luz nesse mundo molhado vinha dos lampiões que os visitantes traziam consigo, e vinha tão raramente que começou a machucar os olhos. Um homem sem nome de cara azeda trazia a comida, carne salgada dura como uma ripa de madeira, pão infestado de gorgulhos, peixe pegajoso e fedorento. Aeron Cabelo-Molhado comia avidamente e esperava por mais, embora na maior parte das vezes vomitasse a refeição depois. O homem que trazia comida era escuro, sisudo, mudo. Sua língua se fora, Aeron não tinha dúvida. Esse era o

costume de Euron. A luz ia embora quando o mudo o fazia, e mais uma vez seu mundo se tornava uma escuridão úmida que fedia a salmoura e mofo e fezes.

Às vezes, Euron vinha em pessoa. Aeron acordava de algum sonho para encontrar irmão em pé sobre ele, lampião à mão. Uma vez, a bordo do *Silêncio*, ele pendurou o lampião em uma pilastra e serviu-lhes taças de vinho. “Beba comigo, irmão,” disse ele. Naquela noite ele usava uma camisa de escamas de ferro e uma capa de seda vermelho-sangue. Seu tapa-olho era de couro vermelho, os lábios azuis.

“Por que estou aqui?” Aeron resmungou para ele. Seus lábios estavam duros de cicatrizes, a voz dura. “Para onde estamos navegando?”

“Sul. Rumo a conquista, saque, dragões.”

Loucura. “Meu lugar é nas Ilhas.”

“Seu lugar é onde eu o quiser. Sou seu rei.”

“O que quer de mim?”

“O que pode me oferecer que já não tive?” Euron sorriu. “Deixei as Ilhas nas mãos do velho Erik Ferreiro e selei a lealdade dele com a mão de nossa amável Asha. Não pretendia que você ficasse pregando contra o comando dele, então o trouxe conosco.”

“Solte-me. O deus ordena.”

“Beba comigo. Seu rei ordena.”

Euron agarrou um punhado do cabelo negro emaranhado do sacerdote, puxou sua cabeça para trás, e ergueu a taça de vinho até seus lábios. Mas o que correu para dentro de sua boca não era vinho. Era espesso e viscoso, com um gosto que parecia mudar com cada trago. Ora amargo, ora azedo, ora doce. Quando Aeron tentou cuspir, seu irmão aumentou o aperto e forçou mais garganta abaixo. “Assim, sacerdote. Engula. O vinho dos magos, mais doce que sua água do mar, e com mais verdades do que todos os deuses da terra.”

“Amaldiçoado seja,” Aeron disse quando a taça se esvaziou. A bebida escorria por seu queixo em sua longa barba negra.

“Se eu tirasse a língua de todo os homens que me amaldiçoaram, poderia fazer uma capa com elas.”

Aeron pigarreou e cuspiu. A saliva atingiu a bochecha de seu irmão e lá ficou, azul escura, reluzente. Euron a tirou de seu rosto com um indicador, e limpou o dedo com uma lambida. “Seu deus virá para você esta noite. Algum deus, pelo menos.”

E quando o Cabelo-Molhado dormiu, cedendo em suas correntes, ouviu o ranger de uma dobradiça enferrujada.

“Urri!” exclamou. *Não há dobradiça aqui, nem porta, nem Urri.* Seu irmão Urrigon estava morto há muito tempo, mas ali estava ele. Um braço estava negro e inchado, pútrido de vermes, mas ele ainda era Urri, ainda um garoto, nem um dia mais velho do que quando morrera.

“Sabe o que espera debaixo do mar, irmão?”

“O Deus Afogado,” disse Aeron. “os salões de água.”

Urri balançou a cabeça. “Vermes... vermes esperam você, Aeron.”

Quando ele riu, seu rosto se enevoou e o sacerdote viu que não era Urri, mas Euron, com o olho sorridente escondido. Ele mostrava ao mundo seu olho de sangue agora, escuro e terrível. Vestido da cabeça aos pés em escamas escuras como ônix, ele se sentava sobre um monte de crânios enegrecidos, enquanto anões saltitavam ao redor de seus pés e uma floresta queimava atrás dele.

“A estrela sangrante pressagiou o fim,” ele disse a Aeron. “estes são os últimos dias, quando o mundo deverá ser quebrado e refeito. Um novo deus deve nascer dos túmulos e covas sepulcrais.”

Então Euron ergueu um grande berrante aos lábios e soou, e dragões e lulas gigantes e esfinges obedeceram a seu comando e se curvaram perante ele. “Ajoelhe-se, irmão,” o Olho de Corvo ordenou. “Sou seu rei, sou seu deus. Venere-me, e o elevarei como *meu* sacerdote.”

“Nunca. Nenhum homem sem deus pode sentar-se na Cadeira de Pedra do Mar!”

“Por que eu quereria aquela pedra dura e escura? Irmão, olhe de novo e veja onde estou sentado.”

Aeron Cabelo-Molhado olhou. O monte de crânios se fora. Agora era metal debaixo do Olho de Corvo: um grandioso, alto e retorcido assento feito de ferro afiado, de farpas e lâminas e espadas quebradas, pingando sangue.

Empalados nas pontas mais longas estavam os corpos dos deuses. A Donzela estava lá e o Pai e a Mãe, o Guerreiro e a Velha e o Ferreiro... até o Estranho. Pendiam lado a lado com todos os tipos de estranhos deuses estrangeiros: o Grande Pastor e a Cabra Negra, Trios de três cabeças e a Criança Pálida Bakkalon, o Senhor da Luz e o Deus Borboleta de Naath.

E lá, inchado e verde, meio-devorado por caranguejos, o Deus Afogado apodrecia com o resto, água do mar ainda pingando de seu cabelo.

Então, Euron Olho de Corvo riu novamente, e o sacerdote acordou gritando nas entranhas do Silêncio, com mijo escorrendo pela perna. *Foi apenas um sonho, uma visão nascida de vinho preto sujo.*

A Assembleia de Homens Livres era a última coisa de que Cabelo-Molhado se lembrava claramente. Enquanto os capitães erguiam Euron sobre os ombros para saudá-lo como seu rei, o sacerdote havia partido para encontrar o irmão deles, Victarion. “As blasfêmias de Euron trarão a ira do Deus Afogado sobre nós todos,” ele alertou. Mas Victarion insistiu teimosamente que o deus havia erguido o irmão e deus deveria derrubá-lo.

Ele não agirá, o sacerdote percebera então. *Tem de ser eu.*

A Assembleia de Homens Livres escolhera Euron Olho de Corvo, mas a Assembleia de Homens Livres era feita de homens, e homens eram coisas fracas e tolas, muito facilmente manipulados por ouro e mentiras. *Eu os convoquei aqui, aos ossos de Nagga no Salão do Rei Cinzento. Eu os chamei todos juntos para escolherem um rei de direito, mas em sua insensatez embriagada, eles pecaram.* Cabia a ele desfazer o que eles haviam feito.

“Os capitães e reis ergueram Euron, mas o povo comum há de derrubá-lo,” ele prometeu a Victarion. “Irei a Velha Wyk, a Harlaw, a Orkmont, à própria Pyke. Em cada vila e aldeia minhas palavras serão ouvidas. *Nenhum homem sem deus deve se sentar na Cadeira de Pedra do Mar!*”

Após deixar o irmão, ele procurara conforto no mar. Alguns de seus Homens Afogados fizeram menção de segui-lo, mas Aeron os despachou com algumas palavras ásperas. Não queria nenhuma companhia a não ser deus. Abaixo, onde os dracares haviam sido atracados ao

longo da areia pedregosa, ele encontrou ondas negras e salgadas irrompendo e espumando, brancas, onde se quebravam sobre uma rocha emaranhada, meio enterrada na areia. A água estivera congelante quando ele entrou, mas Aeron não vacilou diante do carinho de seu deus. Ondas arrebatavam contra seu peito, uma após a outra, atordoando-o, mas ele continuou, mais fundo e mais fundo, até que as águas estava quebrando acima de sua cabeça. O gosto de sal em seus lábios era mais doce que qualquer vinho.

Misturado com o ruído distante de música e festejo vindo da praia, ele ouvira o fraco rangido de dracares se acomodando na costa. Ouvia o o vento lamuriar e depois lamentar. Ouvia o bater das ondas, o martelo de seu deus o chamando à batalha. E ali, naquele momento, o Deus Afogado viera a ele mais uma vez, com sua voz brotando das profundezas do mar.

“Aeron, meu bom e fiel servo, deve dizer aos Homens de Ferro que o Olho de Corvo não é um verdadeiro rei, que a Cadeira de Pedra do Mar por direito pertence a... a... a...”

Victarion não. Victarion se oferecera aos capitães, mas eles o haviam rejeitado.

Asha não. Em seu coração, Aeron sempre amara Asha mais, dentre todos os filhos de seu irmão Balon. O Deus Afogado a abençoara com o espírito de um guerreiro e a sabedoria de um rei – mas ele a amaldiçoara com um corpo de mulher, também. Nenhuma mulher jamais comandara as Ilhas de Ferro. *Ela jamais deveria ter levantado uma pretensão. Ela deveria ter falado a favor de Victarion, acrescentado sua força à dele.*

Não era tarde demais, Aeron decidira enquanto estremecia no mar. Se Victarion tomasse Asha como esposa, eles poderiam ainda comandar juntos, rei e rainha. Nos dias antigos, cada ilha tinha seu Rei de Sal e seu Rei de Pedra. *Que o Costume Antigo retorne.*

Aeron Cabelo-Molhado se debatera até a costa, cheio de determinação feroz. Ele derrubaria Euron, não com espada ou machado, mas com o poder de sua fé. Andando levemente pelas pedras, com o cabelo negro comprimido pela úmido sobre testa e bochechas, ele parou por um momento para tirá-lo dos olhos.

E foi onde o pegaram, os mudos que o haviam estado observando, esperando por ele, espreitando por entre margem e maresia. Uma mão tampara sua boca e algo duro se quebrara contra a parte de trás de seu crânio.

Da próxima vez em que abrisse seus olhos, o Cabelo-Molhado se virou acorrentado na escuridão. Então vieram a febre e o gosto de sangue na boca, enquanto se contorcia nas correntes nas profundezas das entranhas do *Silêncio*. Um homem mais fraco poderia ter chorado, mas Aeron Cabelo-Molhado rezou, acordado, dormindo, até mesmo em seus sonhos febris ele rezou. *Meu deus está me testando. Devo ser forte, devo ser fiel.*

Uma vez, na masmorra antes desta, uma mulher lhe trouxera comida em vez do mudo de Euron. Uma coisinha jovem, roliça e bonita. Ela se vestia com a fineza de uma senhora das terras verdes. À luz do lampião, era a coisa mais encantadora que Aeron jamais vira.

“Mulher,” ele disse. “Sou um homem de deus. Ordeno que me liberte.”

“Oh, eu não poderia fazer isso,” disse ela. “Trouxe comida para você. Mingau e mel.” Ela se sentou ao lado dele num tamborete e lhe deu na boca com uma colher.

“O que é este lugar?” ele perguntou entre colheradas.

“O castelo do senhor meu pai em Escudo de Carvalho.” *As Ilhas Escudo, a mil léguas de casa.*

“E quem é você, menina?”

“Falia Flowers, filha natural de Lorde Hewett. Serei esposa de sal do Rei Euron. Você e eu seremos parentes, então.”

Aeron Cabelo-Molhado levantou os olhos em direção aos dela. Havia uma crosta de mingau molhado em seus lábios rachados. “Mulher.” As correntes tiniram quando ele se moveu. “Fuja. Ele a machucará. Ele a matará.”

Ela riu. “Bobo, ele não irá. Sou o amor dele, a senhora dele. Ele me dá presentes, tantos presentes. Sedas e peles e jóias. *Trapos e pedras, é como as chama.*”

O Olho de Corvo não dá valor a essas coisas. Essa era uma das coisas que atraía homens ao serviço dele. A maioria dos capitães detinha a parte do leão de seus saques, mas Euron não ficava com quase nada para si.

“Ele me dá qualquer vestido que eu quiser,” a menina tagarelava alegremente. “Minhas irmãs costumavam me fazer servi-las à mesa, mas Euron as fez servir todo o salão nuas! Por que ele faria isso, senão por amor a mim?” Ela pôs a mão na barriga e alisou o tecido de seu vestido.

“Vou dar filhos a ele. Tantos filhos...”

“Ele *tem* filhos.”

“Meninos ilegítimos e mestiços, diz Euron. Meus filhos virão antes deles, ele jurou, jurou por seu próprio Deus Afogado!”

Aeron teria chorado por ela. *Lágrimas de sangue*, pensou ele. “Você deve portar uma mensagem minha para meu irmão. Não Euron, mas *Victarion*, Senhor Capitão da Frota de Ferro. Sabe de que homem estou falando?”

Falia deu um passo para trás. “Sim,” disse ela. “Mas eu não poderia levar nenhuma mensagem a ele. Ele partiu.”

“Partiu?” Aquele foi o golpe mais cruel de todos. “Partiu para onde?”

“Leste,” disse ela. “com todos os navios dele. Ele deve trazer a rainha dragão a Westeros. Serei a esposa de sal de Euron, mas meu amor deve ter uma esposa de pedra também, uma rainha para comandar todo Westeros a seu lado. Dizem que ela é a mulher mais bela do mundo, e ela tem dragões. Seremos tão próximas quanto irmãs!”

Aeron Cabelo-Molhado mal a ouvira. *Victarion partiu, está a meio mundo de distância ou morto*. Certamente o Deus Afogado o estava testando. Essa era uma lição. *Não deposite sua confiança em homens. Apenas minha fé pode me salvar agora.*

Naquela noite, quando a maré veio invadindo a cela da prisão, ele rezou para que ela subisse a noite toda, o bastante para acabar com seu tormento. *Tenho sido seu fiel e leal servo*, rezou, se contorcendo nas correntes. *Agora arranque-me das mãos de meu irmão, e me leve para debaixo das ondas, para estar sentado a seu lado!*

Mas nenhuma libertação chegou. Apenas os mudos, desatando as correntes o arrastando bruscamente por uma longa escada de pedra até onde o Silêncio flutuava em um frio mar negro.

E alguns dias depois, enquanto o casco estremecia, pego por alguma tempestade, o Olho de Corvo desceu novamente, lampião à mão. Desta vez sua outra mão segurava um punhal. “Ainda rezando, sacerdote? Seu deus o abandonou.”

“Você está errado.”

“Fui eu quem o ensinou a rezar, irmãozinho. Esqueceu? Eu visitava seu quarto de dormir à noite quando tinha bebido demais. Você dividia um quarto com Urrigon no alto da Torre do Mar. Eu podia ouvir você rezando do lado de fora da porta. Eu sempre imaginava: você estava rezando para que eu o escolhesse, ou para que passasse por você?” Euron apertou a faca contra a garganta de Aeron. “Reze para mim. Implore para que eu acabe com seu tormento, e o farei.”

“Nem você ousaria,” disse o Cabelo-Molhado. “Sou seu irmão. Nenhum homem é mais amaldiçoado que o fratricida.”

“E ainda assim eu uso uma coroa e você apodrece em correntes. Como é que seu Deus Afogado permite isso depois de eu ter matado três irmãos?”

Aeron só pôde olhar para ele embasbacado. “Três?”

“Bem, se você contar *meio*-irmãos. Você se lembra do pequeno Robin? Criaturinha miserável. Você se lembra daquela cabeçorra dele, como era *mole*? Tudo que ele conseguia fazer era miar e cagar. Ele foi meu segundo. Harlon foi meu primeiro. Tudo que precisei fazer foi apertar o nariz dele. A escamagris transformara a boca dele em pedra, então ele não conseguia gritar. Mas os olhos dele ficaram frenéticos enquanto morria. Eles me imploravam. Quando a vida se esvaiu deles, eu saí e mijei no mar, esperando o deus me abater. Nenhum o fez. Oh, e Balon foi o terceiro, mas você sabia disso. Não pude fazê-lo pessoalmente, mas foi minha mão que o empurrou da ponte.” O Olho de Corvo apertou a adaga um pouco mais fundo, e Aeron sentiu sangue gotejando pelo pescoço. “Se seu Deus Afogado não me castigou por matar três irmãos, por que ele se moveria pelo quarto? Porque você é sacerdote dele?” Ele deu um passo atrás e embainhou o punhal. “Não, não vou matá-lo esta noite. Um homem sagrado com sangue sagrado. Posso precisar desse sangue... depois. Por agora, está condenado a viver.”

Homem sagrado com sangue sagrado, pensou Aeron quando seu irmão estivera de volta ao convés. *Ele zomba de mim e zomba do deus. Fratricida. Blasfemador. Demônio em pele humana*. Naquela noite ele rezou pela morte do irmão.

Foi na segunda masmorra que os outros homens sagrados começaram a aparecer para compartilhar de seus tormentos. Três usavam os mantos de septões das terras verdes, e um a veste vermelha de um sacerdote de R'hllor. O último mal estava reconhecível como um homem. Ambas as mãos haviam sido queimadas até o osso, e seu rosto era um horror

carbonizado e enegrecido, em que dois olhos cegos se moviam sem visão sobre as bochechas rachadas pingando pus. Ele morrera poucas horas depois de ser acorrentado à parede, mas os mudos deixaram o corpo amadurecendo por três dias.

Por último, dois magos do leste, com peles brancas como cogumelos, e lábios de um azul-púrpura como o de um hematoma feio, tão descarnados e famintos que só restavam pele e ossos. Um perdera as pernas. Os mudos o haviam pendurado em uma viga. “Pree,” ele gritava enquanto balançava para frente e para trás. “Pree, pree.”

Talvez esse fosse o nome do demônio que ele adora. *O Deus Afogado me protege*, o sacerdote disse a si mesmo. *Ele é mais forte que os falsos deuses que esses outros adoram, mais forte que as feitiçarias negras deles. O Deus Afogado me libertará.*

Em seus momentos mais sãos, Aeron indagava por que o Olho de Corvo estava arrebanhando sacerdotes, mas pensou que não gostaria da resposta. Victarion se fora, e com ele, a esperança. Os Homens Afogados de Aeron provavelmente pensavam que o Cabelo-Molhado estava escondido em Velha Wyk, ou Grande Wyk, ou Pyke, e se perguntavam quando ele surgiria para falar contra o rei sem deus.

Urrigon assombrava seus sonhos febris. *Você está morto, Urri*, pensava Aeron. *Durma agora, menino, e não me perturbe mais. Em breve me juntarei a você.*

Sempre que Aeron rezava, o mago sem pernas fazia barulhos estranhos, e seu companheiro balbuciava descontroladamente em sua estranha língua oriental, embora o sacerdote não soubesse dizer se estavam amaldiçoando ou implorando. Os septões faziam ruídos suaves de tempos em tempos também, mas não com palavras que ele pudesse entender. Aeron suspeitava que as línguas deles tivessem sido cortadas fora.

Quando Euron veio novamente, o cabelo dele estava puxado para trás de sua testa, e os lábios quase pretos, de tão azuis. Ele pusera de lado sua coroa de madeira trazida pelo mar. Em seu lugar, usava uma coroa de ferro cujas pontas eram feitas de dentes de tubarões.

“Aquilo que está morto não pode morrer,” disse Aeron ferozmente. “Pois aquele que sentiu a morte uma vez não precisa temer nunca mais. Ele foi afogado, mas veio à tona mais uma vez, com aço e fogo.”

“Fará o mesmo, irmão?” Euron perguntou. “Creio que não. Penso que se eu o afogasse, você continuaria afogado. Todos os deuses são mentiras, mas o seu é risível. Um coisa branca

pálida parecida com um homem, os membros quebrados e inchados e o cabelo sacudindo na água enquanto peixes mordiscam seu rosto. Que idiota adoraria isso?”

“Ele é seu deus também,” insistiu o Cabelo-Molhado. “E quando você morrer, ele irá julgá-lo rigorosamente, Olho de Corvo. Você passará a eternidade como uma lesma marinha, rastejando sobre sua barriga e comendo merda. Se não teme matar seu próprio sangue, corte minha garganta e acabe comigo. Estou cansado de suas vanglórias loucas.”

“Matar meu próprio irmãozinho? Sangue de meu sangue, sangue da virilha de Quellon Greyjoy? E então quem compartilharia de meus triunfos? A vitória é mais doce com alguém amado a seu lado.”

“Suas vitórias são ocas. Você não pode manter as Escudos.”

“Por que eu quereria mantê-las?” O olho sorridente de seu irmão cintilava à luz do lampião, azul e audaz e cheio de malícia. “As Escudos serviram a meus propósitos. Eu as tomei com uma mão, e as dei com a outra. Um grande rei tem a mão aberta, irmão. Cabe aos novos senhores mantê-las agora. A glória de conquistar aquelas rochas será minha eternamente. Quando elas forem perdidas, a derrota pertencerá aos quatro idiotas que tão avidamente aceitaram meus presentes.” Ele chegou mais perto. “Nossos dracares estão invadindo o Vago ao longo de toda a costa, até à Árvore e os Estreitos Redwyne. O Costume Antigo, irmão.”

Loucura. “Liberte-me,” Aeron Cabelo-Molhado ordenou em sua voz mais austera. “ou arrisque a ira de deus!”

Euron fez aparecer um garrafa de pedra esculpida e um cálice de vinho. “Você tem um ar sedento,” disse, enquanto servia. “Precisa de uma bebida; um trago da sombra da tarde.”

“Não.” Aeron virou o rosto. “*Não*, eu disse.”

“E eu disse sim.” Euron puxou sua cabeça para trás pelo cabelo e forçou a bebida vil para dentro de sua boca novamente. Apesar de Aeron ter fechado a boca, virando a cabeça de um lado para outro, lutando o melhor que podia, no final ele teve de escolher entre engasgar ou engolir.

Os sonhos foram ainda piores da segunda vez. Ele viu os dracares dos Homens de Ferro à deriva e queimando em um mar fervente e vermelho-sangue. Ele viu o irmão no Trono de Ferro novamente, mas Euron não era mais humano. Parecia mais polvo que homem, um

monstro concebido por uma lula gigante das profundezas, seu rosto uma massa de tentáculos se contorcendo. Ao lado dele estava uma sombra em forma de mulher, comprida e alta e terrível, as mãos vivas com pálido fogo branco. Anões saltitavam para a diversão deles, homens e mulheres, nus e disformes, emaranhados em conjunção carnal, mordendo e rasgando uns aos outros enquanto Euron e seu par riam e riam e riam...

Aeron sonhou que se afogava, também. Não com o êxtase que certamente se seguiria nos salões de água do Deus Afogado, mas com o terror que até o fiel sente quando a água enche sua boca e nariz e pulmões, e ele não consegue respirar. Três vezes o Cabelo-Molhado acordou, e três vezes se provou não ser um verdadeiro despertar, apenas mais um capítulo em um sonho.

Mas, finalmente, chegou um dia em que a porta da masmorra se abriu, e um mudo veio espadanando sem comida nas mãos. Ao invés disso, ele tinha um molho de chaves em uma mão, e um lampião na outra. A luz estava brilhante demais para ser contemplada, e Aeron tinha medo do que aquilo significava. *Brilhante e terrível. Algo mudou. Algo aconteceu.*

“Traga-os”, disse uma voz meio familiar na obscuridade infeliz. “Rápido com isso, você sabe como ele fica.”

Oh, eu sei. Sei desde que era menino.

Um septão fez um ruído assustado quando o mudo lhe desatou as correntes, um som meio sufocado que poderia ter sido uma tentativa de falar. O mago sem pernas olhava para a água negra abaixo, seus lábios se movendo silenciosamente em uma oração. Quando o mudo veio a Aeron, ele tentou lutar, mas a força se esvaíra de seus membros, e um golpe foi o necessário para aquietá-lo. Um pulso desalgemado, e então o outro. *Livre*, ele disse a si mesmo. *Estou livre.*

Mas quando tentou dar um passo, as pernas enfraquecidas se dobraram sob si. Nenhum dos prisioneiros estava apto o bastante para andar. No final, os mudos tiveram de convocar mais de seu tipo. Dois deles agarraram Aeron pelo braço e o arrastaram por uma escada em espiral. Seus pés batiam com estrondo contra os degraus enquanto subiam, causando dores perfurantes perna. Ele mordeu os lábios para evitar gritar. O sacerdote podia ouvir os magos logo atrás de si. Os septões fechavam a retaguarda, soluçando e arfando. A cada curva da escada, os degraus se tornavam mais claros, até que finalmente uma janela apareceu na parede à esquerda. Era apenas uma fenda na pedra, da largura de uma mão, mas grande o bastante para comportar um raio de luz do sol.

Tão dourada, o Cabelo-Molhado pensou. *Tão bela*.

Quando o puxaram pelos degraus sob a luz, ele sentiu o calor sobre o rosto, e lágrimas escorreram por suas bochechas. *O mar. Posso sentir o cheiro do mar. O Deus Afogado não me abandonou. O mar me fará inteiro novamente! O que está morto não pode morrer, mas volta a erguer-se, mais duro e mais forte...*

“Levem-me à água,” ele ordenou, como se ainda estivesse nas Ilhas de Ferro cercado por seus Homens Afogados, mas os mudos eram criaturas de seu irmão e não lhe deram atenção. Eles o arrastaram por mais alguns degraus de pedra, descendo por uma galeria iluminada por archotes, e para dentro de um salão gelado onde uma dúzia de corpos pendiam das vigas, girando e balançando. Uma dúzia dos capitães de Euron estavam reunidos no salão, bebendo vinho debaixo dos cadáveres. Lucas Mão-Esquerda Codd sentava no lugar de honra, vestindo uma pesada tapeçaria de seda como capa. Ao lado dele estava o Remador Vermelho, e mais além John Meyer Cara-apertada, Mão-de-pedra, e Rogin Barba-de-Sal.

“Quem são estes mortos?”, ordenou Aeron. Sua língua estava tão grossa que as palavras saíram em um sussurro enferrujado, fraca como um rato peidando.

“O senhor que mantinha este castelo, com seus parentes.” A voz pertencia a Torwold Dentemarrom, um dos capitães de seu irmão, uma criatura quase tão vil quanto o próprio Olho de Corvo.

“Porcos,” disse outra vil criatura, aquele a quem chamavam de Remador Vermelho. “Esta era a ilha deles. Uma pedra, logo à beira da Árvore. Ousaram grunhir ameaças a nós. Redwyne, *oinc*. Hightower, *oinc*. Tyrell, *oinc, oinc, oinc!* Então os mandamos guinhcando para o inferno.”

A Árvore. Nunca, desde que o Deus Afogado o abençoara com uma segunda vida, Aeron se aventurara tão longe das Ilhas de Ferro. *Este não é meu lugar. Eu não pertenço a ele. Deveria estar com meus Homens Afogados, pregando contra o Olho de Corvo.*

“Seus deuses foram bons para vocês na escuridão?” perguntou Lucas Mão-Esquerda Codd.

Um dos magos rosou uma resposta em sua feia língua oriental.

“Amaldiçoo-os todos,” disse Aeron.

“Suas maldições não têm poder aqui, sacerdote,” disse Lucas Mão-Esquerda Codd. “O Olho de Corvo alimentou bem seu Deus Afogado, e ele engordou com os sacrifícios. Palavras são vento, mas sangue é poder. Demos milhares ao mar, e ele nos deu vitórias!”

“Considere-se abençoado, Cabelo-Molhado,” disse Mão-de-pedra. “Estamos voltando ao mar. A frota Redwyne se aproxima de nós. Os ventos têm estado contra eles ao redor de Dorne, mas finalmente se aproximaram o bastante para encorajar as velhas de Vilavelha, então agora os filhos de Leyton Hightower descem pela Enseada dos Murmúrios na esperança de nos pegarem por trás.”

“Você sabe como é ser pego por trás, não é?” disse o Remador Vermelho, rindo.

“Levem-nos aos navios,” ordenou Torwold Dentemarrom.

E então, Aeron Cabelo-Molhado retornou ao mar de sal. Uma dúzia de dracares estava posicionada no cais abaixo do castelo, e o dobro atracados ao longo da costa. Estandartes familiares pendiam de seus mastros: a lula gigante Greyjoy, a lua sangrenta de Wynch, o berrante de guerra dos Goodbrother. Mas em suas popas tremulava uma bandeira que o sacerdote nunca vira antes: um olho vermelho com uma pupila negra, abaixo de uma coroa de ferro carregada por dois corvos.

Para além deles, uma hoste de navios mercantes flutuava em um tranquilo mar turquesa. Cocas, carracas, barcos de pesca, até uma grande coca, um navio inchado tão grande quanto um Leviatã. *Espólios de guerra*, soube o Cabelo-Molhado.

Euron Olho de Corvo estava em pé no convés do *Silêncio*, vestido em uma armadura negra de escamas como nada que Aeron houvesse visto antes. Era escura como fumaça, mas Euron a vestia tão facilmente como se fosse a mais fina seda. As escamas eram contornadas com ouro vermelho, e cintilavam e brilhavam quando se mexiam. Padrões podiam ser vistos dentro do metal, espirais e glifos e símbolos arcanos dobrados no aço.

Aço valiriano, soube o Cabelo-Molhado. *A armadura dele é de aço valiriano*. Em todos os Sete Reinos, nenhum homem possuía uma veste de aço valiriano. Coisas como essa haviam sido conhecidas 400 anos antes, nos dias antes da Perdição, mas mesmo então, teriam custado um reino.

Euron não mentiu. Ele esteve em Valíria. Não era surpresa que ele era louco.

“Vossa Graça,” disse Torwold Dentemarrom. “Estou com os sacerdotes. O que quer que seja feito com eles?”

“Amarre-os às proas,” ordenou Euron. “Meu irmão no *Silêncio*. Leve um para você. Os homens podem disputar os outros no jogo, um para cada navio. Deixe que sintam a maresia, o beijo do Deus Afogado, molhado e salgado.”

Desta vez, os mudos não o arrastaram para baixo. Ao invés disso, o amarraram à proa do *Silêncio*, ao lado de sua figura, uma donzela nua magra e forte com braços esticados e cabelo soprado pelo vento... mas sem boca abaixo do nariz.

Amarraram Aeron Cabelo-Molhado apertado com tiras de couro que apertariam quando molhadas, vestido apenas com barba e tanga. O Olho de Corvo deu uma ordem; uma vela negra foi içada, cordas foram lançadas, e o *Silêncio* se distanciou da costa na batida lenta do tambor do mestre de remos, com os remos subindo e mergulhando e subindo novamente, agitando a água. Acima deles, o castelo queimava, chamas lambendo as janelas abertas.

Quando estavam bem mar adentro, Euron voltou a ele. “Irmão,” disse ele, “você parece desamparado. Tenho um presente para você.” Ele acenou, e dois de seus filhos bastardos arrastaram a mulher adiante e a amarraram à proa, do outro lado da figura. Nua como a donzela sem boca, a barriga lisa dela ainda começando a inchar com a criança que carregava, as bochechas vermelhas de lágrimas, ela não lutou quando os meninos apertaram suas amarras. O cabelo dela pendia na frente de seu rosto, mas Aeron a reconheceu mesmo assim.

“*Falia Flowers*,” ele chamou. “Tenha coragem, menina! Tudo isso estará terminado em breve, e nós banquetearemos juntos nos salões de água do Deus Afogado.”

A menina levantou a cabeça, mas não respondeu. *Ela não tem língua para responder*, soube Cabelo-Molhado. Ele lambeu os lábios, e sentiu o gosto de sal.